UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

LAURA CRISTHINA FIORE FERREIRA

***La Chiara Fama:* Tradução comentada de cartas selecionadas de Giuseppe Ungaretti
para Leone Piccioni**

Versão Corrigida

São Paulo

2018

LAURA CRISTHINA FIORE FERREIRA

***La Chiara Fama:* Tradução comentada de cartas selecionadas de Giuseppe Ungaretti
para Leone Piccioni**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de “Mestre em Letras”, no Programa: Letras (Língua, Literatura e Cultura Italianas).

Área de Concentração: Língua, Literatura e Cultura Italianas

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Wataghin

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F3831 Ferreira, Laura Cristhina Fiore
 La Chiara Fama: Tradução comentada de cartas
 selecionadas de Giuseppe Ungaretti para Leone
 Piccioni / Laura Cristhina Fiore Ferreira ;
 orientadora Lucia Wataghin. - São Paulo, 2018.
 94 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
 Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
 concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

 1. Giuseppe Ungaretti. 2. Leone Piccioni. 3.
 epistolografia. 4. tradução comentada. I. Wataghin,
 Lucia, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Laura Cristhina Fiore Ferreira

Data da defesa: 04 / 12 / 2018

Nome do Prof. (a) orientador (a): Lucia Wataghin

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 06 / 03 / 2019

Lucia Wataghin

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: FERREIRA, Laura Cristhina Fiore

Título: *La Chiara Fama*: Tradução comentada de cartas selecionadas de Giuseppe Ungaretti para Leone Piccioni

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de “Mestre em Letras”, no Programa: Letras (Língua, Literatura e Cultura Italianas).

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

À minha mãe, por tudo
Às minhas irmãs, que sempre estão por perto
Às minhas sobrinhas, que tanto me ensinam

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Lucia Wataghin, que vem acreditando em mim, acompanhando e incentivando meu trabalho desde a graduação, sempre iluminando meu caminho pelo mundo de Ungaretti, com muita paciência.

Ao Prof. Marcos Antonio de Moraes, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, por me introduzir ao mundo das cartas em suas aulas e por proporcionar novas ideias.

Às amigas Cecilia, Fátima, Monica e Raquel, que souberam entender as minhas ausências.

RESUMO

FERREIRA, L. C. F., ***La Chiara Fama: Tradução comentada de cartas selecionadas de Giuseppe Ungaretti para Leone Piccioni***. 2018. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Ao retornar à Itália em 1942, após alguns anos no Brasil lecionando na Universidade de São Paulo, Ungaretti foi nomeado professor de literatura na Universidade de Roma. Apesar de alguns percalços posteriores relativos a tal nomeação, Ungaretti permaneceu na universidade até se aposentar, e alguns de seus alunos, assim como ocorreu no Brasil, acabaram por formar vínculos mais fortes com o poeta. Um desses alunos foi Leone Piccioni, filho de Attilio Piccioni, um dos fundadores do partido *Democrazia Cristiana* e mais tarde ministro e senador. Em 1945 Leone Piccioni, vindo da Universidade de Florença e portando uma carta de apresentação de Giuseppe De Robertis, encontrou-se com Ungaretti, quando então discutiram os possíveis temas da *tesi di laurea* de Piccioni. Foi a partir de então que Ungaretti e Piccioni começaram a trocar cartas. Ambos moravam em Roma e, embora se encontrassem com bastante frequência e sempre conversassem pelo telefone, Ungaretti sentia necessidade de escrever para Piccioni após ter refletido a respeito de alguma discussão. A correspondência teve início em julho de 1946 e terminou em maio de 1969 – tendo Ungaretti morrido em junho de 1970. Essas cartas foram publicadas em um volume na Itália, *L'allegria è il mio elemento*, em 2013, e nos mostram um Ungaretti mais preocupado com a construção da sua carreira e da sua vida profissional. A análise dessas cartas nos traz novos elementos da vida de Ungaretti que contribuem para uma compreensão mais aprofundada do poeta e de sua obra. Assim, o objetivo deste trabalho é selecionar, traduzir e contextualizar cartas constantes de tal volume, apresentando quatro aspectos da construção da sua persona pública e profissional que se sobressaíram dessa análise: a *chiara fama* (ou notório saber), a busca pelo Nobel, o poeta injustiçado e o poeta festejado.

Palavras-chave: Giuseppe Ungaretti; Leone Piccioni; epistolografia; tradução comentada

ABSTRACT

FERREIRA, L. C. F., *La Chiara Fama: Commented translation of selected letters from Giuseppe Ungaretti to Leone Piccioni*. 2018. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

After returning to Italy in 1942, having spent a few years in Brazil teaching at University of São Paulo, Ungaretti was appointed professor of literature at University of Rome. Despite some later obstacles related to such appointment, Ungaretti remained at the University until his retirement, and some of his students, as in Brazil, ended up by creating stronger bonds with the poet. One of these students was Leone Piccioni, son of Attilio Piccioni, one of the founders of the party *Democrazia Cristiana*, and later minister and senator. In 1945 Leone Piccioni, coming from University of Florence and having a letter of introduction from Giuseppe De Robertis, met Ungaretti to discuss possible subjects of Piccioni's *tesi di laurea*. It was from then on that Ungaretti and Piccioni started to write each other. Both lived in Rome and, though they often met and always talked on the phone, Ungaretti felt the need of writing to Piccioni after having considered some discussion they had. The correspondence started in July 1946 and ended in May 1969, having Ungaretti died in June 1970. These letters were published in Italy in a book called *L'allegria è il mio elemento*, in 2013, and show us an Ungaretti that is more concerned with the development of his career and professional life. The analysis of these letters gives us new elements of Ungaretti's life that contribute to a deeper understanding of the poet and his work. Thus, the purpose of this work is to select, translate and provide the context of letters included in such book, presenting four aspects of the construction of his public and professional persona that stood out in this analysis: *chiara fama* (widely recognized erudition), search for the Nobel prize, the wronged poet and the celebrated poet.

Key words: Giuseppe Ungaretti; Leone Piccioni; epistolography; commented translation

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1: O POETA MISSIVISTA	18
Capítulo 2: <i>LA CHIARA FAMA</i>	23
Capítulo 3: RECONHECIMENTO INSTITUCIONAL: O PRÊMIO NOBEL	30
Capítulo 4: O POETA INJUSTIÇADO	44
Capítulo 5: O POETA FESTEJADO	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
BIBLIOGRAFIA	65
APÊNDICE	68

INTRODUÇÃO

Numa tarde do dia 20 de novembro de 1945 o jovem estudante Leone Piccioni bateu à porta do poeta e professor Giuseppe Ungaretti. Tinha em mãos uma carta de apresentação de Giuseppe De Robertis¹, seu professor em Florença e amigo de Ungaretti, e iria pedir a este último que o orientasse na sua *tesi di laurea*.² Pedido aceito, uma longa relação de amizade acabou se estabelecendo a partir de então, que apenas terminou com a morte do poeta em 1970. Piccioni, ao longo desses 25 anos, foi aluno, amigo, companheiro de viagens, biógrafo, crítico e organizador da obra de Ungaretti. Mais do que isso, Piccioni esteve ao lado do mestre em diversas situações, boas e ruins. Quando Jeanne, a mulher de Ungaretti, morreu, Piccioni estava junto ao seu leito no hospital, com a filha de Ungaretti, e prestou todo o apoio que apenas verdadeiros amigos prestam nesse momento.³ Piccioni acompanhou Ungaretti em várias viagens, como a que fizeram à União Soviética em 1963, para o congresso dos escritores, presidido pelo poeta.⁴ Também estava com Ungaretti em uma noitada na casa do irmão de Piccioni, em 1969, com Vinicius de Moraes, quando se cantou muita música brasileira e se bebeu muito uísque.⁵ Piccioni deu o suporte que Ungaretti precisava quando a cadeira de literatura italiana moderna e contemporânea na Universidade de Roma ocupada por Ungaretti estava para ser tirada dele.⁶ A ajuda também ocorreu, e de forma bem mais presente, na campanha para o prêmio Nobel. De forma semelhante, Ungaretti também se dedicava ao antigo aluno, por quem tinha muita estima, como disse em diversas oportunidades em cartas para Bruna Bianco⁷: “Eu lhe quero bem como se fosse meu filho, e ele me quer bem como a um pai que sabe conduzir mesmo sendo um pouco louco”.⁸ Ungaretti se preocupava com a saúde do amigo, acompanhou o crescimento de seus filhos, demonstrava

¹ Giuseppe De Robertis (1888-1963), crítico literário e professor universitário italiano.

² GARAMPI, S.Z., “Cerco un paese innocente”, in UNGARETTI, G. *L'allegria è il mio elemento*, Milano: Mondadori, 2013, p.xi

³ PICCIONI, L. *Vita di un poeta*, Milano: Rizzoli Editore, 1970, p.183/184

⁴ Ibidem, p.196

⁵ Ibidem, p.218/219

⁶ Ver capítulo 2.

⁷ Ungaretti conheceu Bruna Bianco, na época uma jovem poeta – hoje advogada – ítalo-brasileira, em uma viagem que fez ao Brasil em 1966 e tiveram um relacionamento amoroso que durou até 1969.

⁸ UNGARETTI, G. *Lettere a Bruna*, Milano: Mondadori, 2017, p. 193.

interesse pelos problemas da família, como por exemplo quando o irmão de Piccioni foi acusado da morte de uma moça.⁹

Pouco antes de terminar sua *tesi*, Piccioni começou a trabalhar como jornalista aprendiz na RAI, para logo se tornar jornalista profissional, momento em que começou a desenvolver trabalhos voltados para a cultura. É nessa época que surge *L'approdo*, um programa de rádio que teve início em Firenze em 1945, dando origem nos anos 1950s a uma revista trimestral chamada *L'Approdo letterario*.¹⁰ Mais tarde, em 1963, Piccioni idealiza a versão televisiva da revista, que é transmitida até 1972. Ungaretti colaborou de forma intensa tanto com os programas de rádio e de TV como com a revista, seja por meio dos seus trabalhos ou indicações de trabalhos de outras pessoas, ou mesmo por meio de conselhos e sugestões.

Foi a partir de então que Ungaretti e Piccioni começaram a trocar cartas. Ambos moravam em Roma e, segundo Silvia Zoppi Garampi, organizadora da correspondência, eles se encontravam com bastante frequência e sempre conversavam pelo telefone, mas mesmo assim Ungaretti sentia necessidade de escrever para Piccioni após ter refletido a respeito de alguma discussão, de forma a dar continuidade à conversa.¹¹ As cartas que Ungaretti enviou para Piccioni, e algumas das respostas deste, num total de trezentas cartas, foram reunidas em 2013 em um volume organizado por Silvia Zoppi Garampi e com testemunho do próprio Leone Piccioni, intitulado *L'allegria è il mio elemento*.¹² A correspondência teve início em julho de 1946 e terminou em maio de 1969 – tendo Ungaretti morrido em junho de 1970. Não encontramos nessas cartas discussões acerca do processo criativo de Ungaretti, mas sim questões de cunho mais pragmático, como a publicação da obra de Ungaretti e a organização de volumes relacionados à sua obra, sua candidatura ao Prêmio Nobel, problemas com a sua nomeação como professor da Universidade de Roma, pedidos de ajuda a conhecidos, indicações de autores e trabalhos a serem publicados na revista ou apresentados no programa, sua opinião sobre outros escritores e críticos e viagens, além de assuntos pessoais, que incluem o relacionamento que Ungaretti teve já no final da vida com a poeta ítalo-brasileira Bruna Bianco. Concordando com a afirmação de Garampi, Leone Piccioni foi, assim, um

⁹ Em setembro de 1954 Piero Piccioni foi preso pelo envolvimento na morte da jovem Wilma Montesi, ocorrido em abril daquele ano. Piero foi a julgamento e absolvido em janeiro de 1957. (Ungaretti, supra n.1, p. 79, n. 1)

¹⁰ O conteúdo das edições da revista *L'approdo letterario* estão disponíveis em <http://www.approdoletterario.teche.rai.it/Default.aspx> (acessado em 26.10.2018)

¹¹ GARAMPI, supra n. 2, p. 14.

¹² UNGARETTI, G. *L'allegria è il mio elemento*, Milano: Mondadori, 2013.

interlocutor privilegiado. É incontestável, portanto, a importância de tais cartas para uma compreensão mais aprofundada do poeta, uma vez que essa correspondência tem um alcance temporal significativo, que abrange os últimos 23 anos da vida de Ungaretti; é desenvolvida com um interlocutor que teve com o autor das cartas um relacionamento próximo que era não só profissional mas também pessoal; e envolve os mais diversos temas, sendo assim capaz de nos apresentar um outro Ungaretti, que vai além do seu papel de poeta, um Ungaretti ensaísta, tradutor, crítico e professor, consciente da sua importância na literatura italiana e que buscava o necessário reconhecimento na Itália e no exterior.

A influência de Ungaretti estende-se ao Brasil não apenas pelo fato de ter lecionado na Universidade de São Paulo¹³ mas também por ter voltado ao país em diversas ocasiões, quando proferiu palestras ou participou de encontro com outros escritores, críticos e intelectuais. Da mesma forma que Ungaretti influenciou os brasileiros, ele foi influenciado por diversos elementos da cultura do país. Um deles, que vários críticos mencionam, é o barroco. Conforme discorre o prof. Andrea Lombardi:

“E foi no Brasil que ele desenvolveu sua concepção sobre a obra de Leopardi e chegou a elaborar conceitos decisivos para sua própria obra: ‘Compreendi, claramente, no Brasil, o valor de choque que havia no barroco e por que razão, entre inocência e memória, entre natureza e razão, o encontro devesse sempre manifestar-se violento...’. Ou, ainda mais claramente: ‘Devo ao Brasil se cheguei a entender o barroco que inflige tanto tormento’.”¹⁴

Além disso, alguns anos depois de voltar para a Itália, Ungaretti publica uma pequena antologia de traduções brasileiras, com o título de *Poesia Brasileira*, “composta por uma breve série de textos representativos da tradição literária brasileira”, que abrangem de José de Anchieta a Vinicius de Moraes.¹⁵

Assim, tendo-se em vista a influência exercida por Ungaretti no Brasil e sobre Ungaretti pelo Brasil, torna-se relevante para os estudos de italianística, e mais especificamente para os estudos ungarettianos no Brasil, a análise da correspondência entre

¹³ Ver capítulo 2.

¹⁴ LOMBARDI, A. Intérprete errante. **Folha de São Paulo**, 21 de julho de 1996.

¹⁵ WATAGHIN, L., “Ungaretti e o Pau-Brasil, in WATAGHIN, L. (org.). *Brasil/Itália: Vanguardas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 205. Estão incluídas na antologia traduções de poesias de José de Anchieta, Tomás Antônio Gonzaga, Gonçalves Dias, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes.

Giuseppe Ungaretti e Leone Piccioni reunida no volume *L'allegria è il mio elemento*, citado acima.

A correspondência na literatura proporciona três perspectivas de estudo: como perfil biográfico, como movimentação nos bastidores da vida artística, e como “arquivo de criação”, este último a base da crítica genética. É nesse arquivo de criação que se encontram as diversas etapas do processo criativo, do embrião às críticas relativas à recepção da obra. A carta seria, dessa forma, a “crônica da obra de arte”. De acordo com Moraes, o conteúdo da correspondência traz “a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajuda a compreender os meandros da criação da obra”.¹⁶

Para Alain Pagès, a correspondência pode apresentar quatro funções. Primeiramente, ela pode ser a fonte da obra, onde iremos encontrar informações sobre o nascimento e desenvolvimento dessa obra. Como exemplo de um corpus extremamente rico, Pagès menciona as correspondências de Balzac e de Flaubert. A segunda função da correspondência seria o comentário de natureza estética e poética, ou seja, a correspondência é o local onde o autor pode explicar suas intenções, e assim é possível perceber a modificação ou a permanência da sua poética. A terceira função tem natureza cronológica, ao situar uma obra dentro de uma biografia. Finalmente, sua quarta função é a apresentação de informações precisas sobre a fabricação material da obra, ou seja, sobre a sua edição.¹⁷

Diaz, por sua vez, fala da carta como testemunho da gênese de uma obra literária, onde ela funciona como laboratório ou caixa registradora, diário da obra, bisturi postal até, onde o autor experimenta, descreve, explica, comenta o seu trabalho. Assim, “a carta pertence naturalmente à ‘exogênese’ – um documento exterior ao ‘dossier de arquivos’, reunido em torno do texto que está sendo escrito”.¹⁸ Diaz nos adverte então que devemos desconfiar da gênese exibicionista, que pode ser inventada pelo autor. Ou, como diz Moraes, o “correspondente epistolar, embora nem sempre se dê conta disso, é sempre um manipulador de sensações e de realidades”, de forma que devemos evitar soluções fáceis ou ingênuas que

¹⁶ MORAES, M.A. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**, vol. 59, nº 1, São Paulo, Jan./Mar. 2007. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100015. Acesso em 23 de abril de 2016.

¹⁷ LERICHE, F. e PAGÈS, A., “Avant-Propos”, in LERICHE, F. e PAGÈS, A. (orgs.), *Genèse & Correspondence*. Paris: Éditions Archives Contemporaines/ ITEM, 2012.

¹⁸ DIAZ, José-Luiz. “Qual genética para as correspondências?”, in *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética, n. 15, 2007.

resultam de deslumbramento.¹⁹ Assim, o gênero epistolar apresenta esse problema específico que deve ser levado em consideração ao se utilizar cartas para estudar seu autor, sendo necessário que o pesquisador fuja de um envolvimento emocional que a carta inevitavelmente propicia.

Além disso, ao estudar cartas, é preciso levar em consideração o destinatário. Argumenta-se que são necessários dois requisitos para que uma correspondência dure: o primeiro, que a princípio parece óbvio, é que o correspondente responda, e o segundo, que o destinatário não se deixe seduzir ou convencer por quem escreve – é necessário que ele ofereça resistência, retruque, se oponha. Beyasse, citado por Haroche-Bouzinac, explica o que deve ser um destinatário: “O verdadeiro correspondente é aquele que não desaparece com as respostas, que não se anula ao longo das trocas e cuja individualidade aparece em baixo-relevo através das errâncias reguladas do parceiro.”²⁰ Tendo isso em vista, vejamos como estão distribuídas as cartas entre Ungaretti e Piccioni durante os 23 anos de correspondência:

Tabela 1 - Distribuição de Cartas entre Giuseppe Ungaretti e Leone Piccioni, por ano

Ano	Ungaretti para Piccioni	Piccioni para Ungaretti
1946	03	
1947		02
1948	01	
1949	07	01
1950	08	03
1951	01	
1952	03	02
1953	02	
1954	22	07
1955	09	
1956	07	01
1957	03	
1958	06	01
1959	18	
1960	11	01
1961	14	
1962	17	02
1963	25	04
1964	13	05
1965	24	02
1966	19	08
1967	16	02
1968	15	04
1969	06	04

¹⁹ Ibidem.

²⁰ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*. São Paulo: Edusp, 2016, p. 122.

Das 298 cartas, 250 cartas foram escritas por Ungaretti, enquanto Piccioni escreveu apenas 48. Com exceção de 1947, ano em que Ungaretti não escreveu para Piccioni, há uma grande desproporção entre as cartas enviadas e recebidas. Foram poucas as vezes em que Piccioni respondeu para Ungaretti, o que parece contradizer a afirmação de Beyasse. Porém, uma possível justificativa para tal descompasso está no fato de que ambos viviam na mesma cidade e conversavam muito pessoalmente ou por telefone, de modo que Piccioni talvez preferisse responder oralmente às manifestações epistolares de Ungaretti.

Observamos na tabela que em 1954 há um salto muito grande em comparação ao número de cartas escritas por Ungaretti em 1953 – de 2 para 22 cartas. Isso se deve ao fato de que 1954 foi o ano da campanha para o prêmio Nobel, como veremos no Capítulo 3. Encontramos um número maior de cartas também nos anos de 1963 e 1965. Apesar de não ter ocorrido nenhum evento como em 1954, nos primeiros meses de 1963 Ungaretti enviou várias cartas para Piccioni tecendo comentários a respeito da transmissão pela TV do programa *L'Approdo*, que teve sua estreia em fevereiro daquele ano. Já em 1965 o evento de maior importância foi a lançamento em Paris de *À partir du désert*, a tradução francesa do livro *Il deserto e dopo*, coletânea de prosas de viagem e ensaios, que ocorreu em abril daquele ano.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é selecionar, traduzir e contextualizar a correspondência ativa de Giuseppe Ungaretti para Leone Piccioni, constante no volume *L'allegria è il mio elemento*, organizado por Silvia Zoppi Garampi e publicado em 2013 pela editora Mondadori. Diversas leituras das cartas ressaltaram um aspecto específico dessa correspondência: a frequência com que Ungaretti fazia referência à sua importância como poeta italiano, mencionando sempre a maneira como era tratado por escritores ou autoridades ou acadêmicos, os elogios recebidos em público ou em particular, ou ainda o modo como era festejado no exterior. O conteúdo das primeiras cartas de Ungaretti a Piccioni diz respeito ao problema que o poeta enfrentava na época com relação ao seu cargo na *Università di Roma*, e apresenta argumentos para a manutenção da cátedra, focando especialmente na sua *chiara fama*.

A partir daí, observamos ao longo da correspondência referências à sua importância como o maior poeta italiano vivo, segundo o próprio Ungaretti chega a afirmar, como se fosse preciso convencer Piccioni do seu valor. É possível inferir também que Ungaretti, consciente

da sua importância como poeta, ao escrever para Piccioni já previa a possibilidade de que suas cartas um dia seriam publicadas, de forma que, ao mencionar sempre a maneira como era reconhecido fora da Itália, estivesse já construindo um personagem pelo qual ele gostaria de ser reconhecido pela posteridade.

Com base nisso, decidiu-se trabalhar mais especificamente com as cartas que evidenciassem esses aspectos particulares. Assim, dividiremos o trabalho em cinco capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos um breve panorama da correspondência de Ungaretti ao longo de sua vida para, no segundo capítulo, entrarmos na correspondência com Piccioni. Assim, será traduzida, contextualizada e discutida a segunda carta do volume, onde Ungaretti apresenta mais argumentos na defesa da sua manutenção na cátedra de literatura italiana da *Università di Roma*, trazendo elementos que tenham relação com esse tema. É nessa carta que surge pela primeira vez a expressão *chiara fama*, e será explicado por que manteremos o termo no original em italiano.

O terceiro capítulo tratará das cartas relativas à sua campanha para obtenção do prêmio Nobel. Em 1954 é publicado na França um volume com poesias de Ungaretti, *Les cinq livres*, o que levou, segundo Ungaretti, os jornais franceses a sugerirem sua indicação ao Prêmio Nobel. Nesse ano encontramos 15 cartas em que Ungaretti escreve para Piccioni seja discutindo as estratégias da campanha para sua indicação, seja buscando o apoio do pai de Piccioni, Attilio Piccioni, que era então Ministro das Relações Exteriores, e por meio disso o apoio do governo. O Nobel também é tema de algumas cartas em 1968. Essas cartas serão traduzidas, contextualizadas e discutidas neste capítulo.

São encontradas na correspondência diversas cartas em que Ungaretti se queixa da forma injusta com que é tratado na Itália, o que ele atribui já no *post scriptum* da segunda carta ao fato de ter sido nomeado *Accademico d'Italia*.²¹ Em carta de 1965 Ungaretti faz uma defesa de si mesmo, apresentando a Piccioni fatos que tinham por objetivo demonstrar que havia agido de forma correta durante a Resistência. Em 1969 Ungaretti envia a Piccioni um esclarecimento relativo ao prefácio que Mussolini havia escrito para uma reedição de *Il porto sepolto*, publicada em 1923, para ser inserido no volume com sua obra completa que estava sendo organizado por Piccioni. Assim, nesse quarto capítulo serão traduzidas as cartas

²¹ Para uma explicação sobre o que é a *Accademia d'Italia*, ver o Capítulo 4.

relativas a essa “injustiça”, que incluirá uma discussão sobre a ligação de Ungaretti com o fascismo.

Finalmente, nas cartas escritas durante as várias viagens que Ungaretti fez no período da correspondência, há inúmeras referências à maneira como ele era recebido no exterior, que inclui visitas ao Brasil, ao Japão e aos Estados Unidos, onde passou uma temporada lecionando e dando palestras nas universidades de Harvard e Columbia. Assim, no capítulo cinco traduziremos, contextualizaremos e discutiremos essas cartas, cotejando-as com artigos de jornais publicados nesses países em tal época, quando disponível.

As cartas selecionadas e traduzidas neste trabalho estão incluídas no Apêndice.

Resta ainda fazer algumas observações a respeito do material trabalhado ao longo da dissertação. Conforme mencionado acima, foram utilizadas as cartas publicadas em *L'allegria è il mio elemento*, organizadas e anotadas por Silvia Zoppi Garampi, onde ela não só inclui informações para a sua contextualização, mas também apresenta a descrição física do material, incluindo tipo de papel, cor da tinta, rasuras e inscrições laterais, entre outros detalhes, de forma a possibilitar uma visualização mental de cada carta, suprimindo assim qualquer deficiência que a inacessibilidade ao material original pudesse porventura causar. Ainda, Existem dois tipos de mídia em que a obra *L'allegria è il mio elemento* foi publicada: em *e-book*, ou seja, mídia eletrônica, e em versão impressa, o formato tradicional de livro. A primeira leitura foi feita no e-book, enquanto a segunda leitura foi no livro. Por questões práticas, a tradução foi efetuada com base na versão eletrônica. Porém, descobriu-se que as duas versões não são idênticas, no que tange à ordem das cartas. Na versão impressa uma carta, que originalmente não estava datada, havia sido identificada como tendo sido escrita em junho de 1954 (carta 49 na versão em papel); porém, na versão eletrônica a mesma carta estava inserida no ano de 1967, entre as cartas escritas em 18 de fevereiro e 22 de fevereiro. Isso significa que parte da numeração das cartas está diferente nas duas edições. Como um dos assuntos era um determinado artigo que Ungaretti havia escrito para o *L'Approdo*, a revista editada por Piccioni, e como todos os números da revista estão digitalizados, foi possível consultar a versão online da revista e confirmar que tal artigo havia sido publicado em 1967, de forma que a versão eletrônica estava correta. Foi efetuado um cotejamento entre as duas versões e apenas essa carta estava em outra data. Optou-se por utilizar, no apêndice desta dissertação, a numeração das cartas na versão impressa tendo-se em vista que o livro em papel é mais facilmente acessado, em comparação com a versão eletrônica. Além disso, a

carta em questão não havia sido selecionada para ser traduzida neste trabalho, de forma que esse erro de edição não afeta o desenvolvimento da dissertação.

CAPÍTULO 1

O POETA MISSIVISTA

“Desculpe esta longuidão de carta. Eu sofro de gigantismo epistolar.”

(Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, datada de 10 de novembro de 1924)²²

Da mesma forma que Mario de Andrade, Ungaretti talvez sofresse de gigantismo epistolar. É vasta a sua correspondência, tanto com italianos como com estrangeiros, e grande parte dela já foi publicada. Com base em Garampi²³ e em uma pesquisa em banco de dados de bibliotecas e livrarias, foi possível obter uma relação de livros com a correspondência de Ungaretti, que não pretende ser exaustiva, apesar de ser bastante abrangente:

Tabela 2 – Destinatários da correspondência publicada de Giuseppe Ungaretti

Destinatário
Betocchi, Carlo ²⁴
Bianco, Bruna ²⁵
Bigongiari, Piero ²⁶
Bizzarri, Edoardo ²⁷
Caetani, Marguerite ²⁸
Carrà, Carlo ²⁹
De Robertis, Giuseppe ³⁰

²² ANDRADE, M. A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 22

²³ GARAMPI, S.Z. *Le lettere di Ungaretti*. Roma: Salerno Editrice, 2018.

²⁴ BETTOCHI, C., Ungaretti, G. *Lettere 1946-1970*. Firenze: Società Editrice Fiorentina, 2012. Carlo Betocchi (1899-1986) foi um poeta e escritor italiano.

²⁵ UNGARETTI, G. *Lettere a Bruna*. Milano: Mondadori, 2017. Ver nota 7 supra.

²⁶ BIGONGIARI, P., Ungaretti G. *La certezza della poesia. Lettere 1942-1970*. Firenze: Polistampa, 2008. Piero Bigongiari (1914-1997) foi um escritor e poeta italiano.

²⁷ BIZZARRI, E., UNGARETTI, G. *Lettere / Cartas 1966*, São Paulo: Scriptorium, 2013. Edoardo Bizzarri (1910-1975) foi diretor do Istituto Italiano di Cultura e tradutor.

²⁸ UNGARETTI, G. *Lettere a Marguerite Caetani*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2012. Marguerite Caetani (1880-1963) foi editora, jornalista, colecionadora e mecenas norte-americana naturalizada italiana.

²⁹ UNGARETTI, G. “Lettere a Carlo Carrà”, in *Paradigma*, III 1980, pp. 415-47. Carlo Carrà (1881-1966) foi um pintor italiano.

³⁰ UNGARETTI, G., DE ROBERTIS, G. *Carteggio 1931-1962*. Milano: Il Saggiatore, 1984. Ver nota 1.

Hellens, F. ³¹
Jaccottet, P. ³²
Lescure, Jean ³³
Marone, Gherardo ³⁴
Michel, Paul-Henri ³⁵
Nono, Luigi ³⁶
Papini, Giovanni ³⁷
Parronchi, Alessandro ³⁸
Paulhan, Jean ³⁹
Pavolini, Corrado ⁴⁰
Pea, Enrico ⁴¹
Pea, E., Thuile, J. e Thuile, J ⁴²
Piccioni, Leone
Prezzolini, Giuseppe ⁴³
Puccini, Mario ⁴⁴
Raimondi, Giuseppe ⁴⁵
Sereni, Vittorio ⁴⁶
Soffici, Ardengo ⁴⁷

Fonte: Garampi

³¹ UNGARETTI, G., HELLENS, F. “Carteggio”, in GENNARO, R. *La risposta inattesa. Ungaretti e il Belgio tra politica, arte e letteratura*. Firenze-Leuven: Cesati-Leuven Univ. Press, 2002, vol. II. Franz Hellens (1881-1972) foi um escritor, poeta e crítico belga.

³² UNGARETTI, G., JACCOTTET, P. *Correspondance (1946-1970)*. Paris: Gallimard, 2008. Philippe Jaccottet (1925), poeta suíço, traduziu Ungaretti para o francês.

³³ UNGARETTI, G., LESCURE, J. *Carteggio (1951-1966)*. Firenze: Olschki, 2010. Jean Lescure (1912-2005), poeta francês, foi tradutor de Ungaretti e William Shakespeare.

³⁴ UNGARETTI, G., *Da una lastra di deserto. Lettere dal fronte a Gherardo Marone*. Milano: Mondadori, 2015. Gherardo Marone (1891-1962) foi tradutor, ensaísta e crítico italiano.

³⁵ GUIDA, P. *Ungaretti privato: lettere a Paul-Henri Michel*. Lecce: Pensa Multimedia, 2014. Paul-Henri Michel (1894-1964) foi historiador da filosofia e tradutor francês.

³⁶ NONO, L., UNGARETTI, G. *Per un sospiro fuoco. Lettere 1950-1969*. Milano: Il Saggiatore, 2016. Luigi Nono (1924-1990) foi um músico italiano.

³⁷ UNGARETTI, G. *Lettere a Giovanni Papini*. Milano: Mondadori, 1988. Giovanni Papini (1881-1956), escritor e poeta italiano.

³⁸ UNGARETTI, G., PARRONCHI, A. *Carteggio*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1992. Alessandro Parronchi (1914-2007) foi um poeta e crítico de arte italiano.

³⁹ UNGARETTI, G., PAULHAN, J. *Correspondance Jean Paulhan-Giuseppe Ungaretti*. Paris: Gallimard, 1989. Jean Paulhan (1884-1968) foi escritor, editor e crítico literário francês.

⁴⁰ CARDARELLI, V., UNGARETTI, G. *Lettere a Corrado Pavolini*. Roma: Bulzoni, 1989. Corrado Pavolini (1898-1980), escritor e diretor de teatro e cinema italiano.

⁴¹ UNGARETTI, G. *Lettere a Enrico Pea*. Milano: Scheiwiller, 1983. Enrico Pea (1881-1958) foi escritor italiano

⁴² LIVI, F. *Ungaretti, Pea e altri. Lettere agli amici “egiziani”. Carteggi inediti con Jean-Léon e Henri Thuile*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1988.

⁴³ UNGARETTI, G. *Lettere a Giuseppe Prezzolini 1911-1969*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2000. Giuseppe Prezzolini (1882-1982) foi jornalista, escritor, editor e professor universitário italiano naturalizado norte-americano.

⁴⁴ UNGARETTI, G. *Lettere dal fronte a Mario Puccini*. Milano: Archinto, 2013. Mario Puccini (1887-1954) foi escritor italiano.

⁴⁵ UNGARETTI, G. *Lettere a Giuseppe Raimondi (1918-1966)*. Bologna: Pàtron, 2004. Giuseppe Raimondi (1898-1985), escritor italiano.

⁴⁶ SERENI, V., UNGARETTI, G. *Un filo d’acqua per dissetarsi. Lettere 1949-1969*. Milano: Archinto, 2013. Vittorio Sereni (1913-1983) foi poeta italiano.

⁴⁷ UNGARETTI, G. *Lettere a Soffici 1917-1930*. Firenze: Sansoni, 1981. Ardengo Soffici (1879-1964) foi escritor e pintor italiano.

As cartas obviamente dizem respeito aos mais diversos assuntos e cobrem as mais diversas épocas. Há, por exemplo as cartas enviadas a Mario Puccini durante um curto período, de março a dezembro de 1917, englobando 26 cartas, que tratavam na sua maior parte de pedido de ajuda relativo à sua situação como soldado na guerra, uma vez que havia sido declarado incapacitado para continuar no front e seria transferido para uma outra companhia, onde faria um curso para se tornar oficial, o que ele não queria. Puccini, além de editor e escritor, era também seu superior no exército, de forma que poderia tentar ajudá-lo. Isso não significa, no entanto, que as cartas sejam meramente burocráticas. A carta enviada em novembro de 1917, a penúltima do volume, que ele fala da Batalha de Caporetto é de uma sensibilidade excepcional.⁴⁸

Também do período da primeira guerra é a correspondência com o crítico e ensaísta Gherardo Marone, que vai de abril de 1916 a outubro de 1918, num total de 93 cartas. Aqui as cartas discutem a revista *La Diana*⁴⁹, dirigida por Marone, as poesias de Ungaretti, a publicação de *Il Porto Sepolto*.

Após o final da segunda guerra, temos a correspondência entre Ungaretti e o poeta Vittorio Sereni, que vai de 1949 a 1969 e contém 92 cartas de Sereni e 74 de Ungaretti; as cartas entre Ungaretti e o seu tradutor francês, Jean Lescure, de 1951 a 1966; e ainda as cartas entre Ungaretti e Leone Piccioni, que serão tratadas neste trabalho. Para o escritor Giuseppe Prezzolini foram escritas 59 cartas num período que vai de 1911 a 1969, sendo as três primeiras escritas ainda quando Ungaretti estava em Alexandria, uma delas pedindo a suspensão da assinatura da revista *La Voce*⁵⁰, da qual Prezzolini era fundador e diretor, por motivo da “miséria” em que Ungaretti vivia, e enviando um artigo que Ungaretti havia escrito que demonstrava a admiração que sentia pelas ideias de Prezzolini.⁵¹ Essencial ainda mencionar a correspondência entre Ungaretti e o crítico e escritor francês Jean Paulhan, um amigo muito próximo do poeta italiano, que tem início em 1921 e se encerra com a morte do francês, em 1968.

Em um nível mais pessoal e íntimo, foi publicada em 2017 a correspondência ativa de Ungaretti para Bruna Bianco, uma jovem poeta ítalo-brasileira que Ungaretti conheceu

⁴⁸ UNGARETTI, supra n. 44, pp. 55/56

⁴⁹ Revista *La Diana*, fundada por Marone em 1914, que circulou entre janeiro de 1915 e março de 1917.

⁵⁰ *La Voce* foi uma revista italiana de cultura e política, que circulou entre 1908 e 1916.

⁵¹ UNGARETTI, supra n. 43, p. 6.

quando esteve em São Paulo em 1966 para, entre outros compromissos, visitar o túmulo de seu filho. Bruna foi visitá-lo em seu hotel, com a intenção de mostrar suas poesias; de fato, Ungaretti leu as poesias da jovem, e a partir daí teve início um relacionamento amoroso entre os dois que se estendeu até o primeiro semestre de 1969. Quando Ungaretti voltou para a Itália, em setembro de 1966, começou a correspondência entre os dois. O volume publicado em 2017 contém 377 cartas de Ungaretti para Bruna Bianco, onde o poeta, além de falar de seu amor pela jovem, comenta as poesias que Bruna lhe envia, acrescentando sugestões e correções. São nessas cartas que surge a ideia de Ungaretti de editar um volume com um diálogo lírico entre os dois, contendo nove poesias de Ungaretti e sete de Bruna, com o título de *Dialogo*, que foi publicado em 1968, e depois incluído, com exceção de algumas poesias de Bruna, em *Vita d'un uomo*.

Nessas cartas Ungaretti retoma de certa forma o seu papel de guia, como ocorria nos seus tempos de professor, tanto na Universidade de São Paulo como na Universidade de Roma. Em alguns momentos as cartas são carregadas de didatismo, e não só na questão da língua, que frequentemente era corrigida por Ungaretti, tendo-se em vista que Bruna, apesar de ter nascido na Itália, mudou-se para o Brasil ainda adolescente, e em determinados momentos levava elementos do português para o italiano. Ungaretti também a educava na questão literária, indicando leituras, e nas artes plásticas, área em que tinha um grande conhecimento.

Essa prolificidade epistolográfica não resulta necessariamente de um distanciamento no espaço físico, porque muitas vezes Ungaretti escrevia para pessoas que estavam próximas, na mesma cidade, mesmo tendo acesso a telefone, como é o caso das cartas para Piccioni. Talvez seja a necessidade de se expressar, de se revelar sem pudor, como fala Garampi.⁵² De qualquer forma, pelo menos já no final da sua vida, Ungaretti tem consciência do valor econômico que as suas cartas têm. Em carta a Bruna Bianco, em fevereiro de 1967, ele retoma o assunto de um prêmio que havia recebido recentemente e que havia separado toda a quantia para dar para Bruna quando fosse a São Paulo, o que aparentemente a incomodava. Ele então pergunta: “Sabe quanto poderiam pagar pela nossa correspondência, se fosse colocada à venda? Uma biblioteca americana pagaria muitos milhões”.⁵³ Mais adiante, em uma carta de março do mesmo ano, ele retoma o assunto para explicar porque havia feito tal comentário –

⁵² GARAMPI, supra n. 23, p. 15

⁵³ UNGARETTI, supra n. 25, p. 205.

um professor da *Columbia University* havia pedido para consultar as cartas trocadas entre Ungaretti e Paulhan, para uma tese que estava fazendo sobre o poeta, e aparentemente as fotografou. Ele então as teria dado à universidade em troca de um valor nada insignificante, segundo Ungaretti. Porém, de acordo com Ramat, organizador da correspondência, não há nenhuma evidência de quem poderia ter feito isso. Ungaretti então diz ter tomado as medidas necessárias e a partir de então suas cartas só poderiam vir a público depois da sua morte, após o prazo estabelecido por lei. Ainda, menciona que havia um mercado para os manuscritos das suas poesias em Nova York, e que cada página teria um preço médio de 300.000 liras.⁵⁴

Dessa forma, diante da riqueza da correspondência ungarettiana, será feita referência a essas cartas ao longo deste trabalho, quando relevante.

⁵⁴ Ibidem, p. 226. Em 1967 300.000 liras equivaliam a aproximadamente 480 dólares norte-americanos. Em 2018, esse valor equivale a cerca de 3.600 dólares norte-americanos.

CAPÍTULO 2

LA CHIARA FAMA

No outono europeu de 1936, Ungaretti embarcou no Florida – um navio fretado cheio de escritores, segundo o próprio poeta⁵⁵ – rumo a Buenos Aires, para o Congresso do Pen Club. Em uma escala no porto de Santos, foi levado a São Paulo para proferir algumas palestras na recém fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Nessa oportunidade, foi convidado para voltar como professor da faculdade, em substituição ao prof. Francesco Piccolo, que iria retornar à Itália. Segundo Piccioni, as condições econômicas eram excelentes⁵⁶, o que é confirmado por Wataghin⁵⁷ e por Fabris, ao informar que os governos franceses e italianos colaboravam com a chamada “missão universitária”, criada pelo governo do Estado de São Paulo para trazer professores desses países para constituir o corpo docente da faculdade – tal colaboração tomava a forma de um salário adicional pago a tais professores e do reconhecimento dos anos de magistério no exterior no país de origem.⁵⁸

Ungaretti acabou por aceitar o convite e em 1937 veio com a esposa Jeanne e seus dois filhos, Ninon e Antonio, para o Brasil, onde permaneceu até 1942. Suas aulas atraíram não só os alunos do curso de italiano como também estudantes de outros cursos da faculdade, e criou ao seu redor o que Antonio Candido, um desses alunos, chamou de “uma espécie de maçonaria”:

“Salvo um ou dois casos, os seus amigos, aqueles que mais sentiram a sua influência, não foram os seus alunos, no sentido escolar; mas todos foram seus discípulos, e todos são fidelíssimos à sua lembrança. Há mesmo uma

⁵⁵ UNGARETTI, “Discurso na Faculdade de Filosofia”, in *Razões de uma Poesia*, São Paulo, 1994, p. 233.

⁵⁶ PICCIONI, L. *Vita di un poeta*, Milano: Rizzoli Editore, 1970, p. 139.

⁵⁷ WATAGHIN, L. “Fundação da Faculdade da Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: A contribuição dos professores italianos”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1992, v. 34, pp. 151/174.

⁵⁸ FABRIS, M. “A ‘terra da trágica agonia’: Giuseppe Ungaretti no Brasil, in *Revista USP* - março-maio/1998, n. 37, p. 155.

espécie de maçonaria entre os que dele se aproximaram, feita de alusões, experiências comuns, evocação de fatos pitorescos e comoventes, cuja narração nos chega às vezes modificada pelo longo percurso que cumpriram; é como um ciclo de Ungaretti, na mitologia artística e intelectual da cidade.”⁵⁹

Parte de suas aulas ministradas na faculdade, bem como suas conferências, foram publicadas postumamente, em 1984, sob o título *Invenzione della poesia moderna. Lezioni brasiliane di letteratura (1937-1942)*, com organização de Paola Montefoschi. Abordam temas como o Humanismo e a métrica, e analisam diversos autores italianos, como Leopardi, Dante e Petrarca.⁶⁰ Antonio Candido relata que Ungaretti, em suas aulas, demonstrava uma grande capacidade de análise e uma admirável erudição, além de um incansável entusiasmo e dedicação:

“As suas aulas! Havia nelas uma fase tranquila de aproximação metódica; havia uma fase de arrebatamento, cuja inspiração o atraía para o quadro negro, giz em riste e as costas voltadas para os ouvintes, seguindo com sons guturais da voz o curso da inspiração; havia fases de retorno ao momento em que, a voz de novo calma, recolhia as conclusões emersas do tumulto e as ordenava com a mais nítida coerência; havia, ainda, momentos de luta contra a pasta de livros, de couro negro, com duas longas correias e uma curiosa vareta de metal que servia para prendê-las, a que o poeta revirava de todos os modos, reordenando sem cessar a pilha de livros para depois abandoná-la e voltar em novo êxtase à quixotesca contenda com o negrume impossível da lousa.”⁶¹

O reconhecimento pelo trabalho de Ungaretti na universidade veio também do diretor da Faculdade, Prof. Alfredo Ellis Jr., que, em ofício para o cônsul italiano em São Paulo, informa que Ungaretti “tem correspondido plenamente à confiança que nas suas qualidades didáticas e na sua cultura depositou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo”, e que “além da dedicação demonstrada no curso de que foi incumbido revelou, nos três anos de sua permanência à frente do mesmo, a sua grande cultura e as suas admiráveis qualidades de professor”.⁶² É nesse período, segundo Piccioni, que Ungaretti desenvolve seu trabalho de historiador e crítico da literatura italiana, que será mais tarde aprofundado durante os anos em

⁵⁹ CANDIDO, A. Ungaretti em São Paulo. **O Estado de São Paulo**, 20 de agosto de 1966.

⁶⁰ Entre outras: “Idea del tempo e valore della memoria in Petrarca”, “Dante e Virgilio” e “Il mito dell’Antico in Leopardi”.

⁶¹ CANDIDO, supra n. 59

⁶² FABRIS, supra n. 58, p. 157.

que foi professor de literatura italiana moderna e contemporânea na Universidade de Roma.⁶³ Ungaretti não produziu versos durante os anos brasileiros, mas foi uma época de muito trabalho e estudo.

Em 1942 o Brasil declara guerra ao Eixo e os italianos que aqui estavam tiveram que escolher entre ficar no país em um campo de concentração ou retornar à pátria. Assim, Ungaretti e sua família voltaram para a Itália e, ao chegar, Ungaretti foi nomeado *Accademico d'Italia*. A *Accademia d'Italia* havia sido fundada em 1926, durante o governo fascista, mas inaugurada apenas em 1929, com o objetivo de “promover e coordenar o movimento intelectual italiano no campo das ciências, das letras e das artes, de conservar puro o caráter nacional, de acordo com o talento e as tradições dos antepassados e de favorecer a expansão e a influência além das fronteiras do Estado”.⁶⁴ Foi dissolvida oficialmente em 1944, de forma que ser membro da *Accademia* inevitavelmente conectaria qualquer pessoa ao regime fascista.⁶⁵

Além disso, ao retornar, Ungaretti é nomeado, sem concurso, para a cátedra de Literatura Italiana Moderna e Contemporânea da Universidade de Roma, por *chiara fama*, o que no Brasil chamamos de notório saber.⁶⁶ Sua aula inaugural é sobre Leopardi e a poesia, tema também dos seus cursos, que não duram muito nesse início, tendo-se em vista o armistício de 8 de setembro com os aliados, seguido pela ocupação italiana.⁶⁷ Após a liberação de Roma em junho de 1944, começa a ocorrer, segundo Piccioni, “a explosão da baderna, da demagogia, e também da inveja, dos pequenos contos literários a serem regulados. Tem quem se aproveita”.⁶⁸ Ungaretti se vê envolvido em uma série de processos de naturezas diversas, ligados à sua vinculação com o governo fascista, como resultado da criação do *Alto Commissariato per le Sanzioni contro il Fascismo*, cujo objetivo era, entre outros, investigar a ligação dos intelectuais com o regime. O sindicato dos escritores solicita

⁶³ PICCIONI, supra n. 55, p. 145.

⁶⁴ “L'Accademia d'Italia ha per iscopo di promuovere e coordinare il movimento intellettuale italiano nel campo delle scienze, delle lettere e delle arti, di conservarne puro il carattere nazionale, secondo il genio e le tradizioni della stirpe e di favorirne l'espansione e l'influsso oltre i confini dello Stato” (artigo 2º do Estatuto), in <http://www.lincai-celebrazioni.it/1926i.html>, acessado em 12.10.2018.

⁶⁵ Ver Capítulo 3.

⁶⁶ Manteremos a expressão em italiano, tanto ao longo da dissertação como nas cartas traduzidas, por entendermos que a expressão na língua de partida carrega uma carga semântica mais forte do que seu correspondente na língua de chegada. Se separarmos a expressão, o vocábulo *fama* tem o significado também de “glória, celebridade”, segundo o *vocabolario on line Treccani* (<http://www.treccani.it/vocabolario/fama>, acessado em 17.10.2018), que se aplica também à imagem de Ungaretti, além do saber propriamente dito.

⁶⁷ PICCIONI, supra n. 55, p. 150.

⁶⁸ Ibidem, p. 154.

sua expulsão e de outros escritores, o que acaba não ocorrendo, mas Ungaretti teve que ser submetido a três graus de jurisdição até ser reconhecido que ele não poderia ser acusado de nada. Além disso, o Ministro da Educação Pública assina um decreto suspendendo Ungaretti uma vez que este havia sido nomeado sem concurso e sem o parecer da faculdade, de forma que é afastado das aulas já em julho de 1944. A investigação conclui pelo arquivamento do pedido em dezembro daquele ano, mas a sentença é impugnada. Tal recurso é ao final rejeitado e Ungaretti reassume o cargo em agosto de 1945. Um novo processo é iniciado com base em um decreto-lei que havia anulado todas as nomeações sem concurso, e sua resolução fica a cargo do *Consiglio Superiore della Pubblica Istruzione*.⁶⁹ Os trâmites se arrastam por diversas comissões e passam por várias pessoas em vários níveis de poder, refletindo a grande confusão política vigente na época.⁷⁰

É nesse momento que tem início a correspondência entre Ungaretti e Leone Piccioni. Em 7 de julho de 1946 Ungaretti envia duas cartas a Piccioni. Na primeira, ele apresenta argumentos legais relativos ao seu caso e de conspirações políticas na faculdade que levaram à suspensão da sua nomeação. Ainda, junta uma carta que enviou a Alcide De Gasperi⁷¹, então Presidente do Conselho de Ministros, defendendo a sua manutenção na cátedra. Na segunda, na qual iremos nos deter neste capítulo, Ungaretti se concentra na questão da *chiara fama*, alegando que a cátedra havia sido criada para ser concedida a quem tivesse notório saber, não cabendo, nesse caso, a abertura de concurso. Assim, se Ungaretti fosse destituído do cargo, a cátedra teria que ser conferida a alguém que também tivesse *chiara fama*. Além disso, cátedra desse tipo, segundo Ungaretti, é uma prática tradicional e comum no ambiente acadêmico, tendo sido concedida já a Giovanni Boccaccio, Paul Valéry e T.S. Eliot, e a vários outros escritores, na Europa e nos Estados Unidos, como “reconhecimento oficial” da sua competência de escritor:

“Minha cátedra é uma cátedra que é concedida por *chiara fama* [notório saber], do contrário não pode ser concedida. Não poderá ser submetida a concurso, e, se fosse tirada de mim, deveria ser dada a outro escritor de *chiara fama*, ou abolida. É cátedra de ensino complementar e os alunos têm a faculdade de acompanhar ou não os cursos. Não concorre de forma alguma àquelas usuais de filologia ou de história literária, nem o poderia fazer, dado

⁶⁹ *Consiglio Superiore della Pubblica Istruzione* [Conselho Superior da Educação Pública], órgão do Ministério da Educação Pública.

⁷⁰ GARAMPI, S.Z. “Cerco um paese innocente”, in UNGARETTI, G. *L'allegria è il mio elemento*, Milano: Mondadori, 2013, pp. xv a xvii.

⁷¹ Alcide De Gasperi foi o primeiro Presidente do Conselho de Ministros (ou seja, primeiro ministro) do governo da República Italiana, de julho de 1946 a agosto de 1953.

o conhecimento solicitado de quem a ocupa, conhecimento fundado sobre a experiência direta do ofício literário.

Existem cátedras semelhantes em outros países, e se pode dizer que sempre existiram. Boccaccio foi chamado pelos Florentinos para explicar Dante porque era um escritor. Valéry foi nomeado para o Collège de France, Eliot dá aula na Inglaterra, e em muitos outros países europeus e americanos é frequentemente esse o reconhecimento oficial da competência de um escritor a julgar pelos escritos, unanimemente reconhecidos pela opinião graças à grandeza obtida na prática da própria arte.”⁷²

Esses argumentos são encontrados também na carta enviada a De Gasperi, onde ele cita Valéry como professor no Collège de France e Eliot na Inglaterra, além de informar que a sua cátedra foi criada por pressão da opinião pública, com base em experiência de universidades estrangeiras. Para ministrar aulas dessa cátedra, seria necessário um escritor que conhecesse as línguas e literaturas contemporâneas estrangeiras, um escritor que, para expressar a sua poética, estuda as artes italianas e estrangeiras. Ungaretti, além de ser esse escritor, havia dirigido por cinco anos, com Jean Paulhan e outros, a revista francesa *Mesures*,⁷³ que apresentou escritores como Kafka e Joyce, entre outros.

Seguindo esse raciocínio, na carta a Piccioni Ungaretti ainda destaca o convite que recebeu – como convidado de honra – para ir ao Congresso dos Escritores em Buenos Aires, juntamente com Jacques Maritain⁷⁴ e outros escritores estrangeiros, em 1937, e argumenta que um governo estrangeiro não faria um convite desses a um homem que não representasse nada:

‘Fui convidado, com Maritain e outros escritores estrangeiros – convidado de honra –, pelo governo argentino, para ir ao Congresso Internacional dos Escritores realizado em Buenos Aires antes da guerra. Um governo estrangeiro pede a um senhor para ser seu convidado de honra se esse senhor não representa nada? Foi então que, passando por São Paulo e sabendo-se que na Itália eu passava por dificuldades econômicas, foi-me oferecida a cátedra que mantive por cinco anos.’⁷⁵

⁷² UNGARETTI, G. *L'allegria è il mio elemento*, Milano: Mondadori, 2013, pp. 7/8.

⁷³ *Mesures* foi uma revista francesa que circulou entre 1935 e 1940, dirigida por Bernard Groethuysen, Jean Paulhan, Henri Michaux, Henry Church e Ungaretti.

⁷⁴ Jacques Maritain (1882-1973), filósofo francês.

⁷⁵ UNGARETTI, supra n. 72, pp. 8/9.

Ainda, afirma que o próprio Maritain, com quem havia colaborado em uma revista antes da guerra, poderia “dizer se no mundo tenho, ou não tenho, *chiara fama*,”⁷⁶ *chiara fama* essa que lhe foi atribuída “por todos os escritores e críticos italianos em carta ao Ministério da Educação, pedindo que De Robertis e eu fôssemos mantidos no nosso cargo”, depois de ter sido negada pelo Conselho Superior que, segundo Ungaretti, não tinha ninguém com competência para se pronunciar sobre o seu caso. Para ele, se “fossem interrogados críticos e escritores de outros países, haveria a mesma unanimidade na afirmação da minha *chiara fama*.”⁷⁷

Ungaretti encerra a carta a De Gasperi de forma dramática, perguntando como a Itália poderia ser beneficiada com a diminuição moral e com o prejuízo causado a um homem que muitos críticos no mundo consideram talvez o maior poeta vivo.⁷⁸ Da mesma forma, a indignação com o ataque a um poeta está refletida no final da carta a Piccioni: “Como são cruéis esses servidores italianos: com um poeta! Dois anos de tortura mortal: dois anos! E não acabaram!”.⁷⁹ Ungaretti tinha razão, a tortura ainda não havia acabado, porém a partir daí o pai de Leone, Attilio Piccioni, assumiu um papel decisivo para que o problema terminasse de forma favorável a Ungaretti, intercedendo junto ao Ministro da Educação Pública, que acabou por validar, no início de 1947, a nomeação de grande parte dos professores universitários, após o parecer favorável das faculdades às quais pertenciam.⁸⁰ Leone Piccioni acompanhou de perto todo esse processo, não só no que diz respeito a Ungaretti, mas também a Giuseppe De Robertis, seu professor em Florença que também havia sido nomeado em circunstâncias semelhantes às de Ungaretti em 1939. Piccioni conta que Ungaretti estava extremamente tenso e sofria, mas a votação da sua faculdade resultou favorável, apesar de ter havido oposição “pela verdade histórica”. Essa situação acabou abalando a saúde de Ungaretti, que sofreu um infarto ainda em 1946.⁸¹

A saúde física de Ungaretti não foi a única que sofreu com essa batalha para provar sua *chiara fama*. Ao longo de toda a correspondência entre o poeta e Piccioni encontraremos várias referências à maneira como Ungaretti é tratado pelos seus conterrâneos – em geral de forma injusta, na sua opinião – e pelos estrangeiros, que o celebram e apreciam sua obra.

⁷⁶ Ibidem, p. 9.

⁷⁷ Ibidem, p. 8.

⁷⁸ Ibidem, p. 6/7.

⁷⁹ Ibidem, p. 9.

⁸⁰ GARAMPI, supra n. 70, pp. xvii e xviii.

⁸¹ PICCIONI, supra n. 55, p. 155.

Parece-nos claro que Ungaretti sempre teve noção da importância da sua obra e do seu valor como poeta, mas o episódio da revogação da sua nomeação para a cátedra de Literatura Italiana Moderna e Contemporânea e a sua luta para provar a sua *chiara fama* afetaram a sua relação com parte da intelectualidade literária italiana, que naturalmente via Ungaretti como um poeta ligado ao regime fascista, numa época em que eram festejados aqueles que haviam estado na resistência ao longo da guerra, condenando-o e negando-lhe qualquer tipo de reconhecimento pelo seu trabalho. Assim, Ungaretti terá, nos 25 anos seguintes da sua vida, até a sua morte, que defender a sua *chiara fama*, em todas as suas nuances, para evitar que respingue em si e na sua obra esse vínculo com o fascismo.

CAPÍTULO 3

RECONHECIMENTO INSTITUCIONAL: O PRÊMIO NOBEL

“Mas não há dúvida de que esse prêmio é uma invenção diabólica...”, foi o que escreveu José Saramago em carta a Jorge Amado e Zélia Gattai, datada de 25 de setembro de 1994, em referência ao Prêmio Nobel, quatro anos antes deste ser concedido ao escritor português. E, na carta seguinte (26 de setembro do mesmo ano), Jorge Amado responde: “Prêmio diabólico, José tem razão”.⁸² Na época em que a carta foi escrita, Saramago e Jorge Amado discutiam o boato de que o Nobel naquele ano seria entregue ao escritor português António Lobo Antunes - boato falso, por sinal, já que o prêmio foi entregue ao escritor japonês Kenzaburo Oe.

A correspondência entre José Saramago e Jorge Amado, embora tenha uma abrangência temporal restrita – 5 anos, de 1992 a 1997 – se pensarmos no período que compreende a obra desses dois autores, é bastante rica no que diz respeito às premiações literárias em geral. Além do Nobel, Saramago e Amado discutem ou mencionam o Prêmio Nonino, Prêmio Grinzane Cavour, Prêmio Camões, Prêmio da União Latina, Prêmio Rainha Sofia, Prêmio Pirandello e Prêmio Mondello, seja para celebrar o vencedor, seja para parabenizar um ao outro – como no caso do Prêmio Camões, que os dois venceram, Amado em 1994 e Saramago em 1995 –, seja para comentar a política por trás de cada premiação, o que inclui o voto dado por esses autores para outros escritores. Por exemplo, em carta de 8 de dezembro de 1994, Saramago diz a Amado que irá a Roma para a votação do Prêmio da União Latina, onde votará em João Ubaldo Ribeiro, Nélida Piñon e Urbano Tavares Rodrigues. Amado então reenvia o fax para Nélida Piñon e responde para Saramago, comentando a vitória de Vincenzo Consolo e informando que havia dado a notícia do seu voto para Piñon.

⁸² AMADO, J. e SARAGAMO, J. *Com o mar por meio: uma amizade em cartas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

O Prêmio Nobel é assunto recorrente na correspondência, mas a ênfase é maior durante o ano de 1994, uma vez que ambos estavam entre os possíveis ganhadores, conforme informa matéria do jornal *El País* publicada em 13 de outubro de 1994.⁸³ O tema surge em abril daquele ano, quando Saramago envia para Amado uma nota desse jornal que ele diz ser “auspiciosa”, e completa: “Vamos a ver se a Academia Sueca se decide desta vez”. E Amado responde: “já tive essa ilusão, quando jovem escritor. Já não a tenho, ainda bem.”⁸⁴ Mais adiante, discutem ainda a possibilidade de Lobo Antunes ganhar o prêmio e, quando o escritor japonês Kenzaburo Oe é declarado o vencedor, em outubro de 1994, Amado comenta em um PS que “devo convir que os 950 mil dólares do Nobel cairiam muito bem no bolso de um romancista português ou brasileiro, pobre de marré, marré”, ao que Saramago responde que em Portugal estavam todos indignados, mas, como o dinheiro é dos suecos, eles podem fazer o que bem entenderem com ele. Porém, “como cairia bem esse dinheiro!...”.⁸⁵

A questão financeira pode ser fator relevante para um escritor almejar o prêmio Nobel, ou, na verdade, qualquer outro prêmio que tenha uma contrapartida monetária. Tal contrapartida monetária pode ser incluída no que Lefevere chama de componente econômico do mecenato – que, segundo ele, é “algo próximo dos poderes (pessoas, instituições) que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura”.⁸⁶ Assim, o mecenas garante a subsistência do escritor ou reescritor, seja por meio de uma pensão, cargo ou pagamento de direitos autorais. O interesse do mecenas em prover recursos financeiros está diretamente relacionado a um componente ideológico, que leva a uma restrição na escolha e desenvolvimento da forma e do conteúdo para que os limites ideológicos do sistema literário não sejam ultrapassados. O mecenas, com isso, garante que os parâmetros por eles estabelecidos sejam observados pelos escritores e reescritores e que seu status e poder seja validado. Para o escritor ou reescritor, fazer parte de tal mecenato pode lhe trazer o status de fazer parte de um grupo selecionado, como pode ser entendido o recebimento de um prêmio Nobel de Literatura para um escritor.

⁸³ “Se recuerda que escritores de lengua portuguesa nunca han recibido el Nobel, y el nombre del brasileño Jorge Amado surge como un competidor con posibilidades. Otros autores en este idioma bien colocados son Antonio Lobo Antúnez y José Saramago.”, in “LA LENGUA portuguesa, favorita al Nobel de Literatura”, *El País*, 13 de outubro de 1994, https://elpais.com/diario/1994/10/13/cultura/782002805_850215.html, acessado em 23 de setembro de 2018.

⁸⁴ AMADO e SARAMAGO, supra n. 82 p. 44.

⁸⁵ Ibidem, p. 64 e 65.

⁸⁶ LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*, Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 34

Por outro lado, com a concessão de um prêmio, o escritor poderá ter o reconhecimento do seu trabalho no campo da cultura, o prestígio, a honra. Para Pierre Bourdieu, escritores, artistas e eruditos fogem do sistema normal de concorrência da indústria cultural e criam eles mesmos suas regras de produção e critérios de avaliação. Eles escrevem não só para o público, mas também para seus pares, que também são seus concorrentes. São esses pares que irão validar e legitimar suas obras.⁸⁷ Daí a necessidade de se obter, no caso de escritores, o reconhecimento por meio de prêmios literários, sendo o prêmio Nobel o de maior prestígio por sua reputação internacional e pela alta soma entregue ao vencedor.

Assim como Jorge Amado e José Saramago, Ungaretti foi cotado para receber o prêmio Nobel. O lançamento de sua candidatura se deu em 1954, com a publicação na França de um volume com suas poesias, *Les cinq livres*, o que, segundo o poeta, levou os jornais franceses a sugerir sua indicação ao Prêmio Nobel:

“[abril de 1954]

Caríssimo Leone,

já jornais franceses propuseram minha nomeação para o Prêmio Nobel. Outras propostas serão feitas por editores e por grupos. É necessário agora que oficialmente se mexam na Itália.”⁸⁸

De acordo com Rosario Gennaro, há uma mediação francesa para a divulgação de Ungaretti, que passa por Paris e daí segue para o mundo. Isso ocorre porque, como a literatura francesa era hegemônica naquele momento, ela tinha a capacidade de atrair para si as literaturas chamadas menores e, dessa forma, conectá-las.⁸⁹ A ligação de Ungaretti com a França sempre foi bastante robusta, tendo já se iniciado quando ainda vivia em Alexandria. Ao longo de sua vida publicou em diversas revistas francesas, como a *Nouvelle Revue Française*,⁹⁰ *Mesures* e *Roseau D’Or*,⁹¹ manteve contato com diversos escritores, críticos e intelectuais franceses, com destaque para Jean Paulhan, com quem manteve um relacionamento que foi além de uma afinidade literária e se transformou em amizade profunda, a ponto de Ungaretti passar dias com ele em uma clínica, algumas semanas antes da

⁸⁷ BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 105 a 108.

⁸⁸ UNGARETTI, G. *L'allegria è il mio elemento*, Milano: Mondadori, 2013, p.48 .

⁸⁹ GENNARO, R., *La risposta Inattesa – Ungaretti e il Belgio tra politica, arte e letteratura*. Firenze: Franco Cesati Editore, 2002, p. 10/11.

⁹⁰ *Nouvelle Revue Française*, revista literária francesa fundada em 1908 e em circulação até hoje.

⁹¹ *Le Roseau d’or*, coleção católica dirigida por Jacques Maritain, entre 1925 e 1932.

sua morte.⁹² Assim, para Gennaro, o centro propulsor da fortuna ungarettiana é Paris, onde o poeta desfruta de uma notoriedade sem oposição durante sua vida, superior a qualquer outro poeta italiano.⁹³ Consequentemente, nada mais natural que parta dessa cidade o lançamento da sua candidatura ao Prêmio Nobel.

A indicação para o prêmio, porém, deveria ser feita pela Itália, como informa Ungaretti a Piccioni, um mês depois do seu nome ter sido cogitado pelos jornais franceses:

“Piazza Remuria, 3
Roma, 12 de maio de 1954

Caro Leoncino,
(...)

Por meio de uma carta de Alberto Mondadori⁹⁴ fiquei sabendo que na Suécia lhe dizem que, para eu ser considerado candidato, a proposta deve ser feita oficialmente pela Itália. Acredito que, se oficialmente a proposta é feita pelo governo, não será preciso outra. Então – se a Lincei⁹⁵ se recusar a propor também o meu nome – se poderá fazer com que professores italianos da Universidade e professores estrangeiros da Universidade e escritores italianos e estrangeiros assinem um pedido. Em todo caso é necessário que logo seja feita a proposta pelo Governo.”⁹⁶

Alguns dias depois, Ungaretti escreve novamente a Piccioni, com mais informações sobre o processo de indicação da candidatura, além de uma minuta de uma carta que deveria ser encaminhada ao Secretário Geral do Prêmio Nobel:

“Ao Secretário Geral do Prêmio Nobel

Acreditamos ser nosso dever chamar a atenção deste ilustre conselho para a obra de Giuseppe Ungaretti.

Giuseppe Ungaretti, professor de lit. italiana na Universidade de Roma, cuja tradução das poesias completas em francês saiu recentemente, dedicou com admirável dignidade toda a sua existência à mais alta atividade do espírito.

⁹² Ungaretti escreve para Piccioni, em 12 de setembro de 1968: “Em Paris encontrei, na clínica, Paulhan moribundo. Passei quase todos aqueles dias junto dele. O homem mais lúcido que conheci, apenas conseguia grunhir palavras desconexas. É horrível. Nunca havia sentido uma agonia igual a essa, uma tal desilusão: a decadência, o apagar de uma ardentíssima luz de inteligência. É o meu amigo mais querido, um irmão em qualquer circunstância, a perda para sempre”. In UNGARETTI, supra n. 88, p 331.

⁹³ GENNARO, supra n. 89, p. 28.

⁹⁴ Alberto Mondadori (1914-1976), editor italiano.

⁹⁵ A *Accademia dei Lincei* é uma academia italiana criada em 1603 voltada ao desenvolvimento da ciência, hoje composta por 540 membros de várias nacionalidades, divididos em duas classes: ciências físicas, matemáticas e naturais e ciências morais, históricas e filológicas. In <http://www.treccani.it/enciclopedia/accademia-dei-lincei>, acessado em 26.09.2018.

⁹⁶ UNGARETTI, supra n. 88, p 50.

Reconhecida universalmente como uma das mais originais expressões poéticas do nosso tempo, a obra de Giuseppe Ungaretti nos parece em cada ponto, assim, aspirar ao coroamento do Prêmio Nobel de literatura.

Queira aceitar, Senhor Secretário Geral, etc.”⁹⁷

Ele confirma que a proposta não precisa necessariamente ser feita pela *Lincei*, podendo partir de qualquer entidade cultural italiana ou do próprio governo, que foi o que aconteceu, segundo ele, quando Croce⁹⁸ e Papini foram indicados; o primeiro foi proposto pela *Lincei*, enquanto o segundo pelo Ministro da Educação Pública.

Ungaretti também foi informado de que o escritor e dramaturgo Riccardo Bacchelli, que havia sido indicado no ano anterior, manteria a sua candidatura naquele ano; porém, isso não seria um problema, já que poderia haver mais de um candidato do mesmo país, o que já havia acontecido antes. Contudo, segundo Ungaretti era muito importante que o embaixador italiano na Suécia apoiasse também a sua candidatura, deixando para os acadêmicos suecos a escolha do melhor. Aqui fica claro que Ungaretti está extremamente preocupado com um possível tratamento desigual por parte dos diplomatas italianos, seja por desconhecimento do seu nome, seja por incompetência profissional, seja por má-fé, como podemos ver nas cartas datadas de 12 de maio de 1954 e de 5 de junho de 1954, respectivamente:

“Acredito que em uma carta privada a uma pessoa amiga o embaixador em Estocolmo tenha feito alusão à outra candidatura (Bacchelli): é necessário que o Embaixador saiba claramente que tem que apoiar também a minha candidatura. Significa que os Acadêmicos escolherão entre as duas. Nas embaixadas tem sempre (ou adido cultural, ou um outro pateta) quem propositadamente coloca uma pedra no caminho.”⁹⁹

“Agora é necessário que o Ministro das Relações [Exteriores] peça ao nosso Embaixador que apoie da forma mais eficiente a minha solicitação. Sei que geralmente o nosso corpo diplomático está pouco ciente das coisas da literatura de hoje. Sei por experiência. Sei que pode confundir Ungaretti com o primeiro borra-papéis que aparecer, e que contra um homem de letras geralmente há o comportamento de quem dá prova de muita superioridade para ouvir.”¹⁰⁰

O poeta continua agindo ativamente para obter a oficialização da sua candidatura, buscando orientações e as necessárias solicitações, tratando para que sua obra seja enviada à

⁹⁷ Ibidem, pp. 53/54.

⁹⁸ Benedetto Croce (1866-1952), filólogo, político e historiador italiano.

⁹⁹ UNGARETTI, supra n. 88, p. 51.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 62

Secretaria Geral da academia sueca pelos seus editores franceses e italianos, e cuidando para que seu nome seja proposto por outros prêmios Nobel, escritores e professores universitários. Piccioni será um interlocutor e ator muito importante nesse processo, com quem Ungaretti compartilha impressões, ações, angústias e críticas. Em 27 de maio, Ungaretti informa Piccioni que o secretário permanente da Academia Sueca, Anders Österling¹⁰¹, havia escrito à Mondadori dizendo que conhecia a fama do poeta mas que gostaria de conhecer melhor a sua obra, e fornecendo informações mais precisas sobre as normas para a indicação de candidatos.¹⁰² Nessa mesma carta Ungaretti pede a Piccioni que, por meio de um amigo em comum, Folco Portinari¹⁰³, solicitasse ao professor Giovanni Getto¹⁰⁴, da Universidade de Turim, que fizesse uma das indicações, enquanto ele mesmo falaria com os professores Giuseppe De Robertis, professor da Universidade de Florença, e Lanfranco Caretti¹⁰⁵, na época professor da Universidade de Pavia. Além disso, esperava obter indicação de dois ou três professores na França e de dois ou três prêmios Nobel. Em carta enviada três dias depois, Ungaretti repete praticamente as mesmas informações e pedidos

A notícia da apresentação oficial da candidatura de Ungaretti ao Prêmio Nobel é dada a Piccioni em carta enviada no início de junho daquele ano. Ungaretti não deixa de enfatizar a necessidade da obtenção do prêmio porque, segundo ele, um Nobel para a Itália seria bastante útil para a política externa italiana:

“Roma, 5.6.1954
Piazza Remuria, 3

Caro Leoncino,
(...)

Estive em Florença, você recebeu o cartão. De Robertis escreveu e enviou à Academia Sueca a carta anexa. De acordo com o regulamento da Academia, a partir daquele momento, isto é, a partir de 1º de junho, foi formalmente apresentada minha candidatura ao Prêmio Nobel. Outras cartas poderão ser úteis, mas são supérfluas. [...] Um Prêmio Nobel para a Itália

¹⁰¹ Anders Österling (1884-1981), poeta sueco, membro da Academia da Suécia de 1919 a 1981 e do comitê que atribuía o prêmio Nobel de literatura.

¹⁰² “O direito de indicar candidatos ao prêmio pode ser exercitado

- por membros da Academia da Suécia,
- por membros de outras academias, institutos e sociedades afins no que diz respeito às funções e aos escopos,
- por professores universitários de história da literatura e de língua,
- por escritores que já receberam o Prêmio Nobel de literatura,
- por Presidentes de Associações dos Autores, Associações que representam as atividades literárias dos respectivos países.” In UNGARETTI, supra n. 88, p. 56/57.

¹⁰³ Folco Portinari (1926), ensaísta e crítico literário italiano.

¹⁰⁴ Giovanni Getto (1913-2002), crítico literário italiano.

¹⁰⁵ Lanfranco Caretti (1915-1995), filólogo e crítico literário italiano.

serviria à nossa política externa muito mais do que se imagina. Franceses e ingleses e os Estados Unidos sabem muito bem o que significa o prestígio da cultura. A Itália, que não tem quase outr<a> riqueza, quer continuar a negligenciá-lo?”¹⁰⁶

Em carta anterior, datada de 21 de maio, ao fazer uma crítica à *Accademia dei Lincei*, Ungaretti já falava na importância de se indicar um nome que teria chances de ganhar, uma obrigação do governo italiano:

“Se a *Accademia dei Lincei*, depois que Croce pelas suas rusgas desfez a *Accademia d'Italia*, constituindo a classe de letras com Flora, Bacchelli e Pancrazi¹⁰⁷, de modo que não poderá nunca funcionar, não quer dizer que o governo pode negligenciar seu dever de indicar ao Prêmio Nobel quem tem qualquer possibilidade de ser premiado.”¹⁰⁸

As tratativas para obter apoio à sua candidatura continuam durante todo o mês de junho, algumas vezes com boas notícias, outras encontrando resistência por parte de alguns. Neste último caso, Ungaretti deixava para Piccioni entrar em contato e tentar angariar apoio, como acontece com Vittore Branca¹⁰⁹, historiador da literatura e filólogo, que havia sido secretário geral da Comissão Nacional Italiana para a Unesco entre 1950 e 1952 e em quem Ungaretti não confiava devido a problemas no passado com relação à Unesco. Apesar disso, Ungaretti entende que talvez fosse necessário ignorar o que havia acontecido anos atrás, porque o que importava era ganhar o prêmio:

“[Roma, 9 de junho de 1954]

Caríssimo Leoncino,

sou muito grato a Getto e a Portinari. As notícias são boas, e me telefonam de Milão com outras notícias encorajadoras chegadas de Estocolmo, juntamente com o pedido de que não falte o necessário apoio das nossas autoridades diplomáticas.

[. ..]

Seja como for, se você acreditar que é útil a carta de Branca para Estocolmo, faça com que ele a escreva. Talvez seja conveniente, às vezes, fingirmos nós também que não sabemos, e deixar seguir. O que importa é conseguir o Nobel. Talvez, se Deus quiser, conseguiremos.

Um forte abraço do
Seu

¹⁰⁶ UNGARETTI, supra n. 88, p. 62.

¹⁰⁷ Pietro Pancrazi (1893-1952), crítico literário italiano.

¹⁰⁸ UNGARETTI, supra n. 88, p. 54.

¹⁰⁹ Vittore Branca (1913-2004).

Na última carta de junho, Ungaretti está animado e traz boas notícias: seu livro lançado na França em abril faz sucesso, a rádio francesa fala dele uma vez por semana e há adesões à sua candidatura vindas da Itália, França e Espanha, entre outros países. Mas ainda é preciso apoio de outros acadêmicos, e Ungaretti novamente sugere que os diplomatas italianos em Estocolmo cuidem dessa questão delicada – se isso for feito, “não será difícil obter desta vez o prêmio. Desde o atribuído a Pirandello, da Itália não se falou mais”, diz Ungaretti. Nessa carta também ficamos sabendo que o Sr. Svanstroem, mencionado na carta de 30 de maio, é a pessoa incumbida pela Mondadori para tratar da sua candidatura, uma espécie de lobista que irá defender o nome de Ungaretti para receber o prêmio Nobel.¹¹¹

A esperança de Ungaretti de ganhar o prêmio, porém, sofre um abalo quando toma conhecimento da indicação do escritor argentino Ricardo Rojas¹¹², que lhe tirará o apoio que sabia que receberia dos sul-americanos. Além disso, tem a certeza de que os diplomatas argentinos darão ao escritor o apoio de que necessita, como ocorreu no passado com candidatos de vários outros países. Mesmo assim, ainda não desiste, e pensa em como um diretor de relações culturais do Ministro das Relações Exteriores, casado com uma sueca, poderá ajudar:

“6/8/1954
Roma, Piazza Remuria, 3

Caríssimo Leone,
(...)

O Nobel. Os americanos de língua espanhola fazem o diabo a quatro para apoiar a candidatura de Riccardo [*sic*] Rojas, argentino. E, naturalmente, aquele candidato terá o apoio diplomático de que necessita. E assim, no passado, foram sustentadas as candidaturas inglesas, e francesas, ou outras, pelos respectivos governos, que não podem não perceber o peso para o seu prestígio (para o prestígio do seu país) ligado a um prêmio como o Nobel. Não sei de nada. E será o que Deus quiser. Da minha parte fiz tudo que era possível. Teria todo o apoio da América do Sul se não fosse o contratempo de um candidato de lá. Envio-lhe um jornal argentino.

(...)

Um abraço a Giovannino, à esposa e a você do seu afetuoso

Ungaretti

¹¹⁰ UNGARETTI, supra n. 88, p. 65/66.

¹¹¹ Ibidem, p. 68.

¹¹² Ricardo Rojas (1882-1957).

Migone¹¹³ (diretor geral de relações culturais), que tem muitos amigos na Suécia, onde foi ministro, se não me engano, e é casado com uma sueca, poderia talvez dar algum conselho útil.

O seu

Ungaretti”¹¹⁴

Em 30 de agosto, Ungaretti escreve para Piccioni contando que Jean Lescure, seu tradutor na França, havia recebido carta do poeta T.S. Eliot dizendo que “seria uma grande satisfação para ele se Ungaretti ‘*could be recognized in that way (o Nobel) before too long*’.”¹¹⁵ E retoma o assunto no início de setembro, quando se encontrava em Genebra: “A carta de Eliot a Lescure diz em resumo assim: “Suspeitava que Ung. fosse muito importante, mas não havia lido nada seu que não fosse no texto italiano, que leio mal. O seu livro me fez sentir a verdadeira grandíssima importância e logo escrevo para o Nobel.”¹¹⁶ Ungaretti não se furta a mencionar louvores recebidos semelhantes a esse, como podemos ver na carta enviada em 12 de maio, onde ele fez um comentário recebido pelo seu tradutor inglês a respeito da sua obra:

“Eis, no entanto, uma avaliação inglesa (em uma carta ao meu tradutor) (Geoffrey Stutfield¹¹⁷): “...*Le bouquin est superbe: d’abord comme bouquin, elles sont vraiment admirables ces éditions françaises. Et puis c’est une poésie telle que je me demande solvante comment on n’en entend jamais parler ici. Ungaretti est à mettre entre les grands constructeurs de soi... Ses réflexions, avec les poèmes, me semblent la mettre tout à fait avec les autres grands constructeurs de l’homme: Goethe, Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Valéry, Yeats...*”¹¹⁸

Poderia morrer, depois desse discurso, de vaidade; mas não sou vaidoso; mas sei que entre os poucos seres vivos de valor nas artes, eu estaria entre os pouquíssimos no mundo a merecer o prêmio Nobel, se o prêmio Nobel quisesse recompensar o mérito.”¹¹⁹

¹¹³ Bartolomeo Migone, diretor geral das relações culturais com o exterior do Ministério das Relações Exteriores.

¹¹⁴ UNGARETTI, supra n. 88, p. 75/76.

¹¹⁵ “pudesse ser reconhecido dessa forma assim que possível” (tradução livre). In UNGARETTI, supra n. 88, p. 77.

¹¹⁶ UNGARETTI, supra n. 88, p. 78.

¹¹⁷ Geoffrey Stutfield, tradutor inglês, colaborou com Jean Lescure em traduções de William Blake e T.S. Eliot.

¹¹⁸ “...O livro é soberbo: primeiramente como livro, as edições francesas são admiráveis. E depois é de uma poesia tal que frequentemente me pergunto como nunca se ouve falar dele por aqui. Ungaretti deve ser colocado entre os grandes construtores de si....Suas reflexões com os poemas me parecem colocá-lo entre os outros grandes construtores do homem: Goethe, Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Valéry, Yeats...” (em tradução livre)

¹¹⁹ UNGARETTI, supra n. 88, p. 51.

Ao final, indicaram a candidatura de Ungaretti para o prêmio Nobel de literatura o britânico T.S. Eliot, o italiano Giuseppe De Robertis, e o suíço Marcel Raymond¹²⁰ – um prêmio Nobel e dois acadêmicos, nessa ordem. A *Accademia dei Lincei*, porém, indicou oficialmente Riccardo Bacchelli. O apoio ministerial, que seria dado pelo pai de Piccioni, Attilio Piccioni, então Ministro das Relações Exteriores, conforme carta de Leone Piccioni para Ungaretti¹²¹, acabou não ocorrendo porque o ministro apresentou sua demissão do cargo em setembro daquele ano, devido ao envolvimento da família no caso Montesi¹²². Ernest Hemingway ganhou o prêmio naquele ano. A última carta da correspondência entre Ungaretti e Piccioni a respeito do prêmio nesse ano é essa enviada de Genebra em 4 de setembro – não há qualquer comentário sobre o vencedor ou sobre qualquer desilusão de Ungaretti, talvez por causa do problema em que a família Piccioni estava envolvida, problema esse que foi bastante sentido por Ungaretti, conforme demonstram as cartas de apoio enviadas pelo poeta ao amigo nos meses seguintes.¹²³ Garampi argumenta que, apesar de Ungaretti ter tentado novamente em outras oportunidades, a grande derrota foi mesmo a de 1954.¹²⁴

De qualquer forma, a “tormenta do Nobel”, à qual se refere Saramago em carta a Jorge Amado após o resultado da premiação em 1994¹²⁵, não havia passado para Ungaretti. Em carta de agosto de 1958, Ungaretti informa a Piccioni que Howard R. Marraro¹²⁶, professor de italiano da *Columbia University*, nos Estados Unidos, havia lhe escrito para informar que, tendo sido solicitado a indicar um candidato ao prêmio Nobel, havia proposto o nome de Ungaretti. E Ungaretti completa: “sobre isso mantenha segredo: são passos quase inúteis, de resto”.¹²⁷ As cartas, naquele ano de 1958, não tocam mais nesse assunto. No entanto, em 1959 o Nobel é atribuído ao poeta italiano Salvatore Quasimodo, para surpresa de todos, que achavam que o prêmio caberia a Ungaretti ou Eugenio Montale.¹²⁸ Ungaretti logo escreve para Piccioni para comentar a premiação da Academia Sueca, não deixando de criticar o poeta

¹²⁰ Marcel Raymond (1897-1981), crítico literário e acadêmico suíço.

¹²¹ “Quanto ao apoio ministerial (por aquilo que possa valer), você certamente pode contar com ele e não se precisa se preocupar”. Carta de Leone Piccioni para Ungaretti de 7 de junho de 1954, in UNGARETTI, supra n. 88, p. 64.

¹²² O irmão de Leone, Piero Piccioni, havia sido acusado da morte da jovem Wilma Montesi, ocorrida em abril de 1953, e preso em setembro de 1954, o que levou ao pedido de demissão de Attilio Piccioni. Piero foi a julgamento e acabou sendo absolvido em 1957.

¹²³ Ver cartas datadas de 25 de agosto, 25 de outubro e 6 de novembro de 1954, in UNGARETTI, supra n. 88, p. 79/80.

¹²⁴ GARAMPI, S.Z. “Cerco um paese innocente”, in UNGARETTI, supra n. 53, p. xxii.

¹²⁵ AMADO e SARAMAGO, supra n. 82, p. 67

¹²⁶ Howard R. Marraro (1897-1972), historiador italiano naturalizado norte-americano.

¹²⁷ UNGARETTI, supra n. 88, p. 114.

¹²⁸ GENNARO, supra n. 89, p. 27.

por ter, segundo ele, sido desonesto ao se fazer passar por herói da resistência, que na verdade teria sido a razão do agraciamento:

“Roma, 30/10/1959

Caro Leone,
(...)

O Prêmio Nobel? Na Argentina, o “Nacion” anuncia o artigo de solidariedade a mim, na França, todos, naturalmente comigo também na imprensa, dos Estados Unidos recebo um telegrama de admiração, da rádio suíça uma longa carta idem. Guillén¹²⁹ caía das nuvens. Os russos mesmos...

Na Suécia você sabe o que seu principal poeta escreveu no seu principal jornal. Vendeu sonhos, se fez passar, nas suas viagens a Estocolmo, como membro do Comitê dos *Partigiani della Pace*¹³⁰, como o Herói da Resistência, o chefe dos resistentes durante o fascismo, o perseguido que finalmente com a liberação pode empunhar a caneta e renovar a nossa poesia. É a motivação lida pelo Secretário permanente do Nobel. Você viu o artiguete no “Tempo” segundo o qual teria sido nomeado professor por notório saber em 1944 pelo Governo de Salò?¹³¹ Não sei se a coisa é verdadeira. Nem em matéria literária deveria contar. Mas a motivação não se baseava em méritos de poesia.

E aquele Bo, quem diria? Foi ele quem o propôs com Flora. Pobrezinho.

Você viu o artigo de Cecchi.¹³² São ainda os velhos que crescem honestos, que não sabem ser outra coisa.

Parto para o Japão. Quinta-feira vou para Milão.

Um abraço do seu

Ungaretti”¹³³

As críticas a Quasimodo continuam na carta datada de 5 de novembro, que abrangem também a atuação do Instituto Italiano de Cultura em Estocolmo, por divulgar apenas trabalhos de um único poeta e por traduzir para o italiano poetas suecos, alguns deles membros da academia sueca.¹³⁴ Vemos aqui um Ungaretti bastante revoltado com a atuação política do Instituto e da diplomacia italiana:

¹²⁹ Jorge Guillén (1893-1984), poeta espanhol.

¹³⁰ Partisans da Paz. Em 1949 ocorreu em Paris o *Congrès Mondiale des Partisans de la Paix*, que estabeleceu o Comitê Internacional dos Partisans da Paz. No segundo Congresso, foi adotado o nome de Conselho Mundial da Paz.

¹³¹ Governo fascista italiano entre setembro de 1943 e maio de 1945, que se instalou na cidade de Salò, durante o período da ocupação alemã na Itália.

¹³² Emilio Cecchi (1884-1966), crítico literário, escreveu um artigo no jornal *Corriere della Sera*, em 25 de outubro de 1959, intitulado “I ‘Nobel’ italiani”, que inicia com a frase ‘A cavalo dado não se olha os dentes’, o que causou uma grande polêmica na época.

¹³³ UNGARETTI, supra n. 88, p. 130/131.

¹³⁴ Trata-se de Oreglia, G. *Poesia Svedese*, Stockholm-Roma: Italica, 1958, com prefácio de Salvatore Quasimodo.

“Roma, 5/XI/1959

Caríssimo,

dizia a você na carta anterior como os Embaixadores da Itália não sabem nunca nada de nada, e não fazem nada a não ser injustiça com a Itália.

Por qual motivo o Instituto Italiano de Cultura em Estocolmo há anos se limita a difundir na Suécia um único autor italiano, fazendo com que seja traduzido, etc.?

Por qual motivo, quando se estava para preparar o Prêmio Nobel deste ano, o Instituto Italiano de Cultura em Estocolmo, às custas do estado italiano, mandou traduzir para o italiano poetas suecos, entre os quais aqueles que faziam parte da Academia sueca, compreendendo entre tais poetas o onipotente secretário permanente da Academia e famoso (!!!) poetinha?

Por qual motivo se pede ao “único autor predileto do nosso Instituto de cultura em Estocolmo” o prefácio da mencionada Antologia?

Por qual motivo o Instituto de cultura italiano em Estocolmo há anos, desde sempre, não faz o que seria seu dever, que seria informar imparcialmente, objetivamente, segundo a opinião corrente da melhor crítica italiana, sobre o estado das letras de hoje, e sobre o valor que geralmente se atribui na Itália a cada autor italiano de hoje?

Abraços a você e aos seus. Do seu

Ungaretti”¹³⁵

E sua indignação com a diferença de tratamento dado a ele e a Quasimodo continua no *post scriptum* dessa mesma carta:

“Um Instituto de Cultura no exterior tem o dever de informar de forma objetiva, segundo os resultados da crítica italiana em geral aceita, sobre o estado atual da nossa literatura e sobre o lugar nela que os diversos autores ocupam? Ou tal Instituto tem o direito de informar sobre um único autor italiano contemporâneo à nação estrangeira onde está sediado, promovendo a tradução unicamente da obra de tal escritor; promovendo, às custas do estado italiano, a tradução de poetas suecos, entre os quais os quatro que atribuem o Prêmio Nobel, e entre esses quatro o onipotente ditador do Prêmio e poetinha secretário permanente, e confiando o prefácio do volume traduzido – há poucos meses do Prêmio – ao supramencionado “único” autor italiano?

Naturalmente, embora o Instituto esteja sob a sua dependência, como sempre, em qualquer país, por qualquer coisa, o Embaixador não sabia nada de nada.”¹³⁶

Logo depois Ungaretti parte em viagem para o Japão, Hong Kong, Líbano, Turquia, entre outros países. De Tóquio, escreve para Piccioni: “estamos fazendo uma viagem estupenda. Os japoneses me fazem mil festas. Aqui também estupefatos com a cretinice do

¹³⁵ UNGARETTI, supra n. 88, p. 133.

¹³⁶ Ibidem, p. 134.

Nobel.”¹³⁷ Ungaretti aproveita bastante a viagem, desfrutando das homenagens que recebe, mas a mágoa permanece, como podemos observar em carta enviada de Istambul, em 15 de dezembro de 1959, onde ele conta que a viagem com quatro pessoas amigas está sendo tão extraordinária que esse é o seu prêmio Nobel. E completa: “Os amigos franceses quiseram oferecê-lo a mim, e não lastimo de forma alguma aquilo que teve um embrulhão sustentado pelo Instituto Italiano de Cultura de Estocolmo, pelo inefável cretino Bo¹³⁸, e por outros cretinos internacionais.”

Em 1968 Ungaretti tentou mais uma vez concorrer ao prêmio. No dia 14 de outubro, escreve para Piccioni:

“Para a Suécia, peço-lhe que escreva aos amigos Ponzanelli¹³⁹ e Oreglia¹⁴⁰, e também, naturalmente, ao ilustre Österling, que eu não pretendo ir sem a certeza absoluta de que o Prêmio Nobel me será dado no ano vindouro. Não posso comprometer a minha saúde, em uma época do ano tão dura, por nada, e gostaria que me dessem uma garantia precisa.”¹⁴¹

Piccioni responde para Ungaretti que fará tudo o que estiver ao seu alcance nessa nova tentativa de se candidatar ao prêmio, e que se organizará para acompanhá-lo a Estocolmo. Também informa que entrou em contato com Ponzanelli e anexa à carta a resposta deste, que afirma que ele e Oreglia atuarão em favor de Ungaretti e que quem está traduzindo Ungaretti para o sueco é o Presidente do Nobel, o que é um fator bastante positivo. Ponzanelli, no entanto, não pode dar nenhuma certeza a Ungaretti, e recomenda que o poeta vá a Estocolmo e que eles preparem um imponente material de apoio.

Não existe mais nenhuma carta para Piccioni sobre o Nobel. Porém, Há, porém, uma carta escrita por Annuske Palme Sanavio¹⁴² para Ungaretti, datada de 19 de janeiro de 1969, em que ela lhe dá notícias sobre o que se parece ser o andamento da campanha para a candidatura de Ungaretti ao prêmio daquele ano. Ela menciona um atraso que houve na publicação de um volume do *Cahier de l’Herne*¹⁴³ dedicado a Ungaretti e organizado por Piero Sanavio, devido a uma greve de tipógrafos, e que o livro sairia só em março. Porém,

¹³⁷ Ibidem, p. 136

¹³⁸ Carlo Bo (1911-2001), crítico literário, tradutor e acadêmico italiano.

¹³⁹ Sergio Ponzanelli foi diretor do *Istituto Italiano di Cultura* em Estocolmo de 1959 a 1971.

¹⁴⁰ Giacomo Oreglia (1924-2007), escritor e tradutor italiano, fundou uma editora na Suécia, que publicou vários autores italianos no país.

¹⁴¹ UNGARETTI, supra n. 88, p. 332.

¹⁴² Escritora, tradutora e dramaturga sueca, casada com o escritor italiano Piero Sanavio (1930-2019).

¹⁴³ *Cahiers de l’Herne* é uma coleção da editora francesa *L’Herne*, fundada em 1963.

eles iriam enviar, ainda em janeiro, uma cópia datilografada da obra, no mesmo formato da sua publicação, para uma lista de onze dos dezoito membros da academia sueca, cujos nomes ela cita na carta. Entre eles, Anders Österling, com quem Ungaretti já havia tido contato na campanha de 1954. Annuske ainda informa que irão entrevistar Österling para a TV suíça, como tática para angariar a sua simpatia, já que ele era um homem vaidoso, e que ela irá conversar pessoalmente com outros três acadêmicos, que são pessoas que ela conhece muito bem.¹⁴⁴

Piccioni, na sua obra sobre o poeta, menciona o lançamento do *Cahier de l'Herne* em Paris, em 1969, com uma festa em honra a Ungaretti,¹⁴⁵ sem fazer, porém, qualquer referência ao Nobel.

Ungaretti morre em 1970 sem ter recebido o prêmio.

¹⁴⁴ Tal carta, inédita, pertence a Bruna Bianco, advogada brasileira com quem Ungaretti manteve um relacionamento afetivo nos últimos anos de sua vida. Bruna Bianco cedeu uma cópia da carta a Francesca Cricelli, poeta e pesquisadora que está preparando sua tese de doutorado sobre as cartas de Ungaretti para Bruna Bianco, que a traduziu e a enviou para a autora desta dissertação.

¹⁴⁵ PICCIONI, L. *Vita di un poeta*, Milano: Rizzoli Editore, 1970, p. 221.

CAPÍTULO 4

O POETA INJUSTIÇADO

“Quanto à parte italiana, mantenha tudo em suspenso. Talvez seja melhor não fazer nada. Na Itália me deram tanto desgosto, cometeram tantas injustiças comigo, basta!”¹⁴⁶

Em 1958 Leone Piccioni estava organizando um livro em homenagem aos 70 anos de Ungaretti, que foi publicado em 1960 com o título de *Il Taccuino del Vecchio*, composto de duas partes – uma primeira parte com novos poemas de Ungaretti e uma segunda com cinquenta e três testemunhos de amigos estrangeiros. Além disso, o volume contava com uma introdução de Jean Paulhan. Para se chegar a esse formato, Piccioni e Ungaretti trocaram muitas ideias e informações ao longo do ano, tanto pessoalmente como por meio de cartas. Numa carta de final de agosto, o poeta envia a Piccioni indicações de pessoas que poderiam contribuir para o livro, além de algumas outras questões. Entre elas, a inclusão ou não dos italianos. Em carta anterior, datada de 9 de julho de 1958, Ungaretti já havia assinalado que não convidaria os italianos para participar, porque “[o] que se pode escrever na Itália sobre a minha poesia já é conhecido, manifestado em várias ocasiões”.¹⁴⁷ Mas ainda não havia se decidido. A mágoa que transpira do trecho em epígrafe pode não ter sido o que causou a exclusão dos italianos dessa homenagem¹⁴⁸, mas ela era concreta e a encontramos ao longo de toda a correspondência entre Ungaretti e Piccioni, tanto em pequenos comentários como o citado acima, como em cartas inteiras. Ungaretti nunca se recuperou da forma como considerou ter sido tratado na Itália, seja pelas suas instituições, seja por alguns de seus nacionais, após o término da segunda guerra.

¹⁴⁶ UNGARETTI, G. *L'allegria è il mio elemento*, Milano: Mondadori, 2013, p. 114

¹⁴⁷ Ibidem, p. 110.

¹⁴⁸ Garampi nos informa que naquele ano de 1958 dois números da revista *Letteratura* foram dedicados a Ungaretti em comemoração ao seu 70º aniversário, organizados por Romeo Lucchese. Ver UNGARETTI, supra n. 146, pp. 106/107, nota 1.

Conforme visto no Capítulo 2, já em 1944 houvera uma tentativa de se tirar de Ungaretti a cátedra na Universidade de Roma, por ter sido atribuída a ele sem a realização de concurso, processo esse que se estendeu até 1947. Na segunda carta da correspondência com Piccioni, datada de 7 de julho de 1946, Ungaretti, depois de apresentar as considerações que entendia serem úteis na sua defesa, acrescenta um *post scriptum* de natureza bastante pessoal que reflete um sentimento de revolta em relação ao governo de De Gasperi¹⁴⁹, bem como de injustiça quanto à ausência de retribuição por tudo o que havia dado à Itália por meio da sua obra:

“Estou velho, estragado pela neurastenia, dei à Itália uma poesia nova, trabalhando por trinta anos com um escrúpulo e uma força que não tem igual. [...] E agora terei que praticamente recomeçar a minha vida, ferido e jogado no meio da estrada. O governo presidido por De Gasperi fará isso?”¹⁵⁰

Naquele momento, segundo Ungaretti, estava sendo preparado nos Estados Unidos um volume dedicado à arte italiana, que seria aberto pelo seu poema *Mio fiume anche tu*, traduzido pelo chefe do Conselho Britânico na Itália, Ronald Bottrall.¹⁵¹ Ungaretti, inconformado, não entende como um poeta, que é reconhecido fora da Itália, “ao mesmo tempo será mandado embora pelo Estado italiano como um vulgar intruso: pelo governo presidido por De Gasperi”¹⁵², e alega que isso não é atitude de país civilizado, mas de bárbaros. Narra então um encontro que teve com o adido cultural búlgaro, que lhe contou que na Bulgária escritores e poetas eram respeitados e levavam uma vida cômoda, e conclui a carta dramaticamente: “na Itália se cospe em um poeta de fama mundial como se fosse um verme”.¹⁵³

Ungaretti também tinha a expectativa de ser nomeado senador vitalício¹⁵⁴, que para ele seria mais importante pelo dinheiro do que pelo cargo propriamente dito, porque assim poderia continuar escrevendo sem ter preocupações financeiras, o que nos leva a crer que o fator econômico também pesou para que Ungaretti tanto se empenhasse em suas candidaturas

¹⁴⁹ Ver nota 71.

¹⁵⁰ UNGARETTI, supra n. 146, p. 9.

¹⁵¹ Garampi relata, porém, que provavelmente o que se estava preparando era o *Italian Literary Digest*, publicado em abril de 1947, organizado por Giuseppe Prezzolini, onde o poema inédito *Vivai*, de Ungaretti, foi incluído. Ver UNGARETTI, supra n. 146, p.10, nota 8.

¹⁵² UNGARETTI, supra n. 146, p. 9.

¹⁵³ Ibidem.

¹⁵⁴ De acordo com a Constituição italiana, o presidente da República pode indicar senadores vitalícios entre cidadãos italianos que tenham grande mérito nas áreas social, científica, artística e literária (artigo 59, parágrafo 2º, da Constituição).

para o prêmio Nobel. Como discutido anteriormente, também foi por questões financeiras que Ungaretti aceitou o convite para ser professor de literatura italiana na Universidade de São Paulo. A preocupação do poeta com dinheiro está presente ao longo de toda a correspondência, e não foram poucas as vezes em que este escreveu para Piccioni cobrando valores que deveriam ter sido pagos a ele por participações em programas da RAI, de onde Piccioni era diretor, mas que Ungaretti ainda não havia recebido.

É nesse sentido a carta para Piccioni enviada em 20 de setembro de 1951, sobre uma nomeação ao Senado:

“O que é muito importante para mim (para me dar a possibilidade de terminar o meu trabalho nos anos que me restam) é a minha nomeação ao Senado (importante não pela honra – que seria grandíssima, mas não coisas que, na minha idade, deixam indiferentes – mas pelo dinheiro que está ligado à função).”¹⁵⁵

Em dezembro daquele ano havia sido nomeado senador o poeta Trilussa¹⁵⁶; este, porém, faleceu alguns dias depois da nomeação, de forma que, para Ungaretti, caberia a ele o posto do senador vitalício representante das letras, mais especificamente dos poetas, substituindo Trilussa. A seu favor, ainda, acreditava ele, estava o fato de que já cumpria funções públicas, sendo vice-presidente do Comitê Nacional da Unesco e membro do Comitê Executivo da SEA (Sociedade Europeia dos Autores e Tradutores), entre outros cargos já exercidos.¹⁵⁷ Contudo, Ungaretti não foi nomeado dessa vez, e nem em 1965, outro momento em que teve essa pretensão. Segundo ele, seus concorrentes “cochichavam” nos ouvidos dos responsáveis pela nomeação – neste caso específico, o presidente da República, mas antes também nos ouvidos da *Accademia dei Lincei* e do prêmio Nobel – o seu passado como *Accademico d'Italia*, e assim mais uma vez ele seria vítima de uma injustiça¹⁵⁸, e mais uma vez não conseguiria o reconhecimento institucional do seu trabalho.

Esse novo revés na sua pretensão o levou a escrever uma longa carta a Piccioni onde faz uma espécie de defesa de si mesmo contra essas acusações sussurradas nos ouvidos das autoridades governamentais ou demais indivíduos que têm o poder de atribuir prêmios literários ou outras honras oficiais. Nessa carta, datada de 5 de dezembro de 1965, apresenta a

¹⁵⁵ UNGARETTI, supra n. 146, p. 35.

¹⁵⁶ Trilussa, pseudônimo de Carlo Alberto Salustri (1871-1950), poeta italiano.

¹⁵⁷ UNGARETTI, supra n. 146, p. 35

¹⁵⁸ Ibidem, p. 261.

Piccioni fatos ocorridos na sua vida com o propósito de demonstrar que havia agido corretamente durante a Resistência, de forma a diminuir a importância da sua nomeação como *Accademico d'Italia*. Assim, dava a entender que esse aspecto que afetava negativamente sua recepção na Itália não impediu que ele fosse reconhecido como poeta de grande importância no resto do mundo. Inicialmente, Ungaretti reconhece – e não tem como negar – ter sido *accademico d'Italia*, mas alega que foi acompanhado de outros grandes homens, como Enrico Fermi¹⁵⁹, importante físico italiano. Passa então a enumerar casos e situações em que demonstrou não ser fascista, como quando abrigou uma moça judia na sua casa durante a guerra, ou quando a Rádio Londres divulgou o seu nome como adepto da Resistência. Outras situações incluem o uso do seu nome pelo jornal socialista *Avanti!*¹⁶⁰ no referendo contra a monarquia, bem como a inclusão do seu nome, nessa mesma ocasião, pelos partidos democratas no manifesto dos intelectuais, que foi colado em muros por toda a Itália. O seu prestígio cruzou as fronteiras da Itália e ele foi nomeado presidente da Comissão das Atividades Culturais a Unesco, além de receber o pedido dos “democratas da Europa” para fazer parte da comissão de fundação da Sociedade Europeia de Cultura, que ele aceitou e depois foi convidado para ser seu presidente. Ainda, “os escritores democratas da Europa” pediram que assumisse a presidência da Comunidade Europeia de Escritores – COMES¹⁶¹, após a morte de seu fundador, Giovanni Battista Angioletti¹⁶², em 1961. E conclui:

“Em todo o mundo me respeitam como um defensor da liberdade e da justiça, e por parte dos italianos acontece isso, para tirar de mim reconhecimentos que me eram devidos: eles, sem medo de me deixar na condição de homem profundamente ofendido do ponto de vista moral, declaram, soprando nos ouvidos crédulos de quem fosse possível, que fui *Accademico d'Italia*, e coisa pior, e eles obtêm prêmio Nobel, Senado, prêmio Feltrinelli¹⁶³, etc. Tudo bem. Tudo muito bem. Com os prêmios e o Senado eu não me importo. É o ato que é insuportável, e excessivamente malévolo. Provavelmente irei embora deste país. Estou amarguradíssimo. Sofro por este novo insulto como um cão, um pobre cão frustrado.”¹⁶⁴

¹⁵⁹ Enrico Fermi (1901-1954), físico italiano naturalizado norte-americano, prêmio Nobel de Química de 1938.

¹⁶⁰ *Avanti!* foi um jornal do Partido Socialista Italiano que circulou entre dezembro de 1896 e novembro de 1993.

¹⁶¹ COMES – *Comunità Europea degli Scrittori* [Comunidade Europeia dos Escritores], fundada em 1960 por Giovanni Battista Angioletti, da qual Ungaretti foi presidente.

¹⁶² Giovanni Battista Angioletti (1896-1961), jornalista e escritor italiano, foi um dos cofundadores da revista *L'Approdo*.

¹⁶³ O Prêmio Feltrinelli foi instituído pelo empresário Antonio Feltrinelli e é atribuído, por meio da Accademia Nazionale dei Lincei, para as ciências e as artes.

¹⁶⁴ UNGARETTI, supra n. 146, p. 262.

Ungaretti não desiste de querer mostrar que todas as acusações feitas contra ele não têm nenhum embasamento concreto e que não passam de uma grande injustiça perpetrada por seus detratores. Em 1969, um ano antes da sua morte, durante o processo de preparação do que ele chamava de *il gran libro*, o volume com toda a sua obra que estava sendo organizado por Piccioni¹⁶⁵, Ungaretti enviou para Piccioni uma nota que ele pretendia colocar no livro, junto ao prefácio que Mussolini escreveu para a segunda edição de *Il Porto Sepolto*, na qual ele tratava da sua ligação com o fascismo.¹⁶⁶ A nota inicia com o encontro de Ungaretti com Mussolini quando este era diretor do jornal socialista *Avanti!* e também colaborava com o periódico cultural *La Voce*, nos anos 1910, até o início da grande guerra. Ungaretti acredita que Mussolini viu nele um “mito do desinteresse, da credulidade, se quiser, ou de uma sinceridade nas explosões da alma sem qualquer cálculo, em sentido algum”,¹⁶⁷ porém o poeta afirma que jamais se filiou ao partido fascista, nem teve qualquer contato com ele. Ao contrário durante o período do fascismo Ungaretti dirigiu, com Bernard Groethuysen¹⁶⁸, Paulhan, Michaux¹⁶⁹ e Church¹⁷⁰, a revista literária *Mesures* até o seu fechamento no início da segunda guerra, para a qual colaboraram Joyce, Kafka, Pasternak, Rilke e o príncipe Mirski, este último um “zeloso propagador do bolchevismo”, como Ungaretti faz questão de dizer. Por outro lado, Gennaro informa que Ungaretti, nos anos 1920, depois de ter se transferido para Roma, começa a publicar poemas, ensaios e textos jornalísticos em revistas e jornais de várias orientações políticas, muitos porém de tendência fascista, em maior ou menor grau. Entre eles, *Lo Spettatore Italiano*, que reuniu intelectuais em torno do fascismo nos anos da sua consolidação; *La Fiera Letteraria*, que era politicamente autônoma até 1927, passando então a se alinhar com a cultura do regime; *Il Tevere*, fascista extremado; *Il Mattino*, de tendência fascista mais moderada.¹⁷¹

A nota continua com Ungaretti argumentando ainda que se aproveitou do “encanto” que havia despertado em Mussolini para obter favores para amigos, conhecidos e desconhecidos que estivessem com problemas com o governo; assim, conseguiu liberar do

¹⁶⁵ *Vita d'un uomo. Tutte le poesie*, publicado em 1969 pela editora Mondadori .

¹⁶⁶ UNGARETTI, supra n. 146, p. 345/347

¹⁶⁷ Ibidem, p. 345.

¹⁶⁸ “um filósofo de primeiríssima ordem e de extraordinária perspicácia, e escritor de elegância finíssima, autor de um livro exemplar pelo conteúdo e pela forma, *Le Burgeois*, que havia ensinado na universidade de Bonn até o advento do Nazismo, que tinha como companheira Alix Guillaín, redatora ardente do “*Humanité*”, a amiga mais íntima da minha mulher muitos anos antes de nos conhecermos”, in UNGARETTI, supra n. 146, p. 345.

¹⁶⁹ Henri Michaux (1899-1984), escritor e poeta belga naturalizado francês.

¹⁷⁰ Henry Church (1880-1947), escritor e mecenas norte-americano.

¹⁷¹ GENNARO, R., *La risposta Inattesa – Ungaretti e il Belgio tra politica, arte e letteratura*. Firenze: Franco Cesati Editore, 2002, p. 20/21

desterro um antigo amigo comunista, obteve liberdade para antifascistas, conseguiu fazer sair do país um outro intelectual de esquerda, Andrea Caffi¹⁷², para que não fosse preso, e ainda arranjou emprego para ele em Paris. O próprio Ungaretti e sua família, até virem para o Brasil, viviam apenas do que ele ganhava do *Commerce*¹⁷³ e depois da *Mesures*, alega o poeta. Ainda, afirma que “Mussolini sempre foi, já o disse, fraco em relação a mim, qualquer que fosse a atitude que eu ousasse assumir”¹⁷⁴, de forma que aproveitava para gritar em locais públicos que tudo na Itália era ruim – se era preso, conseguia logo ser solto.

Quando Ungaretti e outros italianos tiveram que deixar o Brasil e voltar para a Itália, muitos judeus que estavam aqui exilados entregaram para a mulher de Ungaretti, “mulher francesa que me ensinava a coragem, embora não dissesse nunca uma palavra contra a Itália, mas considerasse Mussolini e o Fascismo o pior desastre que pudesse se abater sobre uma Nação”¹⁷⁵, cartas e objetos para seus parentes, que os dois depois foram entregar pessoalmente. Afirma ainda que durante a ocupação hospedou judeus em sua casa, e que gritava “assassino” quando cruzava com soldados nazistas na rua. E conclui:

“Parece-me que basta para aqueles que entortam o nariz, para um prefácio que não diz nada, a não ser que foi um homem singular na sua vida e que eu vivia de um pobre trabalho de escrutínio de jornais franceses para um boletim do Ministério do Exterior, trabalho que me foi confiado nos tempos de Sforza¹⁷⁶. Basta!”¹⁷⁷

Ungaretti pretendia revisar essa nota antes de inclui-la no livro; Garampi nos informa, porém, que foi feita referência ao prefácio de Mussolini na edição de *Vita d'un uomo*, mas a nota não foi incluída;¹⁷⁸ como mera especulação, podemos alegar que o motivo talvez tenha sido o exagero de certas passagens, como as relativas às suas manifestações em público contra a Itália durante o regime fascista e contra os nazistas durante a ocupação. De qualquer jeito, parece claro que Ungaretti está ciente de que seu passado de ligações com Mussolini e o fascismo foi responsável por reveses de diversas ordens ao longo da sua existência. Em carta para Bruna Bianco, datada de 8 de julho de 1967, depois de falar a respeito de arqueologia

¹⁷² Andrea Caffi (1887-1955), filósofo, político e jornalista italiano.

¹⁷³ *Commerce* foi uma revista literária fundada por Marguerite Caetani em Paris, que circulou entre 1924 e 1932.

¹⁷⁴ UNGARETTI, supra n. 146, p. 346.

¹⁷⁵ Ibidem.

¹⁷⁶ Carlo Sforza (1872-1952), diplomata e político italiano, foi Ministro das Relações Exteriores entre 1920 e 1921, quando Ungaretti trabalhou para tal Ministério, e entre 1947-1951.

¹⁷⁷ UNGARETTI, supra n. 146, p. 347.

¹⁷⁸ GARAMPI, in UNGARETTI, supra n. 146, p. 348, n. 2.

romana e da retórica romana, que foi usada pelo regime fascista, Ungaretti escreve: “Meu amor, perdoe-me. Pode-se errar uma vez. Tenho tanta experiência amarga que não posso nem quero errar mais.”¹⁷⁹

¹⁷⁹ UNGARETTI, G. *Lettere a Bruna*, Milano: Mondadori, 2017, p. 269 e n. 1.

CAPÍTULO 5

O POETA FESTEJADO

“São Paulo, 12/9/1966

Caríssimo,

recebi a tua carta e também uma do tipógrafo. Faça com que ele lhe restitua o manuscrito, que deverá me servir.¹⁸⁰

Como você está? Parto amanhã e dia 27 estarei em Roma. Estou ansioso para revê-lo.

Aqui fizeram grandes festas para mim. Não passa um dia sem que os jornais publiquem fotos de mim e artigos sobre mim.

Voltarei para cá em abril e maio para uma hora de aula semanal na Universidade.

Até logo. Lembranças aos seus.

Um abraço do seu

*Giuseppe Ungaretti*¹⁸¹

Ungaretti foi um viajante. Depois que saiu de Alexandria, morou na França, na Itália e no Brasil. Ao sair de São Paulo e voltar para a Itália, Ungaretti fixou residência em Roma, mas continuou viajando sempre que aparecia a oportunidade. Assim, como presidente da seção cultural da comissão italiana perante a UNESCO, o poeta esteve em Montevideu e Genebra, entre outras cidades. Ungaretti recebeu – e aceitou – convites para ir à então União Soviética, Japão, Hong Kong, Turquia, Estados Unidos, sem contar as vindas ao Brasil após seu retorno à Itália. Piccioni acompanhou Ungaretti em algumas dessas viagens; em outras, Ungaretti escrevia para Piccioni descrevendo como havia sido recebido nesses países, sempre de forma muito entusiasmada, enfatizando o quanto era adorado por todos.

Em 1966 Ungaretti veio a São Paulo com a intenção de visitar o túmulo de seu filho, Antonio, que faleceu ainda criança, vítima de um apêndice mal tratado, durante o período em que Ungaretti e sua família viviam em São Paulo. Em correspondência com Edoardo Bizzarri, então diretor do Instituto Italiano de Cultura, Ungaretti trata da sua viagem:

¹⁸⁰ Ungaretti refere-se a *Morte delle stagioni*, que foi publicado em setembro de 1967.

¹⁸¹ UNGARETTI, G. *L'allegria è il mio elemento*, Milano: Mondadori, 2013, p. 286.

“Meu Caríssimo Bizzarri,

Já lhe escrevi, a presente é uma confirmação. Estarei em São Paulo no final de julho. O motivo da viagem, como já lhe disse, é rever o túmulo do meu menino. Aproveitarei da circunstância para receber aquele título de Doutor honoris causa que há tempo foi-me atribuído pela Universidade.

Queira, por favor, dar-me o endereço de Bettarello¹⁸² para que possa escrever-lhe. Gostaria também de escrever aos amigos Magnelli. Em Paris encontrei Candido e a sua família, mas já devem ter retornado a São Paulo. Escrevi para Paulo Emilio Salles Gomes¹⁸³. Mas informe-lhe sobre minha vinda.

Abraço do seu
Giuseppe Ungaretti

Roma, 24/4/1966”¹⁸⁴

Os jornais de fato deram espaço à vinda de Ungaretti a São Paulo – certamente não com a frequência diária que ele menciona na carta acima transcrita, mas definitivamente podemos encontrar vários artigos nos periódicos da época. Ungaretti chegou a São Paulo no dia 17 de agosto, mas já em junho o jornal *Folha de São Paulo* noticiava:

“O maior poeta italiano de nosso tempo, Giuseppe Ungaretti, ligado a São Paulo por vínculos culturais e afetivos estreitíssimos, deverá chegar à capital paulista dia 17 de agosto próximo. Ungaretti virá ao Brasil, especialmente, para receber o título de doutor “honoris causa” que lhe foi concedido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1957.”¹⁸⁵

No dia 17 de junho, o *Jornal da Tarde* publicou uma matéria não assinada dando conta da chegada de Ungaretti naquele dia em Santos, onde já havia encontrado os amigos Paulo Emílio Salles Gomes, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado¹⁸⁶ e Italo Bettarello. Explica também quem foi Ungaretti e qual a sua relação com o Brasil, e fala do Nobel dado a Quasimodo e não a ele.¹⁸⁷ Alguns dias depois o jornal *O Estado de São Paulo* publicou uma entrevista com Ungaretti, também não assinada, e outros dois artigos, um de Alfredo Bosi e

¹⁸² Italo Bettarello, professor de literatura italiana da Universidade de São Paulo.

¹⁸³ Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977), crítico de cinema, professor e um dos responsáveis pela criação da Cinemateca Brasileira.

¹⁸⁴ BIZZARRI, E., UNGARETTI, G. *Lettere / Cartas 1966*, São Paulo: Scriptorium, 2013, p. 39. A tradução das cartas citadas desse volume é de Francesca Cricelli.

¹⁸⁵ SÃO PAULO receberá em agosto a visita do poeta Ungaretti. **Folha de São Paulo**, 15 de junho de 1966.

¹⁸⁶ Décio de Almeida Prado (1917-2000), professor e crítico de teatro brasileiro.

¹⁸⁷ UNGARETTI acha que a chama de sua vitalidade está se apagando. **Jornal da Tarde**, 17 de agosto de 1966.

outro de Antonio Candido.¹⁸⁸ Mais uns dias e mais uma entrevista é publicada, agora no Jornal da Tarde.¹⁸⁹ Haroldo de Campos publica um artigo em O Estado de São Paulo em 10 de setembro, com algumas traduções suas de poemas de Ungaretti, e discorre sobre suas escolhas tradutológicas.¹⁹⁰ No dia seguinte, o Jornal do Commercio publica um longo artigo de Marly de Oliveira com análise de poesias de Ungaretti.¹⁹¹ Porém, uma descrição mais viva do que foi essa passagem de Ungaretti por São Paulo podemos encontrar em um outro artigo de Haroldo de Campos publicado no caderno Folhetim do jornal Folha de São Paulo, em 1984, onde ele relembra o encontro com Ungaretti naquele ano de 1966:

“Mas o ponto culminante, para mim, da presença de Ungaretti em São Paulo foi a conferência que ele pronunciou, em 5/9/66, no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, então sediado na rua 7 de abril, sobre o tema “*Linguaggio e Poesia*”. O impacto desta conferência espelha-se nos artigos que escrevi sobre o poeta e sobre Leopardi. Ungaretti, o aspecto leonino, um foco de luz irradiando-lhe os cabelos brancos, comentava e lia os versos de Leopardi de um modo tão intensamente revelador, com tal alumbramento e emoção, que era como se o infortunado poeta de Recanati, que costumava conversar com os astros, rebrilhantes no céu noturno sobre o jardim paterno, ressurgisse, vivificado por essa nova leitura, e agora, na sincronia do espaço literário, se convertesse de súbito em precursor eletivo de Mallarmé, o Mallarmé que também interrogava as estrelas, na noite de Valvins (o séptuor de cintilações da Ursa Maior), e assim, na fase de Valéry, se aventurara a elevar uma página escrita ‘a potência do céu constelado’...”¹⁹²

Ungaretti não menciona em suas cartas para Piccioni, mas nesse ano Paulo Emílio Sales Gomes fez um pequeno filme, de aproximadamente 15 minutos, com Ungaretti, no prédio da Faculdade de História, onde então estava instalado o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, na Cidade Universitária.¹⁹³ O filme caracteriza-se por ser um documentário em preto e branco bastante informal, onde aparecem microfones, gravador, pessoas que trabalham na filmagem e pessoas que estão passando pelo prédio e param para ouvir. Na primeira parte, Paulo Emílio faz perguntas a Ungaretti enquanto ambos - e mais um grupo de pessoas - caminham pelo prédio, sendo observados por estudantes. São perguntas sobre o cinema brasileiro, sobre a viagem de Ungaretti a Salvador, entre outros temas. Em

¹⁸⁸ A POESIA não existe para entretenimento; BOSI, A. A lição de Ungaretti; CANDIDO, A., Ungaretti em São Paulo. **O Estado de São Paulo**, 20 de agosto de 1966.

¹⁸⁹ VIAGEM sentimental traz força ao coração do poeta. **Jornal da Tarde**, 23 de agosto de 1966.

¹⁹⁰ CAMPOS, H., Ungaretti e a vanguarda. **O Estado de São Paulo**, 10 de setembro de 1966.

¹⁹¹ OLIVEIRA, M., Sobre Ungaretti. **Jornal do Commercio**, 11 de setembro de 1966.

¹⁹² CAMPOS, H. Ungaretti: o efeito de fratura abissal. **Folha de São Paulo**, 08 de abril de 1984.

¹⁹³ GOMES, P.E.S. Paulo Emílio encontra Giuseppe Ungaretti no Instituto de Estudos Brasileiros, em 1966. Filme, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dKmw7bGnZlk>, acessado em 20.12.2017.

geral, Paulo Emilio faz as perguntas em português e Ungaretti as responde em francês. Já na segunda parte Ungaretti está sentado em um banco, cercado por várias pessoas – jovens como Alfredo e Eclea Bosi, Décio de Almeida Prado, Rudá de Andrade¹⁹⁴ e Haroldo de Campos, entre outros - e lê sua tradução de *Pau Brasil* de forma bastante vivaz e divertida. É inegável a admiração que esses jovens intelectuais brasileiros demonstram ter por Ungaretti, estampada nas expressões de seus rostos e captada pela câmera.

Alguns meses depois, em abril de 1967, Ungaretti vem novamente ao Brasil – para dessa vez efetivamente receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade de São Paulo. Em 24 de março ele escreve mais uma vez para Edoardo Bizzarri avisando sua chegada:

“Caríssimo,

Estarei então no dia 14, chegando com o Giulio Cesare, às 7 da manhã (é um horário absurdo) em Santos. Estou comovido com o afeto e a delicadeza que prodigaram-me você e Olga.

Em São Paulo há a conferência do título de Doutor *honoris causa*. Me disseram que terei que dar alguma aula. Eu passaria sem, com o maior prazer. Enfim, vamos ver.

Mais uma vez, obrigado por tudo.

Aqui estou sobrecarregado de trabalho. Terei que entregar uma coletânea para uma tradução destinada à Gallimard, um volume de ensaios para junho.

Será possível?

Um abraço para Olga e você

Do seu
Ungà”¹⁹⁵

Em maio, escreve para Piccioni:

“São Paulo, 14/5/1967

Caro Leone,

como você está? Estou impaciente para ter notícias suas e do seu irmão. Você está um pouco melhor agora? Escreva para mim, peço-lhe.

Deram-me o *honoris causa*. Foi uma festa incrível. Os jornais até agora não param de me celebrar. Às vezes pareço Dante, mas, em suma, não sou mais do que um poeta e um professor que fizeram aquilo que podiam, e nos dias de hoje tanto uma quanto a outra profissão são de fato difíceis.

¹⁹⁴ Rudá de Andrade (1930-2009), cineasta e professor, também foi um dos criadores da Cinemateca Brasileira.

¹⁹⁵ BIZZARRI e UNGARETTI, supra n. 189, p. 91.

Em que ponto está o livro de Turim?¹⁹⁶ Estarei de volta a Nápoles no dia 17/6. Muito tarde. Mas como deixar Bruna antes. Perco os anos a olhos vistos. Estou me tornando ridiculamente jovem.

Leoncino, escreva-me, e fique tranquilo

*Giuseppe Ungaretti*¹⁹⁷

Novamente Ungaretti enfatiza a importância que os jornais brasileiros dão a ele e ao título recebido. Dessa vez, porém, a divulgação nos jornais não foi tão grande como diz Ungaretti; encontramos menos artigos do que no ano anterior, porém relatando as celebrações mencionadas. No dia 2 de maio a reitoria da USP divulgou uma nota na qual anuncia a entrega do título de doutor honoris causa a Ungaretti em 05 de maio e apresenta uma pequena biografia enaltecendo as realizações do poeta e destacando as suas ligações com o Brasil e com a USP.¹⁹⁸ No dia da cerimônia, o jornal O Estado de São Paulo noticia a homenagem, e diz que Ungaretti, além de ter sido professor na USP, “foi amigo de seus discípulos e intelectual perfeitamente integrado no ambiente brasileiro”, e que, quando chegou ao Brasil, era “um dos responsáveis pelo renascimento da poesia italiana, determinado pela liquidação do dannunzianismo - um artista, portanto, da vanguarda”. Fala da sua natural ligação e amizade com os vanguardistas brasileiros, referindo-se a Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade e Mário de Andrade e às traduções que Ungaretti fez de poetas brasileiros, e termina com o anúncio de um “encontro informal”, um “coquetel ‘regado a vinho e queijos, com acompanhamento musical’” promovido por seus amigos Sérgio Buarque de Holanda¹⁹⁹, Abelardo de Souza²⁰⁰, Edoardo Bizzarri, Italo Bettarello, Di Cavalcanti²⁰¹, Antonio Candido e Lygia Fagundes Telles²⁰², a ser realizado após a cerimônia de entrega.²⁰³ No dia seguinte, o mesmo jornal publica matéria sobre o evento, incluindo a íntegra do discurso de Ungaretti.²⁰⁴

Essa ênfase no tratamento recebido não se restringe às vindas ao Brasil. Pelo contrário, encontramos ao longo de toda a correspondência entre Ungaretti e Piccioni várias menções à maneira como era festejado em suas viagens ao exterior. Já antes disso, três pequenas cartas

¹⁹⁶ Referência a *Morte delle stagioni*, que foi publicado pela editora Fògola, de Turim.

¹⁹⁷ UNGARETTI, supra n. 181, p. 303

¹⁹⁸ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Divisão de Difusão Cultural da Reitoria. USP concede título de Doutor ‘Honoris Causa’ ao Prof. Giuseppe Ungaretti. **Notícia n° 7666**, SP, 02 de maio de 1967

¹⁹⁹ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1981), historiador, crítico literário e jornalista brasileiro.

²⁰⁰ Abelardo de Souza (1908-1981), arquiteto brasileiro.

²⁰¹ Di Cavalcanti (1897-1976), pintor brasileiro

²⁰² Lygia Fagundes Telles (1923), escritora brasileira.

²⁰³ USP confere hoje título a Ungaretti. **O Estado de São Paulo**, 05 de maio de 1967.

²⁰⁴ UNGARETTI recebe título. **O Estado de São Paulo**, 06 de maio de 1967.

enviadas de Paris, Genebra e Tóquio, respectivamente em 1949, 1954 e 1959, destacam essa exaltação:

“[Paris, 11 de outubro de 1949]

Caro Leone,

recebeu as provas?²⁰⁵ Dia 15 certamente estarei em Roma. Aqui salto de um café da manhã para um almoço. Festejam-me e me amam, como era antes, e estou felicíssimo. Amanhã leio na Radio a *Canzone*²⁰⁶; então haverá uma leitura, creio, das minhas coisas traduzidas por Jouve²⁰⁷.

Dei muito trabalho com as minhas correções?

Lembranças minhas aos seus.

Um abraço do seu

Ungaretti

Amanhã, quarta-feira, entrevista na Radio para a América e o Canadá, e depois partida.”²⁰⁸

“Genebra, 4.9.54
Pension Vieux Champel
av. de Champel, 11.

Caro Leoncino,

estou aqui em uma casa em meio a um parque, e moro em quarto onde viveram Henry James²⁰⁹ e, depois, Bergson²¹⁰. Grande paz, e todos, de todas as partes do mundo, me festejam, e a minha vaidade jamais teria esperado tanto. A carta de Eliot a Lescure diz em resumo assim: “Suspeitava que Ung. fosse muito importante, mas não havia lido nada seu que não fosse no texto italiano, que leio mal. O seu livro me fez sentir a verdadeira grandíssima importância e logo escrevo para o Nobel.”

Então o Ministro fará o seu melhor na Embaixada de Estocolmo – está em boa companhia. Também Marcel Raymond, o professor da Universidade de Genebra, autor do famoso *Da Baudelaire al Surrealismo*, escreveu com entusiasmo.

Até breve. Um abraço para você e para os seus do seu afetuosíssimo

Ungaretti

Ao Embaixador de Estocolmo escreveram pessoalmente três amigos seus: a Condessa Pecci, o vice-diretor geral de assuntos políticos e aquele jovem vice-cônsul Mor²¹¹.”²¹²

“Tóquio, 29/XI/1959.

Caríssimo,

²⁰⁵ Aqui Ungaretti se refere às provas do volume *La terra promessa*, coletânea de poesias de Ungaretti, publicado em 1950.

²⁰⁶ Poema de Ungaretti incluído no volume *La Terra Promessa*, publicado em 1950.

²⁰⁷ Pierre Jean Jouve (1887-1976), escritor e poeta francês.

²⁰⁸ UNGARETTI, supra n. 181, p. 23.

²⁰⁹ Henry James (1843-1916), escritor nascido nos Estados Unidos e naturalizado inglês.

²¹⁰ Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês.

²¹¹ Ferdinando Mor (1921-2001), diplomata italiano.

²¹² UNGARETTI, supra n. 181, p. 78.

estamos fazendo uma viagem estupenda. Os japoneses me fazem mil festas. Aqui também estupefatos com a cretinice do Nobel.
Jornais cheios de louvores a mim.
Todos me abraçam.
Seu

Ungaretti

A Bo lhe remorde a consciência? Que vergonha!”²¹³

Em 1964, portanto dois anos antes de vir ao Brasil, Ungaretti foi a Nova York para ministrar uma série de aulas na *Columbia University*. Nas cartas para Piccioni, Ungaretti narra os eventos dos quais participou e a recepção que teve. Em 16 de abril, conta que uma leitura que fez das suas poesias encantou a audiência:

“[...] No Guggenheim, dia 30, leio as traduções das minhas poesias.

Houve também, esta semana, na Universidade, uma leitura minha de uma hora das minhas poesias. Li as mais difíceis. O auditório veio abaixo de tanto aplauso. Provavelmente não entenderam nada. Mas a poesia não é preciso entendê-la. É segredo comunicado a segredo.

E então recepção ao Oscar, e, mais uma vez, o astro... era eu. E então recepção da Mondadori. [...]”²¹⁴

E, quinze dias depois, fala do evento no Guggenheim:

“Você deve ter lido no “*Messaggero*”²¹⁵ do dia 30 a notícia das festividades que me preparavam aqui naquela noite. Os maiores poetas daqui traduziram coisas minhas também difíceis, e as leram. Na sala do Guggenheim havia 1000 pessoas. Fora, outras mil reivindicavam a entrada. E 4000 não fizeram menos do que vir mesmo sabendo que não havia mais lugar. Um triunfo. Estava lá o que havia de melhor das letras deste país. Estou habituado, por parte dos meus pares. A merda é merda, e não lido com isso.”²¹⁶

Mais adiante, em uma carta em que pergunta a Piccioni quando este chegaria em NY, Ungaretti reafirma o sucesso da leitura no Guggenheim, onde “[M]ilhares de pessoas não encontraram lugar”.²¹⁷ Piccioni acaba não indo a Nova York e, uns dias antes de voltar à Itália, Ungaretti escreve a ele: “Pena que você não tenha vindo para cá. A festa dos Beats foi

²¹³ Ibidem, p. 136.

²¹⁴ Ibidem, p. 234/235.

²¹⁵ *Il Messaggero*, jornal italiano de circulação nacional, com sede em Roma.

²¹⁶ UNGARETTI, supra n. 181, p. 236

²¹⁷ Ibidem, p. 237.

um acontecimento memorável. Li algo da LACERBA²¹⁸ e depois *Mio fiume anche tu*²¹⁹. Foi um delírio; beijavam minhas mãos. As mulheres estavam mesmo enfeitadas. *On s'en souviendra de ce fou d'Ungaretti*. Com 76 anos, ainda como um rapazinho.”²²⁰

Apesar do exagero que transborda dessas cartas americanas, bem como das cartas paulistas, é inegável que Ungaretti causou uma impressão no mínimo positiva – para não dizer profunda – naqueles que assistiram às suas aulas, estiveram presentes em suas palestras, ou conviveram com ele, mesmo que brevemente, nessas viagens. O jornal norte-americano *The New York Times*, na edição de 19.04.1964, publicou uma matéria cujo título é “*A poet in spring fills the classroom*” [Um poeta na primavera enche a sala de aula]. O repórter fala que Ungaretti estava dando um curso sobre Leopardi na *Columbia University* para uma classe cheia, com 50 alunos, sendo que mais da metade deles não tinha nenhuma obrigação curricular de cursar tal disciplina – eles frequentavam as aulas pelo prazer de ouvir Ungaretti, apesar de um estranhamento inicial causado pelo fato de Ungaretti ler suas anotações durante 50 minutos, praticamente sem olhar para os alunos e sem permitir interrupções, mas tal distância não incomodava os alunos, que ficavam “eletrizados” com o que o poeta falava. A matéria menciona também a juventude de Ungaretti em uma leitura de poesias: “*He speaks vigorously in a loud voice with the emotion and excitement of youth, as he demonstrated Monday night when he read selections from his work to 200 persons in the Casa Italiana auditorium.*”²²¹ A “eletricidade” e a juventude de Ungaretti, bem como a impressão que causa nos alunos e professores, são possivelmente comparáveis à admiração que testemunhamos no documentário brasileiro citado acima.

Ungaretti volta aos Estados Unidos em 1969, dessa vez para Harvard, para fazer leituras das suas poesias, e escreve para Piccioni:

“[2 de maio de 1969]

Caro Leone,

²¹⁸ *Lacerba*, revista literária italiana que circulou entre 1913 e 1915.

²¹⁹ *Mio fiume anche tu*, poema incluído no volume *Il dolore*, publicado em 1947. A poesia foi traduzida para o português por Aurora F. Bernardini. Ver Ungaretti, G. *Daquela estrela à outra*. Lucia Wataghin (org.). São Paulo: Ateliê. 2003, p. 164-169.

²²⁰ UNGARETTI, supra n. 181, p. 239/240.

²²¹ “Ele fala vigorosamente em uma voz alta, com a emoção e entusiasmo da juventude, como mostrou na noite de segunda-feira, quando leu seleções do seu trabalho para 200 pessoas no auditório da Casa Italiana” (tradução da autora), in *A POET in spring fills the classroom*. **The New York Times**, 19 de abril de 1964.

estou aqui, convidado de Harvard. Consideram-me o maior poeta vivo do mundo, e também no Canadá, onde estive outro dia. Seria convidado para a Califórnia, mas não posso ir. Tenho um apartamento magnífico, cinco cômodos, móveis coloniais, estilo Harvard, belíssimos. Tudo às custas de Harvard, e também sou alimentado, e tenho também uma empregada doméstica, portuguesa, idosa e feia, e Wylie²²² colocado a meu inteiro dispor. Poderia não fazer nada. Mas é possível que Ungà não faça nada? Farei duas leituras das minhas poesias, farão um disco para uso exclusivo de Harvard e de outras duas universidades em New England onde deverei falar, isto é, ler as minhas poesias. As traduções são de Wylie, e são estupendas. Tive sorte com as traduções. Bachmann²²³ e Celan²²⁴, isto é, os dois melhores poetas alemães, Jaccottet, um ótimo poeta e um tradutor perfeito, etc. etc. etc.”²²⁵

E, poucos dias depois, Ungaretti conta o efeito que tem causado nas universidades norte-americanas:

“[Harvard – Cambridge], 6/5/1969

Caro Leone,

[...]

Estou bem. Estou me tornando o ídolo de Harvard e de New England. No próximo ano me farão doutor honoris causa, como fará a Sorbonne, e já teria feito sem os motivos dos estudos.

Fiz o tour da Universidade, em todos os lugares acolhido como o primeiro dos poetas vivos atualmente – acolhido como tal, sem sombra de dúvida.

Li poesias minhas, primeiramente lidas com tradução de Wylie, uma tradução tão bela quanto o original. Será uma edição de Harvard. Em momentos me carregavam em triunfo.

Conquistei os Estados Unidos. Sou um Príncipe, o único Príncipe, apesar dos porcalhões, e acredito, estou seguro, que o mais porcalhão <é> aquele que vale quase nada, pior que Quasimodo, porcalhãosíssimo, e que fez um nome “e ainda enriqueceu” de modo indecente.

Basta. Te quero bem.

Não tenho nada para esconder. Em Nova-York, com duas jovens estudantes judias, belíssimas, voluptuosíssimas, e com um outro jovem, eu sou jovem, fumamos maconha, e festejamos por vinte e quatro horas. Mas Montale estas loucuras não as conhecerá nunca, o *piripicchio* ele não tem, para as operações que levam ao paraíso. Tem o dinheiro, e a ganância do dinheiro, aquele pobre eunuco.

Um abraço forte, forte, forte,

o muito jovem Ungà

²²² Andrew Wylie (1947), agente literário norte-americano, na época era estudante em Harvard.

²²³ Ingeborg Bachmann (1926-1973), poeta e escritora austríaca, traduziu Ungaretti para o alemão.

²²⁴ Paul Celan (1920-1970), poeta romeno, traduziu Ungaretti para o alemão.

²²⁵ UNGARETTI, supra n. 181, p. 243.

Haverá no Poetry Room de Harvard um disco da minha leitura de amanhã e documentação da anterior. É um selo que registra apenas os poetas mais importantes do século, para se conservar nos arquivos da universidade.”²²⁶

Na última carta da temporada norte-americana, e também do volume da correspondência, Ungaretti escreve de Nova York, às vésperas de voltar à Itália, e o tom não difere em nada das demais cartas de Harvard:

“[New York, 22 de maio de 1969]

Caríssimo Leone,
estou em vias de retornar. Além dos colóquios com os meninos de Harvard (e meninas, flores de meninas), fiz em Harvard duas leituras das minhas poesias, aula magna mais do que lotadíssima, e leituras em todas as universidades de New-England. Estou bem como jamais estive. Giro de triunfo em triunfo.”²²⁷

Nas cartas que Ungaretti escreveu a Bruna Bianco, encontramos também manifestações relacionadas à sua importância como poeta. Por exemplo, em carta enviada em 3 de janeiro de 1967, ao comentar que “todas as linhas que ela escreve são cheias de poesia”, disse que quem dizia isso era “alguém que entende de poesia, que é o último poeta sobrevivente no mundo”.²²⁸ E em outra carta, ainda em janeiro de 1967:

“Sou o último poeta verdadeiro que há no mundo, o último, o mundo muda. Todos o sabem, todos o reconhecem, no mundo inteiro. Não é vergonhoso sentir amor por um poeta, é antes um sinal de alma eleita na qual o segredo da realidade está presente.”²²⁹

Esse conjunto de cartas de Ungaretti a Piccioni talvez surpreenda por uma evidente falta de modéstia, ou, mais do que isso, por uma explícita exaltação do eu, que pode não só ser exagerada, mas talvez até não descrever a realidade. Ao falar que milhares de pessoas não conseguiram entrar no museu Guggenheim para ouvir as traduções de suas poesias, tem-se a impressão de que se trata de um ídolo da música ou de um astro de cinema, que costumam atrair multidões quando aparecem em público. Porém, conforme argumenta Diaz, a carta como percepção de si pode ser o espaço do “querer-ser”, do “*self-fabrication*”. Assim, a

²²⁶ Ibidem, p. 345/347

²²⁷ Ibidem, p. 353.

²²⁸ UNGARETTI, G. *Lettere a Bruna*, Milano: Mondadori, 2017, p. 138/139.

²²⁹ Ibidem, p. 163

correspondência seria “pelo menos uma promessa de ser que o epistológrafo faz consigo mesmo sob o olhar do outro, testemunha necessária do ‘pacto’ estabelecido aqui”.²³⁰ Ungaretti, ao aumentar a realidade vivida, estaria criando uma imagem de si como o poeta amado, louvado e celebrado por seus leitores, por estudantes e professores, por jornalistas, por intelectuais, o maior poeta vivo da época. Não se pode duvidar – e os jornais da época comprovam – que Ungaretti angariou a admiração de muitos nessas viagens, além daqueles que já conheciam sua obra; a forma como essa admiração se concretizou nas homenagens prestadas talvez tenha sido descrita nas cartas a Piccioni de modo mais caloroso, possivelmente como reflexo de uma emoção inerente ao seu eu, emoção essa que o jornal *The New York Times*, na matéria citada acima, reconhece na forma como Ungaretti fala.

Além disso, a confiança que Ungaretti tem em Piccioni pode ser um dos motivos que leva o poeta a escrever de forma tão aberta sobre suas conquistas no exterior. Segundo Diaz, há um contrato entre o remetente e o destinatário, que pressupõe a livre expressão por parte do primeiro e o não julgamento por parte daquele último. Assim, a “confiança é a garantia de uma intimidade que se desvela ainda mais livremente porque sabe exatamente a quem se dirige”²³¹, e Ungaretti se dirige a Piccioni, um ex-aluno com quem tem uma relação bem próxima, um aluno que provavelmente o admirou tanto quanto os seus alunos brasileiros ou norte-americanos, e que se tornou amigo e confidente, com quem tem grande afinidade intelectual. Ainda, Piccioni é, neste caso, o destinatário que existe mais para aceitar do que para contra-argumentar ou criar uma tensão que levaria a uma continuação da discussão. Nesse sentido, Diaz afirma que a “confidência requer um leitor mais benévolo [...] porque não é da ordem do diálogo, mas da simples presença oferecida luxuosamente ao outro”.²³²

Dessa forma, ao narrar seu sucesso, seu relacionamento com os jovens alunos, as festas oferecidas a ele, o espaço que lhe é dedicado nos jornais, Ungaretti estaria criando um autorretrato que reflete uma persona por ele idealizada ou talvez desejada, a persona do poeta festejado.

²³⁰ DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*, São Paulo: Edusp, 2016, p. 165.

²³¹ Ibidem, p. 169.

²³² Ibidem, p. 170.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução de cartas apresenta algumas características próprias, como linguagem coloquial, às vezes até hermética; pontuação e sintaxe comprometidas; léxico específico de uma determinada região ou época; referências desconhecidas do leitor, entre outras. As cartas de Ungaretti não são diferentes. O primeiro problema apresentado foi o que podemos chamar de dispersão ou falta de continuidade das cartas. Conforme explicado na introdução a este trabalho, Ungaretti e Piccioni moravam na mesma cidade e se encontravam com frequência, de forma que as cartas enviadas por Ungaretti a Piccioni foram poucas vezes respondidas. Assim, não existe necessariamente um fio condutor que possa criar um nexo entre cada uma dessas cartas, o que significa que a abordagem para a tradução de cartas precisa ser diferente daquela utilizada para a tradução de um texto, literário ou não, que tenha uma ordem mais ou menos lógica. Da mesma forma, não dá para traduzir cada carta como se fosse uma unidade diferente, porque isso não acontece, já que existe uma voz, a do seu autor, que está presente em todas elas.

Um outro problema que de certa forma decorre dessa falta de continuidade é a questão da falta de contextualização. Muitas vezes Ungaretti comenta um acontecimento, fato ou situação que é desconhecido para o leitor, e mais ainda para um leitor brasileiro, mas que obviamente Ungaretti não precisa explicar para Piccioni porque este já sabe do que se trata. Isso ocorre, por exemplo, nas duas primeiras cartas, que tratam do processo de cassação da sua cátedra na Universidade de Roma e que mencionam sua nomeação para a *Accademia d'Italia*. Também temos problema semelhante no que diz respeito às cartas de 1954, a maioria delas relativas à sua indicação para receber o prêmio Nobel de literatura. É possível entender desde o início que Ungaretti está se referindo ao prêmio e à sua candidatura, mas é preciso novamente pesquisar para contextualizar a questão, uma vez que ele trata de detalhes específicos de estratégia da candidatura.

Esses problemas foram resolvidos com base em pesquisa, seja para a contextualização como para a compreensão do texto, com as necessárias explicações no corpo do texto ou em

notas de rodapé, conforme relevante no caso específico. Consideramos a estrutura da narrativa e as exigências estilísticas e sintáticas das cartas para definir o “tom” da tradução, o que Bassnett entende necessário para que o texto traduzido não seja uma mera paráfrase do texto original. Além disso, a tradução se baseou no que Eco chama de “negociação”, no sentido de que o tradutor, sendo antes de tudo um leitor que interpretará o texto estrangeiro, poderá negociar com o próprio texto ao fazer suas opções. É um processo em que se renuncia a algo para que, mais adiante, se obtenha outra coisa, num jogo de compensações que tende a equilibrar a tradução.

Dessa forma, acreditamos que as cartas revelam, dentro dos seus limites possíveis, o esforço que Ungaretti empreendeu desde o final da segunda guerra até a sua morte para demonstrar que a sua obra estava desvinculada do regime fascista e deveria ser avaliada pelo que ela era, sem julgamentos relacionados a escolhas políticas passadas. As cartas proporcionam, assim, um acréscimo ao seu perfil, que vai além daquilo que as biografias já escritas sobre Ungaretti nos informam, porque aqui quem está falando de si é o próprio poeta, a própria fonte das informações. As cartas são, conseqüentemente, o retrato da sua alma, tanto do ponto de vista pessoal como profissional, no sentido de que, por um lado, Ungaretti ousa ser ele mesmo, ao falar sem pudores da sua posição entre os melhores poetas vivos do mundo – se não o maior deles – e, de outro, negocia seu lugar no campo literário e acadêmico, por meio de artigos publicados na revista *L'Approdo*, das estratégias desenvolvidas com Piccioni para a sua candidatura ao prêmio Nobel, discussões sobre a edição de seus livros, entre outros. Revelam, dessa maneira, os bastidores da sua vida.

As cartas selecionadas neste trabalho formam, assim, uma linha condutora da tentativa de Ungaretti de reconstruir a sua imagem como poeta na Itália, que tem início com o término da guerra e com os reveses resultantes da sua ligação com Mussolini, que o fez quase perder sua cátedra na Universidade de Roma e quase ser expulso do sindicato dos escritores. A partir daí, a relação que está desenvolvendo com Piccioni lhe permite usufruir da rede de sociabilidade do seu então aluno e do pai deste, que estava começando a alçar maiores voos na política italiana. A ajuda de Attilio Piccioni talvez tenha sido fundamental para que Ungaretti não perdesse sua cátedra. Mais tarde, com a questão da campanha para o Nobel, o pai de Piccioni também foi ativado para prestar suporte por meio do Ministério das Relações Exteriores, do qual era titular, e talvez a campanha não tenha sido bem sucedida, pelo menos

no que diz respeito ao apoio governamental, porque Attilio Picioni renunciou ao cargo antes do término do processo de premiação.

Somos testemunhas, por meio das cartas, da luta de Ungaretti para demonstrar a sua importância como o maior poeta vivo da Itália. Se a Itália hesita em reconhecer isso, Ungaretti vai buscar tal aceitação fora do país, o que na verdade não é difícil, tendo-se em vista o seu relacionamento com os intelectuais franceses, sua participação na UNESCO e nos congressos de escritores, sua ligação com várias universidades em todo o mundo. No exterior, Ungaretti é celebrado sem oposição. Suas visitas ao Brasil comprovam isso, bem como sua recepção em Harvard e Columbia.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a tradução das cartas selecionadas neste trabalho cumpriu seu objetivo de trazer novos elementos para os estudos de italianística, e mais especificamente para os estudos ungarettianos no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Correspondência e obras de Giuseppe Ungaretti

UNGARETTI, G. *Invenzione della poesia moderna. Lezioni brasiliane di letteratura (1937-1942)*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1984.

_____. “Discurso na Faculdade de Filosofia”, in *Razões de uma Poesia*. São Paulo: Edusp, 1994

_____. *Lettere a Giuseppe Prezzolini*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 2000

_____. *L'allegria è il mio elemento*. Milano: Mondadori, 2013

_____, BIZZARRI, E. *Lettere / Cartas 1966*. São Paulo: Scriptorium, 2013

_____. *Lettere dal fronte a Mario Puccini*. Milão: Archinto, 2015

_____. *Lettere a Bruna*, Milano: Mondadori, 2017

Publicações sobre Giuseppe Ungaretti

A POESIA não existe para entretenimento. **O Estado de São Paulo**, 20 de agosto de 1966

A POET in spring fills the classroom. **The New York Times**, 19 de abril de 1964.

BOSI, A. A lição de Ungaretti. **O Estado de São Paulo**, 20 de agosto de 1966

CAMPOS, H., Ungaretti e a vanguarda. **O Estado de São Paulo**, 10 de setembro de 1966

_____. Ungaretti: o efeito de fratura abissal. **Folha de São Paulo**, 08 de abril de 1984

CANDIDO, A., Ungaretti em São Paulo. **O Estado de São Paulo**, 20 de agosto de 1966

FABRIS, M. “A ‘terra da trágica agonia’: Giuseppe Ungaretti no Brasil, in *Revista USP* - março-maio/ 1998, n. 37

GARAMPI, S.Z., “Cerco un paese innocente”, in UNGARETTI, G. *L'allegria è il mio elemento*, Milano: Mondadori, 2013

_____, S.Z. *Le lettere di Ungaretti*. Roma: Salerno Editrice, 2018

GENNARO, R., *La risposta Inattesa – Ungaretti e il Belgio tra politica, arte e letteratura*. Firenze: Franco Cesati Editore, 2002

GOMES, P.E.S. Paulo Emílio encontra Giuseppe Ungaretti no Instituto de Estudos Brasileiros, em 1966. Filme, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dKmw7bGnZlk>, acessado em 20.12.2017

LOMBARDI, A. Intérprete errante. **Folha de São Paulo**, 21 de julho de 1996

OLIVEIRA, M., Sobre Ungaretti. **Jornal do Commercio**, 11 de setembro de 1966

PICCIONI, L. *Vita di un poeta*, Milano: Rizzoli Editore, 1970

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Divisão de Difusão Cultural da Reitoria. USP concede título de Doutor ‘Honoris Causa’ ao Prof. Giuseppe Ungaretti. **Notícia nº 7666**, SP, 02 de maio de 1967

SÃO PAULO receberá em agosto a visita do poeta Ungaretti. **Folha de São Paulo**, 15 de junho de 1966.

UNGARETTI acha que a chama de sua vitalidade está se apagando. **Jornal da Tarde**, 17 de agosto de 1966.

UNGARETTI recebe título. **O Estado de São Paulo**, 06 de maio de 1967

USP confere hoje título a Ungaretti. **O Estado de São Paulo**, 05 de maio de 1967

VIAGEM sentimental traz força ao coração do poeta. **Jornal da Tarde**, 23 de agosto de 1966

WATAGHIN, L. “Fundação da Faculdade da Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: A contribuição dos professores italianos”, in Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1992, v. 34, pp. 151/174

_____. “Ungaretti e o Pau-Brasil, in WATAGHIN, L. (org.). *Brasil/Itália: Vanguardas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 205

Correspondência de outros autores

AMADO, J. e SARAMAGO, J. *Com o mar por meio: uma amizade em cartas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2017

ANDRADE, M. A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

Estudos Epistolográficos

DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*, São Paulo: Edusp, 2016

DIAZ, José-Luiz. “Qual genética para as correspondências?”, in *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética, n. 15, 2007

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*. São Paulo: Edusp, 2016

LERICHE, F. e PAGES, A., “Avant-Propos”, in LERICHE, F. e PAGES, A. (orgs.), *Genèse & Correspondence*. Paris: Éditions Archives Contemporaines/ ITEM, 2012

MORAES, M.A. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**, vol. 59, nº 1, São Paulo, Jan./Mar. 2007. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100015. Acesso em 23 de abril de 2016

Estudos da Tradução

BASSNETT, S. *Translation studies*, London: Routledge, 2002

ECO, U. *Dire quasi la stessa cosa*, Milano: Bompiani, 2003

Estudos e artigos sobre premiação literária

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 2007

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*, Bauru, SP: Edusc, 2007.

MORENO, R. La lengua portuguesa, favorita al Nobel de Literatura. **El País**, 13 de outubro de 1994, https://elpais.com/diario/1994/10/13/cultura/782002805_850215.html, acessado em 23 de setembro de 2018

APÊNDICE – CARTAS TRADUZIDAS

[1]

[Roma, 7 de julho de 1946]

Caro Leone,

para mim, e nos argumentos para o Presidente do Conselho¹ eu o demonstro, o Conselho Superior², e nem mesmo o Ministro³, não tinha nenhuma competência jurídica para se pronunciar sobre o meu caso⁴. Apenas a Comissão de Expurgo⁵ tinha. Para que o Conselho Superior pudesse se pronunciar, era necessária uma lei com efeito retroativo que modificasse a lei antiga relativa às cátedras dadas por notório saber. Mas não sou jurista.

D'Annunzio⁶, creio, recebeu a oferta para suceder à cátedra de Carducci⁷. Mas não quis saber. São lembranças distantes; mas creio que a memória não me engana.

Todo este iníquo caso, iníquo seja para mim como para os demais, foi arquitetado por De Ruggiero⁸ e por Omodeo⁹, que queriam se tornar os ditadores da Escola. Agregaram-se a eles – como de literatura italiana não havia ninguém que soubesse algo no Conselho Superior – para o caso de De Robertis¹⁰ e o meu, aquela pérola do Pancrazi¹¹, com os seus rancores a explodir: rancor especialmente por não ter sido jamais levado a sério como crítico por ninguém na Itália.

O seu Giuseppe Ungaretti

¹ Presidente do Conselho de Ministros da República Italiana, que corresponde ao Primeiro Ministro, na época Alcide de Gasperi.

² *Consiglio Superiore della Pubblica Istruzione* [Conselho Superior da Educação Pública], órgão do Ministério da Educação Pública.

³ Até 1º de julho de 1946, o Ministro da Educação Pública era Enrico Mole, e, a partir de 14 de julho de 1946, Guido Gonella.

⁴ Trata-se do processo promovido contra Ungaretti para anular sua nomeação como professor de literatura italiana moderna e contemporânea na Universidade de Roma, por ausência de concurso.

⁵ *Commissione d'epurazione*, comissão que analisou o caso de Ungaretti e decidiu a seu favor, em 1945.

⁶ Gabriele D'Annunzio (1863-1938), poeta e dramaturgo italiano.

⁷ Giosuè Carducci (1835-1907), poeta italiano, prêmio Nobel de literatura em 1906.

⁸ Guido De Ruggiero (1888-1948), historiador da filosofia e professor universitário italiano, foi ministro da Educação Pública em 1944.

⁹ Adolfo Omodeo (1889-1946), historiador italiano, foi ministro da Educação Pública em 1944.

¹⁰ Ver nota 1 da dissertação.

¹¹ Ver nota 107 da dissertação.

[Roma, 7 de julho de 1946]

Caro Leone,

seguem algumas outras indicações que poderão ser úteis.

Minha cátedra é uma cátedra que é concedida por *chiara fama* (notório saber), do contrário não pode ser concedida. Não poderá ser submetida a concurso, e, se fosse tirada de mim, deveria ser dada a outro escritor de *chiara fama*, ou abolida. É cátedra de ensino complementar e os alunos têm a faculdade de acompanhar ou não os cursos. Não concorre de forma alguma àquelas usuais de filologia ou de história literária, nem o poderia fazer, dado o conhecimento solicitado de quem a ocupa, conhecimento fundado sobre a experiência direta do ofício literário.

Existem cátedras semelhantes em outros países, e se pode dizer que sempre existiram. Boccaccio foi chamado pelos Florentinos para explicar Dante porque era um escritor. Valéry¹² foi nomeado para o Collège de France¹³, Eliot¹⁴ dá aula na Inglaterra, e em muitos outros países europeus e americanos é frequentemente esse o reconhecimento oficial da competência de um escritor a julgar pelos escritos, unanimemente reconhecidos pela opinião graças à grandeza obtida na prática da própria arte.

Sem entrar na discussão sobre a competência que o Conselho Superior pudesse ter ou não ter para intervir no meu caso (tanto o relator Salvatorelli¹⁵ quanto o Conselheiro de Cassação (que presidia a Comissão de Expurgo) como o Diretor Geral da Instrução Superior, componentes da Comissão de Expurgo, reconheceram a perfeita regularidade da minha nomeação), o próprio Conselho Superior reconheceu que eram os escritores que por mérito deviam se pronunciar, e convidou como peritos dois escritores – não historiadores da literatura, não filólogos: escritores – Pancrazi e Flora¹⁶. Flora, que não sabia como não me dar razão, deu de Pilatos; Pancrazi, não sei o que fez, mas certamente não queria bem nem a mim nem a De Robertis, e como crítico ninguém o leva a sério.

¹² Paul Valéry (1871-1945), escritor, poeta e filósofo francês.

¹³ O Collège de France, instituição de ensino e pesquisa, foi fundado em 1530, em Paris. Para mais informações, ver <https://www.college-de-france.fr/site/college/index.htm>.

¹⁴ T. S. Eliot (1888-1965), poeta, dramaturgo e crítico literário nascido nos Estados Unidos e naturalizado inglês, recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1948.

¹⁵ Luigi Salvatorelli (1886-1974), historiador e jornalista italiano.

¹⁶ Francesco Flora (1891-1962), crítico literário italiano.

O Conselho Superior, onde, com exceção de Flora, não tinha ninguém capaz de se pronunciar conscientemente sobre o meu caso, negou-me a *chiara fama*, que, imediatamente depois, foi declarada por todos os escritores e críticos italianos em carta ao Ministério da Educação, pedindo que De Robertis e eu fôssemos mantidos no nosso cargo. Será necessário levar em consideração tais afirmações. Se fossem interrogados críticos e escritores de outros países, haveria a mesma unanimidade na afirmação da minha *chiara fama*.

Fui convidado, com Maritain¹⁷ e outros escritores estrangeiros – convidado de honra –, pelo governo argentino, para ir ao Congresso Internacional dos Escritores realizado em Buenos Aires antes da guerra. Um governo estrangeiro pede a um senhor para ser seu convidado de honra se esse senhor não representa nada? Foi então que, passando por São Paulo e sabendo-se que na Itália eu passava por dificuldades econômicas, foi-me oferecida a cátedra que mantive por cinco anos.

Temos aqui Maritain, na revista para a qual colaborei antes da guerra, devido a seu insistente convite (a primeira edição do *Caino*¹⁸ foi feita pelo “Roseau d’or”¹⁹), com quem participei de uma Reunião da Cooperação Intelectual²⁰, e ele poderia dizer se no mundo tenho, ou não tenho, *chiara fama*.

Como são cruéis esses servidores italianos: com um poeta! E não acabaram!

Seu afetuoso Giuseppe Ungaretti

Estou velho, estragado pela neurastenia, dei à Itália uma poesia nova, trabalhando por trinta anos com um escrúpulo e uma força que não tem igual. Fala-se tanto de um Eluard²¹, oficialmente, na Itália, e todos sabem – críticos franceses reconhecem isso – que ele não existiria se não houvesse a minha poesia, tantos anos anterior à sua: o *Porto*²² saiu em volume em 1916. E agora terei que praticamente recomeçar a minha vida, ferido e jogado no meio da estrada. O governo presidido por De Gasperi²³ fará isso? Na América está sendo preparado, nos Estados Unidos, um número único dedicado à arte – pintura e escrita – dedicado à Itália.

¹⁷ Ver nota 74 da dissertação.

¹⁸ *Caino* [Caim], poema de Ungaretti escrito em 1928 e incluído no livro *Sentimento del tempo*, publicado em 1933.

¹⁹ Ver nota 91 da dissertação.

²⁰ Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, órgão da Sociedade das Nações, que deu origem à UNESCO.

²¹ Paul Éluard, pseudônimo de Eugène Émile Paul Grindel (1895-1952), poeta francês.

²² *Il Porto Sepolto*, volume publicado pela primeira vez em 1916 com poesias de Ungaretti.

²³ Ver nota 71 da dissertação.

Será aberto pelo meu *Mio fiume anche tu*²⁴ que está sendo traduzido por Bottrall²⁵, chefe do Conselho Britânico na Itália; mas esse Ungaretti ao mesmo tempo será mandado embora pelo Estado italiano como um vulgar intruso: pelo governo presidido por De Gasperi.

Já acabou tudo, não? Ligue para mim. Conte-me logo, para que possa ver onde rachar a minha cabeça. Estou tão cansado da vida e da imbecilidade dos homens!

E do seu egoísmo sórdido.

Em um país que pretende ser civilizado não se fazem tais infâmias. Não as cometem os países que chamam de bárbaros. Vergonha! Vergonha!

Outro dia me dizia o adido cultural búlgaro que na Bulgária “escritores e poetas têm uma vida cômoda, são respeitados!” Não lhe respondi que na Itália se cospe em um poeta de fama mundial como se fosse um verme.

[14]

[Paris, 11 de outubro de 1949]

Caro Leone,

recebeu as provas?²⁶ Dia 15 certamente estarei em Roma. Aqui salto de um café da manhã para um almoço. Festejam-me e me amam, como era antes, e estou felicíssimo. Amanhã leio na Radio a *Canzone*²⁷; então haverá uma leitura, creio, das minhas coisas traduzidas por Jouve²⁸.

Dei muito trabalho com as minhas correções?

Lembranças minhas aos seus.

Um abraço do seu

Ungaretti

Amanhã, quarta-feira, entrevista na Radio para a América e o Canadá, e depois partida.

²⁴ Poema de Ungaretti incluído no volume *Il dolore*, publicado em 1947.

²⁵ Ronald Bottrall (1906-1989), poeta inglês.

²⁶ Aqui Ungaretti se refere às provas do volume *La terra promessa*, coletânea de poesias de Ungaretti, publicado em 1950.

²⁷ Poema de Ungaretti incluído no volume *La Terra Promessa*, publicado em 1950.

²⁸ Ver nota 207 da dissertação.

[Roma, 20 de setembro de 1951]

Caro Leone,

parto amanhã de manhã para Veneza, para participar da reunião do Comitê Executivo da Sea²⁹. Depois parto para Merano e Bolzano, e de novo na volta paro em Milão, e em seguida em Florença.

O que é muito importante para mim (para me dar a possibilidade de terminar o meu trabalho nos anos que me restam) é a minha nomeação ao Senado (importante não pela honra – que seria grandíssima, mas são coisas que, na minha idade, deixam indiferentes – mas pelo dinheiro que está ligado à função)³⁰.

Morto Trilussa³¹, o posto me caberia (e me cabia mesmo antes; não façamos comparações!). São agora 71, ou 81, ou 91 (não lembro bem) os senadores que dever ser nomeados vitalícios antes do fim do ano: senadores que representarão cada ramo da cultura, das letras e artes e da política.

Sabe que até agora contra mim não há mais nem mesmo a oposição de Croce³² (veja a última “Critica”³³).

Creio que para as letras deverá ser nomeado mais de um; mas para o poeta, o posto já havia sido determinado (Trilussa). E por outro lado eu já tenho funções públicas (vice pres. Com. Nac. Unesco, Com. Executiva Sea, etc.).

Viu a notinha de Raimondi³⁴ sobre o meu Brasil, no “Mondo”³⁵?

Sou – querendo ou não, fazendo-me ou não desaforos na Pátria – com Claudel³⁶, o único poeta moderno de primeiríssima classe vivo na Europa e no mundo. Isso será visto em

²⁹ Société Européenne des Auteurs

³⁰ Ver nota 154 da dissertação.

³¹ Trilussa, pseudônimo de Carlo Alberto Salustri (1871-1950), poeta italiano, havia sido nomeado senador naquele ano, mas faleceu alguns dias após a nomeação.

³² Benedetto Croce (1866-1952), filósofo, historiador e crítico literário italiano. Em uma análise do livro *Gli Ermetici*, de Ferdinando Giannessi, Croce encerra o texto dizendo que gosta dos versos de Ungaretti inspirados na imagem da sua mãe. O artigo pode ser encontrado em <https://ojs.uniroma1.it/index.php/quadernidellacritica/article/view/1613/1611>, acessado em 01.03.2019.

³³ *La Critica*, revista literária fundada em 1903 por Benedetto Croce. Circulou até 1944, quando foi substituída por *Quaderni della Critica*, editada até 1951.

³⁴ Ver nota 45 da dissertação.

³⁵ *Il Mondo*, revista política, cultural e econômica italiana, publicada de 1949 a 1966, e de 1969 a 2014. A nota a que Ungaretti pode ser encontrada em <http://digitale.bnc.roma.sbn.it/tecadigitale/rivista/UM10029066/1951/n.38/7>, acessado em 01.03.2019.

³⁶ Paul Claudel (1868-1955), poeta e dramaturgo francês.

todos os lugares quando saírem as traduções francesas que quatro escritores naquela nação estão preparando, traduções finalmente feitas com meses de trabalho: como se deve. Lembranças ao seu pai e a todos os seus. Um abraço do seu

Ungaretti

Preparo o Manzoni³⁷ sobre os escritos teóricos – e acabo de arrumar o “jesus”.

[36]

[abril de 1954]

Caríssimo Leone,

já jornais franceses propuseram minha nomeação para o Prêmio Nobel. Outras propostas serão feitas por editores e por grupos. É necessário agora que oficialmente se mexam na Itália.

Sucesso enorme. Nunca vista coisa semelhante, dizem a Paris.³⁸

Na Itália adquiridas:

1 cópia para a Biblioteca de Roma

1 cópia para Florença

e mais nada. Vergonha! Nem mesmo uma cópia pela Embaixada nem pela nossa Direção de Assuntos Culturais. Cópias de luxo esgotadas. E portanto por estas partes não poderiam pedir nada, mesmo se quisessem. Para doações Bibliotecas nacionais francesas e franceses universitários poderiam pedir cópia comum, tivessem um pouco de pudor. Vergonha! E esbanjam em imbecilidade dinheiro aos milhões.

Congresso de Escritores no Brasil adiado para agosto: então posso partir de acordo com o desejo expresso oficialmente pelo Brasil. Peça ao seu pai³⁹ para ficar de olhos abertos para que não me façam uma safadeza como de costume na Direção Geral de relações culturais. Ficar de olhos abertos também porque, segundo decisões do Conselho da

³⁷ Alessandro Manzoni (1785-1873), escritor italiano cuja obra mais conhecida é *I promessi sposi* [Os noivos]. De acordo com Garampi, Ungaretti daria um curso sobre Manzoni na universidade em 1952.

³⁸ Ungaretti se refere aqui a *Les cinq livres*, volume com poesias de Ungaretti publicado na França em 1954.

³⁹ Attilio Piccioni, então Ministro das Relações Exteriores.

Presidência da Comissão Italiana na Unesco, faço parte da Delegação italiana. Ficar atento para que meu nome não desapareça.⁴⁰

Um abraço para você, e saudações devotadas ao seu pai.

A todos os seus com muito afeto

Ungaretti

[37]

Piazza Remuria, 3

Roma, 12 de maio de 1954

Caro Leoncino,

penso em você, e queria poder fazer qualquer coisa por você para tornar mais suportáveis os quarenta dias de imobilidade.

Você reviu Folco Portinari⁴¹ – Cambiano (Turim)?

Cheguei aqui e encontrei uma pilha de trabalho: o prefácio de Fazzini⁴², já publicado, mas que a *Bienal* pedia que reduzisse pela metade; e o prefácio de Prampolini⁴³, por fazer; e aulas (retomei, continuando a falar do sentimento de decadência na poesia europeia, o comentário sobre a Canção *Alla Primavera*⁴⁴); e visitas às exposições (tem Dalí⁴⁵ com as joias erótico-místicas: um coração de rubis (um Sagrado Coração, diz) que bate (Deus me perdoe, como um sexo de galinha) movido por um motorzinho elétrico interno, e tantas outras esquisitices – não sem certo talento – e grandes pinturas entre o barroco espanhol e o estilo império, e ilustrações para a *Divina Commedia*, tudo exposto na sala da *Aurora* no Palazzo Rospigliosi⁴⁶ (a *Aurora* de Guido Reni⁴⁷). Dizem que a exposição foi feita como contrapartida

⁴⁰ 1º Congresso Internacional de Escritores e Encontros Intelectuais, realizado em São Paulo entre os dias 9 e 14 de agosto de 1954, como um dos eventos em comemoração ao IV Centenário da cidade. Ungaretti acabou por não comparecer.

⁴¹ Ver nota 103 da dissertação.

⁴² Pericle Fazzini (1913-1987), artista, escultor e pintor italiano.

⁴³ Enrico Prampolini (1894-1956), escultor, pintor e cenógrafo italiano.

⁴⁴ *Alla primavera*, poesia de Giacomo Leopardi (1798-1837) escrita em 1822, comentada por Ungaretti em “Secondo discorso su Leopardi”, publicado em “Paragone-Letteratura” em 10 de outubro de 1950.

⁴⁵ Salvador Dalí (1904-1989), pintor espanhol.

⁴⁶ O Palazzo Rospigliosi está localizado na cidade de Zagarolo, na região metropolitana de Roma.

⁴⁷ Guido Reni (1575-1642), pintor italiano.

católica àquela do Picasso⁴⁸. O mal é que Picasso está vivo, e esse Dalí tem muita habilidade, mas quanto mais longe, melhor. Em contrapartida, se for o caso, tem em Milão o Rouault⁴⁹.

Por meio de uma carta de Alberto Mondadori⁵⁰ fiquei sabendo que na Suécia lhe dizem que, para eu ser considerado candidato, a proposta deve ser feita oficialmente pela Itália. Acredito que, se oficialmente a proposta é feita pelo governo, não será preciso outra. Então – se a Lincei⁵¹ se recusar a propor também o meu nome – se poderá fazer com que professores italianos da Universidade e professores estrangeiros da Universidade e escritores italianos e estrangeiros assinem um pedido. Em todo caso é necessário que logo seja feita a proposta pelo Governo.

Soube por outra fonte que Bacchelli⁵² mantém também este ano a sua candidatura. Não tem importância. Pode haver dois ou mais candidatos. Poderia também não vencer o melhor. E será para um ou para outro um parco consolo.

Eis, no entanto, uma avaliação inglesa (em uma carta ao meu tradutor⁵³) (Geoffrey Stutfield⁵⁴): “...*Le bouquin est superbe: d’abord comme bouquin, elles sont vraiment admirables ces éditions françaises. Et puis c’est une poésie telle que je me demande solvante comment on n’en entend jamais parler ici. Ungaretti est à mettre entre les grands constructeurs de soi... Ses réflexions, aves les poèmes, me semblent la mettre tout à fait avec les autres grands constructeurs de l’homme: Goethe, Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Valéry, Yeats...*”⁵⁵

Poderia morrer, depois desse discurso, de vaidade; mas não sou vaidoso; mas sei que entre os poucos seres vivos de valor nas artes, eu estaria entre os pouquíssimos no mundo a merecer o prêmio Nobel, se o prêmio Nobel quiser recompensar o mérito.

Um abraço do seu

Ungaretti

Todos mandamos um abraço para você e para Osanna⁵⁶.

⁴⁸ Pablo Picasso (1881-1973), pintor espanhol.

⁴⁹ George Rouault (1871-1958), pintor francês.

⁵⁰ Ver nota 94 da dissertação.

⁵¹ Ver nota 95 da dissertação.

⁵² Riccardo Bacchelli (1891-1985), escritor italiano.

⁵³ O tradutor a quem se refere é Jean Lescure. Ver nota 33 da dissertação.

⁵⁴ Ver nota 117 da dissertação.

⁵⁵ “...O livro é soberbo: primeiramente como livro, as edições francesas são admiráveis. E depois é de uma poesia tal que frequentemente me pergunto como nunca se ouve falar dele por aqui. Ungaretti deve ser colocado entre os grandes construtores de si....Suas reflexões com os poemas me parecem colocá-lo entre os outros grandes construtores do homem: Goethe, Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Valéry, Yeats...” (em tradução livre)

⁵⁶ Osanna Piccioni, esposa de Leone Piccioni.

Diga-me se precisa de alguma coisa daqui.

Acredito que em uma carta privada a uma pessoa amiga o embaixador em Estocolmo tenha feito alusão à outra candidatura (Bacchelli): é necessário que o Embaixador saiba claramente que tem que apoiar também a minha candidatura. Significa que os Acadêmicos escolherão entre as duas. Nas embaixadas tem sempre (ou adido cultural, ou um outro pateta) quem propositadamente coloca uma pedra no caminho.

[39]

[Roma, 21 de maio de 1954]

Caríssimo,

recebo sua carta.

Não é absolutamente necessário que a Lincei faça a proposta. Se quiser fazer, tudo bem. A proposta pode ser feita por uma entidade qualquer de cultura, ou mesmo diretamente pelo próprio governo. Creio que para Papini⁵⁷, por exemplo, quando concorria Croce proposto pela Lincei, o nome foi oficialmente proposto não pela Lincei, mas pelo Ministro da Educação Pública, então Gonella⁵⁸.

Trata-se de uma proposta a ser redigida mais ou menos como segue:

Ao Secretário Geral do Prêmio Nobel

Acreditamos ser nosso dever chamar a atenção deste ilustre conselho para a obra de Giuseppe Ungaretti.

Giuseppe Ungaretti, professor de lit. italiana na Universidade de Roma, cuja tradução das poesias completas em francês saiu recentemente, dedicou com admirável dignidade toda a sua existência à mais alta atividade do espírito.

Reconhecida universalmente como uma das mais originais expressões poéticas do nosso tempo, a obra de Giuseppe Ungaretti nos parece em cada ponto, assim, aspirar ao coroamento do Prêmio Nobel de literatura.

Queira aceitar, Senhor Secretário Geral, etc.

Tal proposta deve ser entregue ao Secretário Geral pelo nosso Embaixador.

⁵⁷ Ver nota 37 da dissertação.

⁵⁸ Guido Gonella (1905-1982), político italiano.

No ano passado, por exemplo, pela França concorriam Mauriac⁵⁹ e Claudel. Não escolheram o melhor, mas isso demonstra que se pode muito bem concorrer dois, três, dez. A proposta do nome de Perse⁶⁰, que também concorria, foi feita por grupos de personalidades americanas.

A Secretaria Geral recebeu diretamente dos meus editores franceses e italianos proposta do meu nome e livros meus. Propostas feitas por ex-prêmios Nobel, escritores, professores universitários, espero poder fazer chegar logo.

Se a Accademia dei Lincei, depois que Croce pelas suas rusgas desfez a Accademia d'Italia⁶¹, constituindo a classe de letras com Flora, Bacchelli e Pancrazi, de modo que não poderá nunca funcionar, não quer dizer que o governo pode negligenciar seu dever de indicar ao Prêmio Nobel quem tem qualquer possibilidade de ser premiado.

Como está a sua mulher e o Giovannino⁶²? Trabalho, não paro nunca de trabalhar, e precisaria descansar.

Desejo-lhe tudo de bom. Quero vê-lo logo em Roma.

Um abraço do seu

Ungaretti

Começam a sair os ensaios na França, incluindo jornais e revistas comunistas. Elogios plenos.

Saiu o artigo em “Tempo”⁶³ de De Robertis.

[41]

[Roma, 27 de maio de 1954]

Caríssimo Leone,

⁵⁹ François Mauriac (1885-1970), escritor francês, recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1952.

⁶⁰ Saint-John Perse, pseudônimo de Alexis Leger (1887-1975), poeta francês, recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1960.

⁶¹ A *Accademia d'Italia* foi fundada em 1926, durante o governo fascista, mas inaugurada apenas em 1929, com o objetivo de “promover e coordenar o movimento intelectual italiano no campo das ciências, das letras e das artes, de conservar puro o caráter nacional, de acordo com o talento e as tradições dos antepassados e de favorecer a expansão e a influência além das fronteiras do Estado” (artigo 2º do Estatuto), in <http://www.lincei-celebrazioni.it/i1926i.html>, acessado em 12.10.2018. Foi dissolvida oficialmente em 1944.

⁶² Giovanni Piccioni, filho de Leone Piccioni.

⁶³ *Tempo*, revista semanal italiana, publicada entre 1939 e 1976.

o Dr. Oesterling⁶⁴, secretário permanente da Academia Sueca escreve à Mondadori⁶⁵, em 17 de maio!

“Conheço naturalmente a fama e a posição desse poeta italiano, mas tenho muito interesse de conhecer de forma mais completa a obra.

“No que diz respeito à candidatura ao Prêmio Nobel, posso apenas informá-lo que o Estatuto Especial é formulado como segue:

“O direito de indicar candidatos ao prêmio pode ser exercitado

- por membros da Academia da Suécia,
- por membros de outras academias, institutos e sociedades afins no que diz respeito às funções e aos escopos,
- por professores universitários de história da literatura e de língua,
- por escritores que já receberam o Prêmio Nobel de literatura,
- por Presidentes de Associações dos Autores, Associações que representam as atividades literários dos respectivos países.

etc.”

Peça, por favor, por meio do nosso amigo Folco Portinari – CAMBIANO – Turim, a Getto⁶⁶ para fazer uma das solicitações, em papel timbrado da faculdade, com o seu título sob o nome. A solicitação deve ser enviada ao Dr. Oesterling – Permanent Secretary of Swedish Academy – Estocolmo (Suécia).

Uma solicitação farei com que De Robertis a faça, e outra Caretti⁶⁷. Na França terei outros dois ou três professores; e dois ou três ex-prêmios Nobel levarão, espero, o meu nome.

Como você está? Pobre Leoncino. Serão longos, longos, os dias. Está trabalhando um pouco? Você estava envolvido, me parece, em rever o Manzoni. Creio que para os *Inni*⁶⁸ terei que destacar coisas não pouco curiosas, e tornaram já “objeto” do meu curso. Este ano já maltratei Gozzano⁶⁹, salvei – aqui e ali – Corazzini⁷⁰, comentei *Prose pour des Esseintes*⁷¹

⁶⁴ Ver nota 111 da dissertação.

⁶⁵ Arnoldo Mondadori Editore, editora italiana fundada em 1907.

⁶⁶ Ver nota 104 da dissertação.

⁶⁷ Ver nota 105 da dissertação.

⁶⁸ *Inni Sacri*, de Alessandro Manzoni, coletânea de poemas de cunho religioso escritos entre 1812 e 1822.

⁶⁹ Guido Gozzano (1883-1916), poeta e escritor italiano.

⁷⁰ Sergio Corazzini (1886-1907), poeta italiano.

⁷¹ *Prose pour des Esseintes*, poesia do poeta francês Stéphane Mallarmé (1842-1898).

para mostrar, à luz de *A Rebours* de Huysmans⁷², a importância que os escritores latinos de decadência tiveram na renovação – fazendo na sua poesia de forma análoga – da linguagem poética francesa de Baudelaire⁷³ em diante. E finalmente para indicar com clareza aquilo que se deve entender por sentimento da decadência, voltei a comentar *La Primavera*. É a mais bela poesia que se pode imaginar. Quanto mais a leio, mais ficam claras para mim, e mais Leopardi se torna um gigante.

Todo o *crepuscularume* é pior do que nada. Antes de Campana⁷⁴ havia a poesiazinha (salvo Pascoli⁷⁵ ou D’Annunzio ou Carducci) que está para a poesia assim como Gandolin⁷⁶ está para a prosa.

Giovannino se surpreende que também os grandes quebram a perna? Como está Osanna? Nós aqui pensamos em vocês com muito afeto e desejamos a todos tudo de bom.

Um abraço do seu

Ungaretti

Escreve Svantroem⁷⁷, amigo de Mondadori: O Dr. Oesterling conhece muito bem a obra de Giuseppe Ungaretti e parece que lhe tem em alta opinião. Estou certo de que as informações dadas por ele serão suficientes para iniciar o processo.

[42]

[Roma, <30> de maio de 1954]

Caríssimo Leone,

como você está? Conto os dias que me separam do seu retorno. Desejo ainda tudo de bom para você.

Devo ter-lhe escrito alguns dias atrás sobre como estão andando as coisas do Prêmio Nobel. Nestes dias (em 17 de maio) chegou à Mondadori uma carta do Dr. Oesterling, Permanent Secretary of the Swedish Academy – Estocolmo – Suécia – a quem são dirigidas as propostas de candidatura para o Prêmio Nobel.

⁷² *A Rebours* [Às Aversas], romance do escritor e crítico de arte francês Joris-Karl Huysmans (1848-1907).

⁷³ Charles Baudelaire (1821-1867), poeta francês.

⁷⁴ Dino Campana (1885-1932), poeta italiano.

⁷⁵ Giovanni Pascoli (1855-1912), poeta italiano.

⁷⁶ Gandolin, pseudônimo de Luigi Arnaldo Vassallo (1852-1906), jornalista e escritor italiano.

⁷⁷ Ragnar Svanström (1904-1988), editor sueco.

Escreve: “Conheço naturalmente a fama e a posição desse poeta italiano, mas tenho muito interesse de conhecer de forma mais completa a obra.

“No que diz respeito à candidatura ao Prêmio Nobel, posso apenas informá-lo que o Estatuto Especial é formulado como segue:

“O direito de indicar candidatos ao prêmio pode ser exercitado

- por membros da Academia da Suécia,
- por membros de outras academias, institutos e sociedades afins no que diz respeito às funções e aos escopos,
- por professores universitários de história da literatura e de língua,
- por escritores que já receberam o Prêmio Nobel de literatura,
- por Presidentes de Associações dos Autores, Associações que representam as atividades literárias dos respectivos países.”

Simultaneamente à carta de 18 de maio, o Senhor Ragnar Svanstroem, diretor literário de Norstedt e Soener Forlag em Estocolmo, grande amigo do Dr. Oesterling, escreveu para Alberto Mondadori:

“A indicação deve vir de uma academia pública, ou de um professor universitário de história da literatura ou de qualquer uma das línguas modernas. O Dr. Oesterling conhece muito bem as obras de Giuseppe Ungaretti e parece que lhe tem em alta opinião. Estou certo de que as informações dadas por ele serão suficientes para iniciar o processo”.

Parto amanhã, segunda-feira, para Florença e verei De Robertis. Professores amigos que poderiam fazer para mim a solicitação são: Getto (fale sobre isso com Portinari), Caretti, Binni⁷⁸, Bosco⁷⁹, talvez outros. Pense em qualquer outro nome. Naturalmente em primeiro lugar De Robertis. Haverá também, espero, um certo número de professores franceses e suíços. Depois pensaremos em outros países.

Fomos convidados, minha mulher e eu, para o recebimento do Presidente da República para a Festa Nacional⁸⁰. É a primeira vez.

Quanto a Bodini⁸¹ (a sua revista em muitas partes não está ruim; justíssimas as observações sobre Gozzano), se você não quiser falar com ele, pode pedir a Portinari, que tem o livro, que tratou de mim, bem, repetidas vezes, que escreveu sua dissertação sobre a minha poesia.

⁷⁸ Walter Binni (1913-1997), crítico literário italiano.

⁷⁹ Umberto Bosco (1900-1987), crítico e filólogo italiano.

⁸⁰ Ungaretti provavelmente se refere à *Festa della Repubblica*, comemorada no dia 2 de junho, quando se comemora o nascimento da República na Itália.

⁸¹ Vittorio Bodini (1914-1970), poeta e tradutor italiano.

Envio-lhe uma coisa que me mandou Savini (via Guido Reni, 32 – Roma) para “L’Approdo”⁸². Se der, muitos agradecimentos também da minha parte.

Meus cumprimentos a Osanna. E queremos receber notícias do Giovannino.

Um abraço do seu

Ungaretti

Se a Embaixada em Estocolmo responder que já tem uma outra candidatura, pode-se dizer que isso não significa nada. O ano passado houve três candidatura<s> francesas, que eu saiba: Mauriac, Claudel, Perse, e duas italianas, ou talvez três: Bacchelli, Moravia⁸³, Papini. Naturalmente a Academia é livre para escolher quem quiser. Trata-se simplesmente de concorrer ao Prêmio.

[44]

Roma, 5.6.1954

Piazza Remuria, 3

Caro Leoncino,

Angioletti⁸⁴ me disse que você está muito nervoso. Sou nervoso a minha vida toda, e continuamente com períodos de insônia, e a minha experiência pode talvez servir para alguma coisa. A única cura é se distrair e recorrer a tônicos. Os calmantes pouco servem. Para se distrair, você tem o trabalho, a leitura. Reencontrei o sono, em um período terrível da minha vida, lendo em noites inteiras as obras completas de Balzac⁸⁵. Antes de chegar ao final reencontrei a calma. Você deveria tentar pensar em Manzoni. Não é fácil, é verdade, encontrar o ponto a partir do qual movê-lo. Mas uma releitura de *Promessi Sposi* talvez possa ser útil para você para descobrir o ponto vivo. Um grande nervoso também ele, e um grande maníaco. Mas que força de vontade, e como sabia encontrar os desvios. Bem. Escreva-me dizendo que está melhor, logo.

Estive em Florença, você recebeu o cartão. De Robertis escreveu e enviou à Academia Sueca a carta anexa. De acordo com o regulamento da Academia, a partir daquele momento,

⁸² Revista trimestral literária dirigida por Piccioni. O conteúdo das edições da revista *L’approdo letterario* estão disponíveis em <http://www.approdoletterario.teche.rai.it/Default.aspx>.

⁸³ Alberto Moravia, pseudônimo de Alberto Pincherle (1905-1990), escritor italiano.

⁸⁴ Ver nota 162 da dissertação.

⁸⁵ Honoré de Balzac (1799-1850), escritor francês, autor de *A Comédia Humana*, entre outros.

isto é, a partir de 1º de junho, foi formalmente apresentada minha candidatura ao Prêmio Nobel. Outras cartas poderão ser úteis, mas são supérfluas. Agora é necessário que o Ministro das Relações [Exteriores] peça ao nosso Embaixador que apoie da forma mais eficiente a minha solicitação. Sei que geralmente o nosso corpo diplomático está pouco ciente das coisas da literatura de hoje. Sei por experiência. Sei que pode confundir Ungaretti com o primeiro borra-papéis que aparecer, e que contra um homem de letras geralmente há o comportamento de quem dá prova de muita superioridade para ouvir. Um Prêmio Nobel para a Itália serviria à nossa política externa muito mais do que se imagina. Franceses e ingleses e os Estados Unidos sabem muito bem o que significa o prestígio da cultura. A Itália, que não tem quase outr<a> riqueza, quer continuar a negligenciá-lo?

Lembranças à Osanna.

Um abraço com muito afeto do seu

Giuseppe Ungaretti

[46]

[Roma, 9 de junho de 1954]

Caríssimo Leoncino,

sou muito grato a Getto e a Portinari. As notícias são boas, e me telefonam de Milão com outras notícias encorajadoras chegadas de Estocolmo, juntamente com o pedido de que não falte o necessário apoio das nossas autoridades diplomáticas.

Recebo neste momento do Ministro Martino⁸⁶ um telegrama no qual me diz que, conforme proposto por ele, o Presidente da República⁸⁷ assinou o decreto no qual me é conferido o Diploma de Medalha de ouro de mérito da cultura⁸⁸.

Quanto a Branca⁸⁹, faz como achar melhor. De qualquer modo, cá está: mando-lhe as fichas de subscrição para o meu livro (duas vezes), e havia a Biblioteca da Fondazione Cini⁹⁰,

⁸⁶ Gaetano Martino (1900-1967), político italiano, que, na época em que a carta foi escrita, era Ministro da Educação Pública.

⁸⁷ Luigi Einaudi (1874-1961), foi o segundo Presidente da República Italiana, de 1948 a 1955.

⁸⁸ *Medaglia ai benemeriti della cultura e dell'arte* [Medalha de mérito da cultura e da arte], instituída em 1950, é concedida por decreto do Presidente da República Italiana a pessoas que contribuem com a arte, literatura ou cultura italianas.

⁸⁹ Vittore Branca (1913-2004), historiador de literatura e filólogo italiano.

⁹⁰ Fondazione Giorgio Cini, fundação cultural estabelecida pelo conde Vittorio Cini (1885-1977, político e empresário italiano) em 1951, em memória de seu filho Giorgio, que havia morrido em 1949 em um acidente aéreo.

e havia o próprio Cini, que podiam subscrever (Cini que tem simpatia por mim, teria subscrito de boa vontade). E Branca não se dignou sequer a responder as minhas cartas.

Além disso, há o golpinho maldoso na Unesco. Depois de nos ter feito perder um posto importante, indo embora bruscamente, quis substituir todos, inclusive eu, da Delegação que irá à Assembleia em Montevideú. É homem – assim me parece – que adula as pessoas apenas quando tem necessidade.

Seja como for, se você acreditar que é útil a carta de Branca para Estocolmo, faça com que ele a escreva. Talvez seja conveniente, às vezes, fingirmos nós também que não sabemos, e deixar seguir. O que importa é conseguir o Nobel. Talvez, se Deus quiser, conseguiremos.

Um forte abraço do

Seu

Ungaretti

E lembranças afetuosas de todos nós à Osanna

Você recebeu cópia da carta enviada por De Robertis

[47]

[Roma, junho de 1954]

Caríssimo Leone,

Envio-lhe para “L’Approdo” dois textos (respectivamente para a transmissão e para a revista) de Gigi Cavalli⁹¹ que com Caretti preparou uma ótima tese sobre a minha poesia. Caso outros já tenham recebido essa incumbência, veja se passa em outro programa.

A Condessa Pecci Blunt⁹², com quem estive hoje no café da manhã, escreverá a Mauriac (prêmio Nobel) para que apoie o meu nome. Ainda escreverá ao Embaixador em Estocolmo (Del Drago, creio) para que apoie a minha candidatura. A Condessa é muito ligada a Del Drago (talvez esteja enganado quanto ao nome): mas é uma iniciativa pessoal. Será necessário que também o Ministro das Relações Exteriores⁹³ apoie oficialmente o meu nome, ou melhor, peça que com toda habilidade o Embaixador apoie o meu nome. Aos membros

⁹¹ Gigi Cavalli (1929-2017), diretor e editor italiano, escreveu sua tese para conclusão de curso na *Università di Pavia* sobre Ungaretti, em 1954.

⁹² Condessa Anna Laetitia Pecci Blunt (1885-1971), colecionadora de arte e mecenas italiana.

⁹³ O Ministro das Relações Exteriores, como mencionado na nota 42 supra, era Attilio Piccioni.

influentes da Academia sueca, amigos pessoais da Condessa e meus amigos escrevem nestes dias.

Sabe que também a Radio francesa e jornais franceses indicaram o meu nome para um Nobel para a Itália.

Não sei quanto pode servir, mas lembro a você que a Comissão internacional de escritores e artistas, que por iniciativa da Unesco (havia os mais belos nomes da arte do mundo de hoje) preparou a Conferência de Veneza, me designou por unanimidade para o discurso inaugural.⁹⁴ Eu não fazia parte daquela comissão. Junto a carta do Editor francês⁹⁵; também a Mondadori enviou depois uma carta igual.

Um abraço,

Ungaretti

[48]

[junho de 1954]

Caríssimo,

para o Nobel ainda há adesões da Itália, da França, da Espanha e de outros lugares. O sucesso do livro francês continua. A Radio francesa todo sábado dedica meia hora a ele. Etc.

Creio que, se por parte da nossa representação diplomática em Estocolmo for feito aquilo que em casos semelhantes fazem franceses, ou sul-americanos, ou ingleses, etc., não será difícil obter desta vez o prêmio. Desde o atribuído a Pirandello, da Itália não se falou mais⁹⁶.

A pessoa que em Estocolmo, por desejo de Mondadori, se ocupa especialmente da minha candidatura é

Ragnar Svanstroem

Diretor literário de Norstedt e Soener

⁹⁴ Foi realizada em setembro de 1952, em Veneza, a Conferência Internacional de Artistas, organizada pela Unesco, tendo Ungaretti proferido a palestra inaugural. Os anais da Conferência, que incluem o discurso de Ungaretti, podem ser encontrados em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000066858?posInSet=1&queryId=91d8556a-eb98-431e-98c7-d6a04c471fa1> (acessado em 18.02.2019).

⁹⁵ A carta anexada é a do editor *des Éditions de Minuit*, Jérôme Lindon, ao secretário geral do Prêmio Nobel.

⁹⁶ Luigi Pirandello recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1934. Depois disso, somente em 1959 o prêmio foi atribuído a um italiano, o poeta Salvatore Quasimodo.

Tricherigatan 2

Estocolmo, 2

A Svanstroem, para qualquer informação, também sobre o modo mais profícuo de se passar pelas etapas, poderia eventualmente recorrer um encarregado da Embaixada. Svanstroem é amicíssimo do Dr. <A> Oesterling, secretário permanente da academia sueca, e do Doutor Hjalmar Gullberg, Borgshydden, Djurgarden, Estocolmo, acadêmico sueco e poeta ilustre. Essas três pessoas receberam os meus livros, também na edição francesa, e conhecem a minha poesia, e também me disseram que a têm em alta estima.

Naturalmente seria necessário encontrar o modo de atrair para mim também a atenção dos outros acadêmicos, além dos dois mencionados. É coisa, eu sei, delicada, mas os diplomatas existem com o propósito de resolver as coisas que exigem muita delicadeza no trato.

Não sei se Branca escreveu então a famosa carta. Não respondi ao seu convite. E no caso, responderei a Getto, que é também Diretor da revista⁹⁷.

Diga-me se Branca escreveu a carta. Não que seja necessária aquela carta. Mas para a minha <...>

Um abraço do seu

Ungaretti

Começou a colocar na terra o pé? Logo o veremos ágil como um cervo –

Bo⁹⁸ fez nas Salas da exposição Rouault⁹⁹ uma conferência sobre mim e Rouault, seguida de leitura de coisas minhas, de Corneille¹⁰⁰ e de um outro.

Estava toda a Milão (também, me escrevem, Montale¹⁰¹).

Caía o teto com os aplausos.

[56]

6/8/1954

Roma, Piazza Remuria, 3

⁹⁷ Branca e Getto eram diretores da revista *Lettere Italiane*.

⁹⁸ Ver nota 138 da dissertação.

⁹⁹ Em 1954 a Galeria de Arte Moderna de Milão havia montado uma retrospectiva de Rouault.

¹⁰⁰ Pierre Corneille (1606-1684), dramaturgo francês.

¹⁰¹ Eugenio Montale (1896-1981), poeta italiano, recebeu o Prêmio Nobel de literatura em 1975.

Caríssimo Leone,

estou feliz em poder revê-lo logo.

Recebi o livro de Cassola¹⁰². Não é ruim. Entre Paolieri¹⁰³ e Pea¹⁰⁴. Certamente Pea é uma outra coisa. Mas esperava mais. Este ano tem realmente pouco. O único narrador nato é Parise¹⁰⁵, mas por outro lado o seu livro tem um lado sensacionalista, não desejado, mas que não permite julgá-lo com serenidade. Há também um outro narrador ao qual será necessário ficar atento, e que, pelo menos, não é “apenas” “aborrecidamente” “neorrealista”, e é aquele Montella¹⁰⁶, de *Parenti del Sud*.

O Nobel. Os americanos de língua espanhola fazem o diabo a quatro para apoiar a candidatura de Riccardo Rojas¹⁰⁷, argentino. E, naturalmente, aquele candidato terá o apoio diplomático de que necessita. E assim, no passado, foram apoiadas as candidaturas inglesas, e francesas, ou outras, pelos respectivos governos, que não podem não perceber o peso para o seu prestígio (para o prestígio do seu país) ligado a um prêmio como o Nobel. Não sei de nada. E será o que Deus quiser. Da minha parte fiz tudo que era possível. Teria todo o apoio da América do Sul se não fosse o contratempo de um candidato de lá. Envio-lhe um jornal argentino.

Para o Viareggio¹⁰⁸ farei o meu melhor. Para o outro concurso apoiá-lo-ei firmemente, como o seu mérito exige.¹⁰⁹

Um abraço a Giovannino, à esposa e a você do seu afetuoso

Ungaretti

Migone¹¹⁰ (diretor geral de relações culturais), que tem muitos amigos na Suécia, onde foi ministro, se não me engano, e é casado com uma sueca, poderia talvez dar algum conselho útil.

O seu

¹⁰² Carlo Cassola (1917-1987), escritor e ensaísta italiano. O livro a que Ungaretti se refere é *Il taglio del bosco*, publicado em 1954 pela editora Fabbri.

¹⁰³ Ferdinando Paolieri (1878-1928), escritor italiano.

¹⁰⁴ Ver nota 41 da dissertação.

¹⁰⁵ Goffredo Parise (1929-1986), escritor italiano.

¹⁰⁶ Carlo Montella (1922-2010), escritor italiano.

¹⁰⁷ Ricardo Rojas (1882-1957), escritor argentino.

¹⁰⁸ Prêmio Literário Internacional Viareggio Repaci, instituído em 1929 pelos escritores italianos Leonida Repaci, Alberto Colantuoni e Carlo Salsa.

¹⁰⁹ O concurso ao qual Ungaretti se refere é o concurso para livre docência em literatura italiana que Piccioni obteve em 1955.

¹¹⁰ Ver nota 113 da dissertação.

Ungaretti

[58]

Roma, Piazza Remuria, 3

30.8.1954

Caro Leoncino

uma boa notícia: Elliot escreve a Lescure que havia falado de mim e que seria uma grande satisfação para ele se Ungaretti “could be recognized in that way (o Nobel) before too long”.

Parto amanhã à noite

Endereço em Genebra: na Pension Vieux-Champel – 11 av. <de> Champel – onde permanecerei até 12 de setembro.

Um abraço para você e para os seus com grandíssimo afeto

Giuseppe Ungaretti

[59]

Genebra, 4.9.54

Pension Vieux Champel

av. de Champel, 11.

Caro Leoncino,

estou aqui em uma casa em meio a um parque, e moro em quarto onde viveram Henry James¹¹¹ e, depois, Bergson¹¹². Grande paz, e todos, de todas as partes do mundo, me festejam, e a minha vaidade jamais teria esperado tanto. A carta de Elliot a Lescure diz em resumo assim: “Suspeitava que Ung. fosse muito importante, mas não havia lido nada seu que não fosse no texto italiano, que leio mal. O seu livro me fez sentir a verdadeira grandíssima importância e logo escrevo para o Nobel.”

¹¹¹ Ver nota 209 da dissertação.

¹¹² Ver nota 210 da dissertação.

Então o Ministro fará o seu melhor na Embaixada de Estocolmo – está em boa companhia. Também Marcel Raymond¹¹³, o professor da Universidade de Genebra, autor do famoso *Da Baudelaire al Surrealismo*, escreveu com entusiasmo.

Até breve. Um abraço para você e para os seus do seu afetuosíssimo

Ungaretti

Ao Embaixador de Estocolmo escreveram pessoalmente três amigos seus: a Condessa Pecci, o vice-diretor geral de assuntos políticos e aquele jovem vice-cônsul Mor¹¹⁴.

[60]

Roma, 25 de agosto de 1954
[22 de setembro de 1954]
Piazza Remuria, 3.

Caro, meu caro Leoncino,

estou, e você bem sabe, junto a você com todo o meu coração, e junto ao seu pai e aos seus. Telefonei esta manhã à Rádio para saber como como poderia fazer para vê-lo. No seu escritório não souberam me dizer como seria possível. Iria vê-lo eu. Um abraço.¹¹⁵

Do seu

Ungaretti

[61]

25/10/1954

Caríssimo,

parto hoje para Montevidéu.

Envio ao seu pai, a você, a todos os seus, e particularmente a Piero, as minhas saudações afetuosas. Dê-me notícias.

¹¹³ Ver nota 120 da dissertação.

¹¹⁴ Ver nota 211 da dissertação.

¹¹⁵ Esta carta e as cartas 25.10.1954 e 6.11.1954 se referem à prisão do irmão de Piccioni, Piero Piccioni, acusado da morte de uma jovem, Wilma Montesi, nos arredores de Roma, o que levou Attilio Piccioni a entregar o cargo de ministro. Em 1957 Piero Piccioni foi absolvido.

Estou certo de que a terrível prova terminará logo. Estou, como sempre estive, próximo a vocês com o meu coração.

Um abraço forte,

Do seu

Ungaretti

Montevidéu (Uruguai)
Deleg. ital. confer. Unesco
na Embaixada da Itália

[62]

6/11/1954

Caro Leoncino,

amanhã estaremos no Rio, e dentro de quatro dias em Montevidéu. Meu pensamento está sempre voltado para vocês.

Em Dacar vi na vitrina de uma livraria (mas a loja já estava fechada e não pude comprar o volume) um livro que tinha como título (mais ou menos) *Elle a dit toute la vérité sur la mort de Wilma Montesi*, e na capa havia um retrato da Caglio¹¹⁶. Será fácil encontrar o livro em Paris, creio. Não consegui decifrar o nome do autor. Pareceu-me um nome italiano. A Caglio comercializou suas “calúnias” até no exterior?

Um abraço para você e toda a sua família do seu

Ungaretti

[89]

[<fim de agosto de 1958>]

Caro Leone,

envio-lhe esta folha com algumas anotações:

Piccioni

¹¹⁶ Maria Augusta Moneta Caglio Bessier d'Istria foi uma das testemunhas no caso da morte de Wilma Montesi.

você escreveu para Sauvage¹¹⁷?

“ “ Paul Fort¹¹⁸?

escreva para Ponge¹¹⁹, ou peça a Mandiargues¹²⁰ (é ensaio a ser pago – escreverá um poema e será melhor que um ensaio) –

tenho uma carta de Howard R. Marraro¹²¹, prof. de italiano da Columbia University.

Solicitado a indicar um nome para o Nobel, propôs o meu (sobre isso mantenha segredo: são passos quase inúteis, de resto).

Pergunte a Rebay¹²² (acredito que seja seu professor) se não considera delicado pedir que ele contribua com a homenagem.¹²³

Quanto à parte italiana, mantenha tudo em suspenso. Talvez seja melhor não fazer nada. Na Itália me deram tanto desgosto, cometeram tantas injustiças comigo, basta!

Faremos sobre isso com tranquilidade, e espero que logo.

Quanto aos estrangeiros, será necessário que eu veja tudo; haverá coisas inúteis, e poderão ser cortadas.

Não precisa dar ao público a sensação de que não estou ávido por adulação.

Do Egito, nada?

Se Borgès¹²⁴ mandasse uma homenagem, da América do Sul estaria bom. Mas também este ponto é para se pensar.

Quanto aos desenhos – se não houver melhor. Corre-se facilmente o risco de ser cafona.

Quanto a Cendrars¹²⁵, pergunta se não faz nada para Tamburi¹²⁶.

Ficarei também contente se Salmon¹²⁷ (mas não tenho o endereço) aparecesse na homenagem. É com Cendrars o remanescente daquele período Apollinaire¹²⁸, Max Jacob¹²⁹.

¹¹⁷ Marcel Sauvage (1985-1988), jornalista e escritor francês.

¹¹⁸ Paul Fort (1872-1960), poeta francês.

¹¹⁹ Francis Ponge (1899-1988), poeta francês.

¹²⁰ André Pieyre de Mandiargues (1909-1991), escritor francês.

¹²¹ Ver nota 126 da dissertação.

¹²² Luciano Rebay (1928-2014), crítico literário, professor de literatura italiana na Columbia University, especialista em Ungaretti.

¹²³ Ungaretti se refere nesta carta à preparação do volume em homenagem aos seus setenta anos.

¹²⁴ Jorge Luis Borges (1899-1986), escritor argentino.

¹²⁵ Blaise Cendrars (1887-1961), escritor francês.

¹²⁶ Orfeo Tamburi (1910-1994), pintor italiano.

¹²⁷ André Salmon (1881-1969), poeta francês.

¹²⁸ Guillaume Apollinaire (1880-1918), poeta francês.

¹²⁹ Max Jacob (1876-1944), poeta, escritor, pintor e crítico francês.

Talvez Tamburi tenha também o endereço de Salmon. Éramos bons amigos.

O seu

Ungaretti

[94]

Roma, Piazza Remuria, 3

12/3/1959

Caro Leone,

envio-lhe as provas.¹³⁰

Segue a carta de Loughlin¹³¹, da New Directions, editora da tradução de Mandelbaum¹³², ao adido cultural da nossa embaixada em Washington.

“If you are in touch with Ungaretti, perhaps you would wish to transmit to him this quotation from a letter I just received from Father Thomas Merton: “Really I think Ungaretti is terrific. His intensity is overwhelming- And the honesty with which he refuses to hammer anything but the nail. Most poets knock down the wall of the house. He is from now on one of my favourite poets.” Is that not a beautiful tribute? I would like to suggest that if it falls within the compass of your work, you might care to obtain a copy of the Italian text of Ungaretti’s complete poems and sent it to Father Merton at Our Lady of Gethsemani Monastery, Trappist, Kentucky. He has no way to order books, and I think he could be most appreciative, and perhaps make some translations”.

Envio-lhe também os documentos de Onorato¹³³. Trata-se do seguinte: os direitos alfandegários são fortíssimos, creio que superam o preço de fatura dos aparelhos importados. Os laboratórios universitários dispõem de créditos limitados, e se por despesas alfandegárias uma grande parte desses créditos for sacrificada, são os estudos a serem sacrificados ainda mais do que já são. Uma lei isenta os Institutos de Física dos direitos alfandegários. Mas os estudos têm talvez ciências privilegiadas, e ciências a serem sacrificadas? Sacrificando umas,

¹³⁰ Ungaretti refere-se às provas de *Taccuino del Vecchio. Ultimi cori per “La terra promessa”*, que foi publicado *L’Approdo Letterario*, V, n.s., 5, gennaio-marzo 1959, pp. 3-8.

¹³¹ James Loughlin (1914-1997), fundou em 1936 a editora New Directions.

¹³² Allen Mandelbaum (1926-2011), poeta, professor de literatura italiana e poeta norte-americano.

¹³³ Ettore Onorato (1899-1971), mineralogista italiano, à época diretor do Instituto de Mineralogia e Petrografia da Università di Roma, havia sido professor do Departamento de Mineralogia e Petrologia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, entre 1934 e 1939, onde criou o Museu de Mineralogia. Ungaretti juntou a esta carta uma carta de Onorato ao Ministro das Finanças e a resposta do diretor da circunscrição alfandegária de Roma. Muito provavelmente Ungaretti buscava a ajuda de Attilio Piccioni para solucionar esse problema.

não são prejudicadas também as outras? Será possível que o Ministro das Finanças não encontre o modo de facilitar o funcionamento dos laboratórios universitários, já tão penalizados pela pobreza dos créditos?

Um abraço do seu

Ungaretti

[101]

Roma, 30/10/1959

Caro Leone,

não consigo telefonar para você e escrevo.

Shana¹³⁴ gostaria de ficar para o café da manhã, ou almoço, conosco. Você está livre sábado, ou domingo, ou segunda? Iremos ao *buco*¹³⁵, às nove. Se você for, pedirei também para Osanna, Ninon¹³⁶, Mario¹³⁷ e Chiurazzi¹³⁸ irem. Telefone para a minha casa e, se eu não estiver, diga para Emilia o que você tiver decidido.

O Prêmio Nobel? Na Argentina, o “Nacion” anuncia o artigo de solidariedade a mim, na França, todos, naturalmente comigo também na imprensa, dos Estados Unidos recebo um telegrama de admiração, da rádio suíça uma longa carta idem. Guillen¹³⁹ caía das nuvens. Os russos mesmos...¹⁴⁰

Na Suécia você sabe o que o principal poeta deles escreveu no principal jornal de lá. Vendeu sonhos, se fez passar, nas suas viagens a Estocolmo, como membro do Comitê dos *Partigiani della Pace*¹⁴¹, como o Herói da Resistência, o chefe dos resistentes durante o fascismo, o perseguido que finalmente com a liberação pode empunhar a caneta e renovar a nossa poesia. É a motivação lida pelo Secretário permanente do Nobel. Você viu o artiguete no “Tempo” segundo o qual teria sido nomeado professor por *chiara fama* em 1944 pelo

¹³⁴ Silvia Zoppi Garampi acredita se tratar de Shana Alexander (1925-2005), jornalista norte-americana.

¹³⁵ Il Buco é um restaurante em Roma que Ungaretti frequentava regularmente. Há várias menções a ele na correspondência com Piccioni.

¹³⁶ Anna Maria “Ninon” Ungaretti Lafragola (1925-2015), filha de Ungaretti e Jeanne Dupoix Ungaretti.

¹³⁷ Mario Lafragola, futuro genro de Ungaretti.

¹³⁸ Gaetano Chiurazzi (1899-1967), galerista de arte italiano.

¹³⁹ Ver nota 129 da dissertação.

¹⁴⁰ Ungaretti aqui se refere ao Prêmio Nobel concedido naquele ano ao poeta italiano Salvatore Quasimodo.

¹⁴¹ Ver nota 130 da dissertação.

Governo de Salò?¹⁴² Não sei se a coisa é verdadeira. Nem em matéria literária deveria contar. Mas a motivação não se baseava em méritos de poesia.

E aquele Bo, quem diria? Foi ele quem propôs o nome dele com Flora. Pobrezinho.

Você viu o artigo de Cecchi¹⁴³. São ainda os velhos que crescem honestos, que não sabem ser outra coisa.

Parto para o Japão. Quinta-feira vou para Milão.

Um abraço do seu

Ungaretti

Portanto para o almoço fica definido quarta-feira.

Ninon convidou seu chefe para vir em casa terça-feira.

[103]

Roma, 5/XI/1959

Caríssimo,

dizia a você na carta anterior como os Embaixadores da Itália não sabem nunca nada de nada, e não fazem nada a não ser injustiça com a Itália.

Por qual motivo o Instituto de cultura italiano em Estocolmo há anos se limita a difundir na Suécia um único autor italiano, fazendo com que seja traduzido, etc.?¹⁴⁴

Por qual motivo, quando se estava para preparar o Prêmio Nobel deste ano, o Instituto italiano de cultura em Estocolmo, às custas do estado italiano, mandou traduzir para o italiano poetas suecos, entre os quais aqueles que faziam parte da Academia sueca, compreendendo entre tais poetas o onipotente secretário permanente da Academia e famoso (!!!) poetinha?¹⁴⁵

Por qual motivo se pede ao “único autor predileto do nosso Instituto de cultura em Estocolmo” o prefácio da mencionada Antologia?

Por qual motivo o Instituto de cultura italiano em Estocolmo há anos, desde sempre, não faz o que seria seu dever, que seria informar imparcialmente, objetivamente, segundo a

¹⁴² Ver nota 131 da dissertação.

¹⁴³ Ver nota 132 da dissertação.

¹⁴⁴ Ungaretti se refere a Salvatore Quasimodo, que teve duas antologias traduzidas e publicadas na Suécia em 1959.

¹⁴⁵ Em 1958 foi publicada uma antologia de poemas traduzidos para o italiano de 73 poetas suecos contemporâneos, com prefácio de Salvatore Quasimodo. Um desses poetas era Anders Österling, secretário permanente da Academia sueca.

opinião corrente da melhor crítica italiana, sobre o estado das letras de hoje, e sobre o valor que geralmente se atribui na Itália a cada autor italiano de hoje?

Abraços a você e aos seus. Do seu

Ungaretti

Escreva-me, se puder, para a Embaixada italiana. Tóquio, Japão
(Veja a outra página)

Lembrete para quem faz política que não é a arte dos cegos e dos surdos. Ou é?

Um Instituto de cultura no exterior tem o dever de informar de forma objetiva, segundo os resultados da crítica italiana em geral aceita, sobre o estado atual da nossa literatura e sobre o lugar nela que os diversos autores ocupam? Ou tal Instituto tem o direito de informar sobre um único autor italiano contemporâneo à nação estrangeira onde está sediado, promovendo a tradução unicamente da obra de tal escritor; promovendo, às custas do estado italiano, a tradução de poetas suecos, entre os quais os quatro que atribuem o Prêmio Nobel, e entre esses quatro o onipotente ditador do Prêmio e poetinha secretário permanente, e confiando o prefácio do volume traduzido – há poucos meses do Prêmio – ao supramencionado “único” autor italiano?

Naturalmente, embora o Instituto esteja sob a sua dependência, como sempre, em qualquer país, por qualquer coisa, o Embaixador não sabia nada de nada.

[104]

Tóquio, 29/XI/1959.

Caríssimo,

estamos fazendo uma viagem estupenda. Os japoneses fazem mil festas para mim. Aqui também estupefatos com a cretinice do Nobel.

Jornais cheios de louvores para mim.

Abraço a todos.

Seu

Ungaretti

A Bo lhe remorde a consciência? Que vergonha!

[190]

New-York 27 (N.Y.)
Butler Hall
400 West - 119th street
16/4/1964

Caríssimo

Está aqui de passagem Giorgio Mondadori¹⁴⁶, acompanhado da sua bela mulher, tendo vindo para cá para preparar um número da “Epoca”¹⁴⁷ sobre a Feira¹⁴⁸. Creio que será lembrada pela sua feiura, essa Feira, e a feiura do pavilhão do vaticano supera qualquer imaginação. Um cenógrafo de Hollywood o decorou, é todo corzinhas, e é coberto, à guisa de cúpula, por uma sombrinha chinesa. A arte pop para o pavilhão de Nova York, que parece de fato uma penitência, alinhou na fachada as fotografias dos criminosos de quem a cidade pode se orgulhar.

Quando você estiver aqui, precisará preparar para “L’Approdo” uma entrevista com a senhora Barr¹⁴⁹, que escreveu um belíssimo livro sobre Medardo Rosso¹⁵⁰. Foi o único grande sucesso artístico deste ano, a exposição das suas obras no Museu de arte moderna. Reconhecem todos agora que é o maior escultor do século XIX. Fale sobre isso com Giannelli¹⁵¹. “L’Approdo não pode deixar passar em branco um acontecimento de tamanha importância. No Guggenheim, dia 30, leio as traduções das minhas poesias.

Houve também, esta semana, na Universidade, uma leitura minha de uma hora das minhas poesias. Li as mais difíceis. O auditório veio abaixo de tanto aplauso. Provavelmente não entenderam nada. Mas a poesia não é preciso entendê-la. É segredo comunicado a segredo.

E então recepção ao Oscar, e, mais uma vez, o astro... era eu. E então recepção da Mondadori.

¹⁴⁶ Giorgio Mondadori (1917-2009), editor, foi presidente da Arnaldo Mondadori Editore.

¹⁴⁷ *Epoca*, revista semanal editada pela Arnaldo Mondadori Editore.

¹⁴⁸ Feira Mundial de Nova York de 1964-1965.

¹⁴⁹ Margaret Scolari Barr (1901-1987), professora e historiadora da arte ítalo-norte-americana.

¹⁵⁰ Medardo Rosso (1858-1928), escultor italiano.

¹⁵¹ Silvano Giannelli, redator de artes figurativas da revista L’Approdo.

E então mergulhei para descobrir como fazia Leopardi para inventar a linguagem da poesia nova com os “últimos” fragmentos. E é preciso ainda que se acabe se encontrando, e que seja si mesmo.¹⁵²

Fui a Washington. Estive com Perse, e com a irmã da finada Caetani¹⁵³ que fez “Commerce”¹⁵⁴. Essa irmã é mulher de Biddle¹⁵⁵, que foi, nos tempos de Roosevelt, attorney general e, em tal capacidade, presidente do tribunal de Nuremberg.

Te espero em Nova York, cidade onde os quatro ventos se enfurecem, mas onde finalmente não conheço mais resfriados. Um abraço do seu

Ungaretti

As coisas da Itália? Quando a máquina das finanças se estraga, são necessários anos de paciência para regulá-la de novo. A confiança é a coisa mais delicada deste mundo. Não entendo como Malagodi¹⁵⁶ ainda tem a cara de pau de dar conselhos. O pânico foi ele quem espalhou. A especulação negativa é sua culpa.

[191]

g.u.
BUTLER HALL
400 West 119th street
New-York 27
N.Y.
2/5/1964

Caríssimo

Você deve ter lido no “Messaggero”¹⁵⁷ do dia 30 a notícia das festividades que me preparavam aqui naquela noite. Os maiores poetas daqui traduziram coisas minhas também difíceis, e as leram. Na sala do Guggenheim havia 1000 pessoas. Fora, outras mil reivindicavam a entrada. E 4000 não fizeram menos do que vir mesmo sabendo que não havia

¹⁵² Ungaretti era *visiting professor* na Columbia University e daria 25 aulas sobre Leopardi.

¹⁵³ Ver nota 28 da dissertação.

¹⁵⁴ Ver nota 173 da dissertação.

¹⁵⁵ Francis Biddle (1886-1968), advogado e juiz norte-americano, foi Procurador-Geral dos Estados Unidos sob o governo Roosevelt. Sua mulher, a quem Ungaretti se refere, era a poeta Katherine Garrison Chapin.

¹⁵⁶ Giovanni Malagodi (1904-1991), político italiano, na época era secretário geral do Partido Liberal Italiano (PLI) e líder do partido na Câmara dos Deputados.

¹⁵⁷ Ver nota 215 da dissertação.

mais lugar. Um triunfo. Estava lá o que havia de melhor das letras deste país. Estou habituado, por parte dos meus pares. A merda é merda, e não lido com isso.

Poulet¹⁵⁸ manda finalmente o ensaio para “L’Approdo”, revista: sobre a *critique contemporaine française*. Peço a Roma para preparar logo a tradução.

Estava aqui Giorgio Mondadori e me forçaram a escrever para “Epoca” um artigo de abertura para o número, lançado no dia 27 último, sobre Nova-York. Muito trabalho e uma porcaria.¹⁵⁹

Te espero e te abraço

Ungaretti

Recebi notícia de que Fautrier¹⁶⁰ está moribundo. Vai embora o último dos verdadeiros pintores. Dos poetas ainda restam alguns. Mas não muitos.

[195]

New-York

20/5/1964

Caríssimo,

dia 28 subo no *Cristoforo Colombo* para voltar para a Itália, e no dia 5 estarei em Nápoles.

Pena que você não tenha vindo para cá. A festa dos Beats foi um acontecimento memorável. Li algo da LACERBA¹⁶¹ e depois *Mio fiume anche tu*¹⁶². Foi um delírio; beijavam minhas mãos. As mulheres estavam mesmo enfeitiçadas. *On s’en souviendra de ce fou d’Ungaretti*. Com 76 anos, ainda como um rapazinho.

Te abraço. Até logo. Dois ou três dias depois da chegada eu parto novamente: para Paris. Espero poder voltar a abraçar Fautrier.

Ungaretti

¹⁵⁸ Georges Poulet (1902-1991), crítico literário belga.

¹⁵⁹ O artigo foi *Un vecchio poeta ti saluta, nuovo mondo*, publicado na edição de 3 de maio de 1964.

¹⁶⁰ Jean Fautrier (1898-1964), pintor e escultor francês.

¹⁶¹ Ver nota 218 da dissertação.

¹⁶² Ver nota 219 da dissertação.

Roma, 5/XII/1965

Caro Leone,

fui *Accademico d'Italia*¹⁶³: na verdade, com os homens maiores da Itália de então, e me basta mencionar Fermi¹⁶⁴.

Durante a ocupação alemã, a Rádio Londres tem necessidade de um nome, e comunica o meu como adepto da Resistência, e na nossa casa abrigamos uma judia, e fui denunciado como traidor da Rádio dos republicanos.

Para o referendo contra a Monarquia, o “Avanti”¹⁶⁵ (e então Saragat¹⁶⁶ estava com aqueles socialistas) utiliza o meu nome, e o meu nome aparece no manifesto dos intelectuais afixado nos muros de toda a Itália naquela ocasião pelos partidos democratas.

Há necessidade, para a comissão da Unesco, de um homem que tenha, entre os intelectuais de todo o mundo, prestígio, e me nomeiam presidente da Comissão das Atividades Culturais, e faço parte de todas as conferências e participo delas em tal capacidade. Jemolo¹⁶⁷ e Pieraccini¹⁶⁸ e todos os democratas da Europa me pedem para entrar na Comissão de fundação da Sociedade Europeia de Cultura e depois insistem para que me torne o Presidente.

Todos os escritores democratas da Europa pedem, unanimemente, que eu assumo a Presidência da Comes¹⁶⁹, após a morte de Angioletti. Em todo o mundo me respeitam como um defensor da liberdade e da justiça, e por parte dos italianos acontece isso, para tirar de mim reconhecimentos que me eram devidos: eles, sem medo de me deixar na condição de homem profundamente ofendido do ponto de vista moral, declaram, soprando nos ouvidos crédulos de quem fosse possível, que fui *Accademico d'Italia*, e coisa pior, e eles obtêm prêmio Nobel, Senado, prêmio Feltrinelli¹⁷⁰, etc. Tudo bem. Tudo muito bem. Com os prêmios e o Senado eu não me importo. É o ato que é insuportável, e excessivamente

¹⁶³ Ver Capítulo 2.

¹⁶⁴ Ver nota 159 da dissertação.

¹⁶⁵ Ver nota 160 da dissertação.

¹⁶⁶ Giuseppe Saragat (1898-1988), 5º presidente da República Italiana (1964-1971).

¹⁶⁷ Arturo Carlo Jemolo (1891-1981), jurista e historiador italiano.

¹⁶⁸ Gaetano Pieraccini (1864-1957), médico e político italiano.

¹⁶⁹ Ver nota 161 da dissertação.

¹⁷⁰ Ver nota 163 da dissertação.

malévolo. Provavelmente irei embora deste país. Estou amarguradíssimo. Sofro por este novo insulto como um cão, um pobre cão frustrado.

Um abraço.

Ungaretti

[246]

São Paulo, 12/9/1966

Caríssimo,

recebi a tua carta e também uma do tipógrafo. Faça com que ele lhe restitua o manuscrito, que deverá me servir.¹⁷¹

Como você está? Parto amanhã e dia 27 estarei em Roma. Estou ansioso para revê-lo.

Aqui fizeram grandes festas para mim. Não passa um dia sem que os jornais publiquem fotos de mim e artigos sobre mim.

Voltarei para cá em abril e maio para uma hora de aula semanal na Universidade.

Até logo. Lembranças aos seus.

Um abraço do seu

Giuseppe Ungaretti

[261]

São Paulo, 14/5/1967

Caro Leone,

como você está? Estou impaciente para ter notícias suas e do seu irmão. Você está um pouco melhor agora? Escreva para mim, peço-lhe.

Me deram o honoris causa. Foi uma festa incrível. Os jornais até agora não param de me celebrar. Às vezes pareço Dante, mas, em suma, não sou mais do que um poeta e um professor que fizeram aquilo que podiam, e nos dias de hoje tanto uma quanto a outra profissão são de fato difíceis.

¹⁷¹ Ungaretti refere-se a *Morte delle stagioni*, que foi publicado em setembro de 1967.

Em que ponto está o livro de Turim?¹⁷² Estarei de volta a Nápoles no dia 17/6. Muito tarde. Mas como deixar Bruna¹⁷³ antes. Perco os anos a olhos vistos. Estou me tornando ridiculamente jovem.

Leoncino, escreva-me, e fique tranquilo

Giuseppe Ungaretti

[285]

Roma, 14 de outubro de 1968
(Via della Sierra Nevada,
1 – 00144 Roma)

[...]

Para a Suécia, peço-lhe que escreva aos amigos Ponzanelli¹⁷⁴ e Oreglia¹⁷⁵, e também, naturalmente, ao ilustre Österling¹⁷⁶, que eu não pretendo ir sem a certeza absoluta de que o Prêmio Nobel me será dado no ano vindouro. Não posso comprometer a minha saúde, em uma época do ano tão dura, por nada, e gostaria que me dessem uma garantia precisa.

[...]

Ungà

[294]

Prof. Ungaretti
16 Holyoak Street
Dudley house Apley Court
Cambridge, Mass.
USA
[2 de maio de 1969]

Caro Leone,

estou aqui, convidado de Harvard. Consideram-me o maior poeta vivo do mundo, e também no Canadá, onde estive outro dia. Seria convidado para a Califórnia, mas não posso ir. Tenho um apartamento magnífico, cinco cômodos, móveis coloniais, estilo Harvard, belíssimos. Tudo às custas de Harvard, e também sou alimentado, e tenho também uma

¹⁷² Referência também a *Morte delle stagioni*, que foi publicado pela editora Fògola, de Turim.

¹⁷³ Ver nota 7 da dissertação.

¹⁷⁴ Ver nota 139 da dissertação.

¹⁷⁵ Ver nota 140 da dissertação.

¹⁷⁶ Ver nota 101 da dissertação.

empregada doméstica, portuguesa, idosa e feia, e Wylie¹⁷⁷ colocado a meu inteiro dispor. Poderia não fazer nada. Mas é possível que Ungà não faça nada? Farei duas leituras das minhas poesias, farão um disco para uso exclusivo de Harvard e de outras duas universidades em New England onde deverei falar, isto é, ler as minhas poesias. As traduções são de Wylie, e são estupendas. Tive sorte com as traduções. Bachmann¹⁷⁸ e Celan¹⁷⁹, isto é, os dois melhores poetas alemães, Jaccottet¹⁸⁰, um ótimo poeta e um tradutor perfeito, etc. etc. etc.”

[...]

Um abraço

Ungaretti

[295]

[Harvard – Cambridge], 6/5/1969

Caro Leone,

por que deveria esconder alguma coisa da minha vida? É pura como um cristal, corajosa como aquela de um leão.

Portanto faça-se a nota sobre o prefácio de Mussolini naquele horrível *Porto Sepolto* editado, naqueles tempos – não mais como nos tempos do primeiro *Porto* – de forma perfeitamente cretina, ilustrações, papel e prefácio.¹⁸¹

“Conheci Mussolini nos tempo em que ainda era Diretor do “Avanti” e colaborava com a “Voce”¹⁸². Não sei por que, mas pra ele eu parecia, e também depois, um mito do desinteresse, da credulidade, se quiser, ou de uma sinceridade nas explosões da alma sem qualquer cálculo, em sentido algum.

Em seguida, nos tempos do Fascismo, não me inscrevi naquele Partido, não conheci as suas hierarquias, nem mesmo uma, e, com Groethuysen¹⁸³ – um filósofo de primeiríssima ordem e de extraordinária perspicácia, e escritor de elegância finíssima, autor de um livro

¹⁷⁷ Ver nota 222 da dissertação.

¹⁷⁸ Ver nota 223 da dissertação.

¹⁷⁹ Ver nota 224 da dissertação.

¹⁸⁰ Ver nota 32 da dissertação.

¹⁸¹ O prefácio de Mussolini em *Porto Sepolto* foi publicado na edição *Meridiani* de *Vita di un uomo*, da Editora Einaudi, que não incluiu, porém, essa nota.

¹⁸² Ver nota 50 da dissertação.

¹⁸³ Bernard Groethuysen (1880-1946), filósofo e escrito francês.

exemplar pelo conteúdo e pela forma, *Le Burgeois*, que havia ensinado na universidade de Bonn até o advento do Nazismo, que tinha como companheira Alix Guillain¹⁸⁴, redatora ardente do “Humanité”, a amiga mais íntima da minha mulher muitos anos antes de nos conhecermos, e sempre – com Paulhan¹⁸⁵ e com Michaux¹⁸⁶ e com Church¹⁸⁷, dirigi até a eclosão da última guerra, quando cessou a publicação, “Mesures”¹⁸⁸, que foi, então, a principal revista de literatura internacional. Colaboraram Joyce¹⁸⁹, Kafka¹⁹⁰, Pasternak¹⁹¹, Rilke¹⁹², o príncipe Mirski¹⁹³, que se tornou zeloso propagador do bolchevismo, e eles eram enfim colaboradores assíduos do que tinha de melhor em todos os países, e vivia naqueles tempos. Quando ia a Paris, ficava hospedado na casa de Groethuysen.

Aquilo que fiz, por aquela espécie de encanto que uma vez produzi em Mussolini e que nele permanecia, foi conseguir que fosse liberado do desterro um dos meus mais velhos amigos, o comunista Gigi Salvatori¹⁹⁴, foi que fossem colocados em liberdade tantos outros antifascistas, foi que fechassem um olho quando fiz escapar da Itália, e certamente da prisão certa, Andrea Caffi¹⁹⁵, e que se obtivesse para ele um posto de preceptor. Foram milhões de outros atos desse mesmo gênero.

Obtive para Caffi, para que pudesse viver em Paris e fazer à vontade a afirmação das suas convicções, o posto de preceptor dos filhos da Princesa¹⁹⁶. Minha família e eu, vivia-se naqueles anos, até o exílio no Brasil, principalmente utilizando com parcimônia imposta aquele pouco dinheiro que chegava a mim primeiro do “Commerce” e depois de “Mesures”.

Durante o Fascismo fui preso muitíssimas vezes porque costumava gritar naquela época, em lugares públicos, café ou rua, que tudo aquilo que se fazia na Itália era péssimo. Depois, era logo liberado. Mussolini sempre foi, já o disse, fraco em relação a mim, qualquer que fosse a atitude que eu ousasse assumir.

Quase no final da guerra, com os professores italianos que ensinavam comigo, fundando-a, na universidade de filosofia, ciências e letras de São Paulo, fomos forçados a voltar para a Itália, tendo o Brasil entrado na guerra com os aliados.

¹⁸⁴ Alix Guillain (1876-1951), escritora e jornalista belga.

¹⁸⁵ Ver nota 39 da dissertação.

¹⁸⁶ Ver nota 169 da dissertação.

¹⁸⁷ Ver nota 170 da dissertação.

¹⁸⁸ Ver nota 73 da dissertação.

¹⁸⁹ James Joyce (1882-1941), escritor irlandês

¹⁹⁰ Franz Kafka (1883-1924), escritor boêmio de língua alemã.

¹⁹¹ Boris Pasternak (1890-1960), poeta e escritor russo.

¹⁹² Rainer Maria Rilke (1875-1926), poeta nascido em Praga, na época pertencente ao Império Austro-Húngaro.

¹⁹³ D.S. Mirsky (1890-1939), historiador da literatura e escritor russo.

¹⁹⁴ Luigi Salvatori (1881-1946), advogado e político italiano.

¹⁹⁵ Ver nota 172 da dissertação.

¹⁹⁶ Trata-se de Marguerite Caetani.

Embarcamos em um velho navio, que havia sido rebatizado, chamando-o de *Bagé*, mas não navegava mais havia cinco lustros. Todo enferrujado como era, seguia em frente pior do que um caracol, parava a cada poucas milhas, e assim, gota a gota, chegamos ao Porto, e do Porto à Itália.

Os judeus italianos refugiados no Brasil tinham entregue à minha mulher – mulher francesa que me ensinava a coragem, embora não dissesse nunca uma palavra contra a Itália, mas considerasse Mussolini e o Fascismo o pior desastre que pudesse se abater sobre uma Nação – objetos e cartas para as suas famílias. [Uma] a uma, com a minha mulher, visitamos as suas casas romanas, paramos para sentar com eles, considerando-os irmãos queridos, como sempre considerei todos os homens.

Durante a ocupação, hospedei judeus na minha casa. Naquele período, quando encontrava militares nazistas, não conseguia me conter e gritava “assassinos”, e os amigos que me acompanhavam faziam depois longos e vãos sermões para demonstrar para mim que a coragem é também prudência, e tinham razão.

Parece-me que basta para aqueles que entortam o nariz, por um prefácio que não diz nada, a não ser que foi um homem singular na sua vida e que eu vivia de um pobre trabalho de escrutínio de jornais franceses para um boletim do Ministério do Exterior, trabalho que me foi confiado nos tempos de Sforza¹⁹⁷. Basta!”.

Essa nota, que corrigirei sobre novos rascunhos, deve ser publicada na íntegra.

Estou bem. Estou me tornando o ídolo de Harvard e de New England. No próximo ano me farão doutor honoris causa, como fará a Sorbonne, e já teria feito sem os motivos dos estudos.

Fiz o tour da Universidade, em todos os lugares acolhido como o primeiro dos poetas vivos atualmente – acolhido como tal, sem sombra de dúvida.

Li poesias minhas, primeiramente lidas com tradução de Wylie, uma tradução tão bela quanto o original. Será uma edição de Harvard. Em momentos me carregavam em triunfo.

Conquistei os Estados Unidos. Sou um Príncipe, o único Príncipe, apesar dos porcalhões, e acredito, estou seguro, que o mais porcalhão <é> aquele que vale quase nada, pior que Quasimodo, porcalhõesíssimo, e que fez um nome e “e ainda enriqueceu” de modo indecente.

Basta. Te quero bem.

¹⁹⁷ Ver nota 176 da dissertação.

Não tenho nada para esconder. Em Nova-York, com duas jovens estudantes judias, belíssimas, voluptuosíssimas, e com um outro jovem, eu sou jovem, fumamos maconha, e festejamos por vinte e quatro horas. Mas Montale estas loucuras não as conhecerá nunca, o *piripicchio* ele não tem, para as operações que levam ao paraíso. Tem o dinheiro, e a ganância do dinheiro, aquele pobre eunuco.

Um abraço forte, forte, forte,

o muito jovem Ungà

Haverá no *Poetry Room* de Harvard um disco da minha leitura de amanhã e documentação da anterior. É um selo que registra apenas os poetas mais importantes do século, para se conservar nos arquivos da universidade.

No livro de Prezzolini¹⁹⁸ recém lançado na “Voce”, pela Longanesi, estão as duas poesias inéditas (feias) em sua posse. Podem ser recuperadas de lá.

Darei todas as indicações sobre a disposição das poesias.

De Bruna publicarei após o meu, em letra cursiva, a sua parte do *Dialogo*, exceto as horrendas poesias *a Marco* e *alla zia Francesca*. Para a sua nota do *Dialogo*, aquilo que você disse no prefácio é ótimo e basta.

Mas não é possível omitir, e como cavalheiro, sem ofendê-la, as poesias de Bruna depois das minhas. Escreverei uma nota, e sem denguiques.

[298]

[New York, 22 de maio de 1969]

Caríssimo Leone,

estou em vias de retornar. Além dos colóquios com os meninos de Harvard (e meninas, flores de meninas), fiz em Harvard duas leituras das minhas poesias, aula magna mais do que lotadíssima, e leituras em todas as universidades de New-England. Estou bem como jamais estive. Giro de triunfo em triunfo.

¹⁹⁸ Ver nota 43 da dissertação.

Refiz inteiramente a poesia para Dunja¹⁹⁹. Mando-lhe uma cópia, mas deda na boca, e silêncio. Mando também, é dela a poesia, uma para a garota. É muito querida; isto é, quero dizer, tem a alma caprichosa, mas a mais amável que se pode esperar encontrar.

Até o final do mês estarei em Roma. Obrigado e obrigado a Marianni²⁰⁰ pelo trabalho dos rascunhos. Assim que estiver em Roma resolveremos tudo. Tenho no livro de Prezzolini as poesias: uma bela, a outra boba.

Há semanas que não tenho notícias de Marianni. O que aconteceu?

Caso haja urgência, escreva para Paris – Hôtel Pont Royal Pont-Royal Hôtel 7 rue de Montalembert PARIS VII FRANÇA

Um abraço com infinito afeto.

¹⁹⁹ Dunja Glamuzina Belli, jovem croata que Ungaretti havia conhecido na RAI.

²⁰⁰ Ariodante Marianni (1922-2007), poeta e tradutor italiano, foi também secretário de Ungaretti.